

Quando você não sabe quem é seu inimigo,
sua vida pode mudar de uma hora para outra.

HARLAN COBEN



uma questão de segundos

Uma história de **MICKEY BOLITAR**



uma questão de
segundos



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

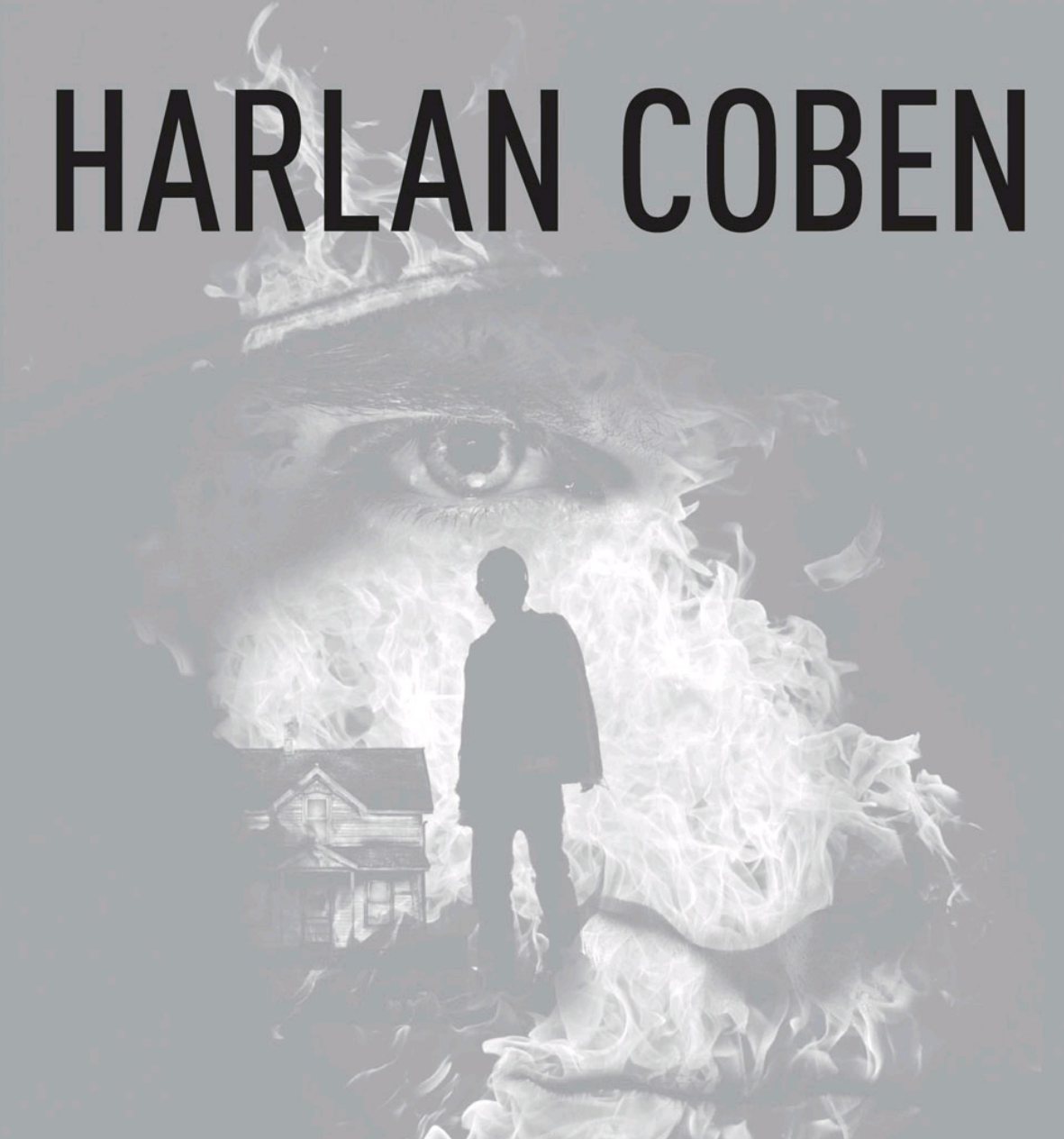
Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

HARLAN COBEN



uma questão de segundos

Uma história de **MICKEY BOLITAR**



Título original: *Seconds Away*
Copyright © 2012 por Harlan Coben
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Maria Clara de Biase
preparo de originais: Gabriel Machado
revisão: Fátima Amendoeira Maciel, Flávia Midori e Milena Vargas
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa: Greg Stadnyk
imagem de capa: Thinkstock
adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão
produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

C586q

Coben, Harlan, 1962-

Uma questão de segundos [recurso eletrônico] / Harlan Coben; tradução de Maria Clara de Biasi.
São Paulo: Arqueiro, 2013.

recurso digital

Tradução de: *Seconds away*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-177-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Biasi, Maria Clara de. II. Título.

13-00506

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para meu afilhado Henry Armstrong

Sumário

Créditos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Sobre o autor

Conheça outros títulos do autor

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre os próximos lançamentos

capítulo 1

HÁ MOMENTOS QUE MUDAM tudo na vida.

Não estou falando de pequenas coisas, como quando você come pela primeira vez um cereal delicioso, passa para a universidade, apaixona-se por uma garota ou muda-se para uma casa onde morará nos próximos vinte anos. Estou falando de uma modificação completa. Em um segundo, sua vida é uma, e no outro, fica totalmente diferente. Todas as regras, tudo o que você aceitava sobre a realidade não é mais igual.

Como se o que antes era em cima agora ficasse embaixo e o lado esquerdo se tornasse o direito.

Como se a morte se tornasse a vida.

Fitei a fotografia, percebendo que sempre estamos a apenas alguns segundos de uma mudança geral. O que via não fazia sentido, por isso pisquei algumas vezes e olhei de novo, como se esperasse que a imagem se modificasse. Nada aconteceu.

Era uma foto antiga, em preto e branco. Fiz um cálculo rápido e percebi que devia ter sido tirada quase setenta anos atrás.

– Não pode ser – falei.

Eu não estava falando sozinho, caso você pense que sou maluco (você logo pensará isso), mas com dona Morcega. Ela se encontrava bem perto de mim, com seu vestido branco, e não disse nada. Seus cabelos grisalhos compridos pareciam se mover mesmo quando parados. Sua pele era amassada e enrugada, como uma folha de papel dobrada e desdobrada diversas vezes.

Mesmo que você não conheça *essa* dona Morcega, aposto que conhece *alguma* dona Morcega. Ela é a velha sinistra que mora na casa sinistra no fim do quarteirão. Toda cidade tem uma. Você ouve histórias no pátio da escola sobre as coisas horríveis que ela fará se o pegar. Quando você é um garotinho, fica longe dela. Quando é um garoto maior – no meu caso, um estudante do segundo ano do ensino médio –, bem, você ainda fica longe porque, embora saiba que é tudo besteira e esteja velho demais para acreditar nisso, a casa ainda o assusta bastante.

Porém, ali estava eu, em seu covil, encarando uma fotografia que não podia ser o que eu achava que era.

– Quem é esse cara? – perguntei.

Sua voz lembrava tábuas velhas rangendo.

– O Carniceiro de Lodz – sussurrou.

O homem na imagem usava um uniforme da Waffen-SS, da época da Segunda Guerra Mundial. Em suma, era um nazista sádico que, segundo dona Morcega, havia assassinado muitas pessoas, inclusive o pai dela.

– E quando essa foto foi tirada? – perguntei.

Dona Morcega pareceu confusa com a pergunta.

– Não tenho certeza. Provavelmente em 1942 ou 1943.

Voltei a encarar a imagem. Minha cabeça girava. Nada fazia sentido. Tentei me firmar no que sabia com certeza: meu nome é Mickey Bolitar. Bom começo. Sou filho de Brad (falecido) e Kitty

(no centro de reabilitação) Bolitar e agora estou sob a guarda do meu tio Myron Bolitar (que apenas suporta). Estudo na Kasselton High School e sou o novo aluno tentando se enturmar e, de acordo com aquela foto, estou delirando ou totalmente louco.

– O que há de errado, Mickey? – perguntou dona Morcega.

– O que há de errado? – repeti. – Está brincando, não é?

– Não entendo.

– Este – aponte para o homem – é o Carniceiro de Lodz?

– Sim.

– E você acha que ele morreu no fim da Segunda Guerra Mundial?

– Foi o que me disseram. Mickey, você sabe de alguma coisa?

Lembrei-me da primeira vez em que vi dona Morcega. Estava caminhando para minha nova escola quando ela subitamente apareceu à porta de sua casa decrepita. Quase gritei. Ela ergueu a mão fantasmagórica em minha direção e disse cinco palavras que me atingiram no peito como um soco: *Mickey* – não fazia ideia de como ela sabia meu nome –, *seu pai não morreu*.

Foi isso que me fez começar a trilhar o caminho maluco que agora me levaria... a esta foto.

Ergui os olhos.

– Por que você me disse aquilo?

– O quê?

– Que meu pai não estava morto. Por que você me disse aquilo?

Ela ficou em silêncio.

– Eu estava lá – falei com a voz trêmula. – Eu o vi morrer com meus próprios olhos. Por que me falar algo assim?

– Conte-me – pediu ela com aquela voz rangente. – Conte-me o que se lembra.

– Está falando sério?

A velha arregaçou a manga da roupa em silêncio e me mostrou a tatuagem que era sua marca de sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz.

– Eu lhe contei como meu pai morreu – disse ela. – Agora é sua vez. Conte-me o que aconteceu.

Senti um calafrio. Olhei ao redor da sala escura. Um disco de vinil girava em uma antiga vitrola, tocando uma canção chamada “Time Stands Still”, do HorsePower. Minha mãe era fã dessa banda. Até participara de festas com o grupo em seus tempos de celebridade, antes de eu nascer e acabar com todos os sonhos dela. No console da lareira de dona Morcega estava aquela maldita foto, dos cinco hippies da década de 1960 usando camisetas *tie-dye* com aquela borboleta no peito.

– Conte-me – repetiu dona Morcega.

Fechei os olhos e respirei profundamente. Era muito difícil recordar aquilo, e mesmo assim parecia que eu fazia isso todas as noites.

– Estávamos indo de carro para San Diego, só meu pai e eu. O rádio estava ligado. Ríamos. – Era minha lembrança mais forte do que acontecera antes: o modo como ele ria.

– Certo. Então o que aconteceu?

– Um utilitário passou por cima do canteiro que dividia as pistas e bateu de frente em nós. Bam! Mais ou menos assim.

Fiz uma pausa. Era como se eu sentisse o choque horrível, a pressão contra o cinto de segurança, o

súbito mergulho na escuridão.

– O carro capotou. Quando acordei, estava preso nas ferragens. Alguns bombeiros tentavam me soltar.

– E seu pai?

Olhei para ela.

– Você conheceu meu pai, não é? Meu tio disse que meu pai vinha aqui quando era criança.

Ela ignorou a pergunta.

– Seu pai – repetiu. – O que aconteceu com ele no acidente?

– Você sabe o que aconteceu.

– Conte-me.

Eu podia visualizá-lo em minha mente.

– Meu pai estava deitado de barriga para cima, com os olhos fechados. Havia uma poça de sangue ao redor da cabeça dele.

Meu coração começou a saltar no peito.

Dona Morcega estendeu sua mão ossuda para mim.

– Está tudo bem.

– Não – disparei, agora com raiva. – Não está tudo bem. Longe disso. Porque, veja bem, havia um paramédico cuidando do meu pai. Ele era louro e tinha olhos verdes e, quando me encarou, balançou a cabeça de um lado para o outro. Apenas uma vez. E eu soube. A expressão dele disse tudo. Estava acabado. Meu pai tinha morrido. A última coisa que vi foi meu pai em uma maca e aquele paramédico o empurrando para longe.

Dona Morcega não disse nada.

– E esta – afirmei, erguendo a foto, com a voz embargada e os olhos se enchendo de lágrimas –, esta não é a foto de um velho nazista. É a foto daquele paramédico.

O rosto de dona Morcega, já muito pálido, pareceu ficar ainda mais branco.

– Não entendo.

– Nem eu. O Carniceiro de Lodz era o paramédico que levou meu pai embora.

A resposta dela me surpreendeu.

– Estou cansada, Mickey. Agora você deve ir embora.

– Está brincando comigo, não é? Quem é esse cara? Por que ele levou meu pai embora?

Ela ergueu sua mão trêmula em direção à boca.

– Às vezes queremos tanto uma coisa que inventamos. Entende?

– Eu *não quero* que este homem seja o paramédico. Mas ele é.

Ela sacudiu a cabeça, os cabelos na altura da cintura esvoaçando na brisa.

– Nossa memória não é confiável. Você aprenderá isso quando for mais velho.

– Quer dizer que estou errado?

– Se o Carniceiro estivesse vivo, teria quase 90 anos. Seria velho demais para ser um paramédico.

– Espere, eu não disse que ele tinha 90 anos. Tem a mesma idade que este cara.

Dona Morcega me olhou como se agora eu estivesse me comportando como um louco, e percebi que aquilo parecia o delírio de um lunático. A canção terminou e outra começou. Ela deu um passo para trás, arrastando seu vestido branco rasgado no velho chão de madeira. Lançou-me um olhar

duro.

- O que foi? – perguntei.
- Está na hora de você ir. E talvez você não me veja por algum tempo.
- Não entendo.
- Você está enganado.

Lágrimas surgiram nos cantos dos meus olhos.

– Você acha que eu conseguiria me esquecer daquele rosto? Do modo como ele olhou para mim antes de empurrar meu pai para longe?

A voz dela agora era ríspida.

- Saia, Mickey.
- Não vou...
- Saia!

capítulo 2

UMA HORA DEPOIS, EU ESTAVA sentado em meu quintal – ou melhor, no quintal do meu tio Myron –, contando tudo para Ema. Como sempre, ela estava toda vestida de preto, combinando com seus cabelos. Também usava maquiagem preta nos olhos. Havia um anel de prata em forma de caveira e ossos cruzados no dedo do meio e mais brincos do que eu podia contar.

Ema tendia naturalmente para o lado sombrio, mas agora me olhava como se de repente tivesse brotado um terceiro braço em mim.

– Você simplesmente foi embora? – perguntou.

– O que eu devia fazer? – retruquei. – Arrancar à força a informação da velha?

– Não sei. Mas como conseguiu não fazer mais nada?

– Ela foi para o andar de cima. O que eu ia fazer, segui-la? Sei lá, imagine se ela começasse a tirar a roupa ou algo do gênero.

– Argh, que nojo!

– Está vendo?

Ema ainda não tinha 15 anos, mas exibia uma boa quantidade de tatuagens. Devia ter 1,60 metro e era o que a maioria das pessoas consideraria gordinha. Quando nos conhecemos, poucas semanas antes, ela estava sentada sozinha na mesa dos excluídos, almoçando. Disse que preferia assim.

Minha amiga olhou para a velha fotografia em preto e branco.

– Mickey?

– Sim?

– Você não acredita de verdade que é o mesmo cara, não é?

– Sei que isso parece loucura, mas...

Esse era o jeito de Ema. Ela ficava na defensiva e se mostrava mal-humorada com quase todo mundo. Não tinha o que costumamos chamar de beleza convencional, mas quando me olhava como agora com seus grandes olhos castanhos e o rosto revelando concentração e interesse, brilhava nela algo quase celestial.

– Continue – pediu Ema.

– O acidente foi o pior momento da minha vida, dez vezes pior do que qualquer outro. Meu pai...

As lembranças inundaram minha mente. Eu era apenas uma criança. Nós três tínhamos morado no exterior durante a maior parte da minha vida, viajando alegremente pelos cantos mais obscuros do mundo. Eu achava que éramos nômades despreocupados, boêmios internacionais que trabalhavam para várias instituições beneficentes. Não percebia que havia muito mais por trás daquilo.

– Certo – disse Ema.

Mas era difícil revelar mais. Quando você viaja muito, não consegue fazer muitas amizades (ou realmente não tem nenhum amigo). Esse era um dos motivos de eu querer tanto fincar raízes. Foi por causa disso que meu pai largou o emprego, se mudou conosco para a Califórnia, me matriculou em uma escola de verdade e... morreu. Então, veja bem, o que aconteceu depois que voltamos para

os Estados Unidos – a morte do meu pai, a ruína da minha mãe – foi culpa minha. Não importa o quanto se negue, a culpa foi minha.

– Se você não quiser me contar... – começou Ema.

– Não, eu quero.

Ela me encarou de novo com seus grandes olhos, que pareciam tão concentrados, compreensivos e gentis.

– O acidente acabou com tudo – continuei. – Matou meu pai e destruiu minha mãe.

Não me dei o trabalho de falar como me afetara, como eu sabia que nunca superaria aquilo. Não era importante. Eu estava tentando descobrir como conectar o paramédico e o homem na fotografia.

Falei mais devagar:

– Quando você passa por algo assim, que de repente acaba com tudo em sua vida... você se lembra de tudo. De cada detalhe. Isso faz sentido?

– Claro.

– Aquele paramédico foi o primeiro a me dizer que meu pai tinha morrido. Então não tenho como esquecer a aparência dele. Não mesmo.

Ficamos sentados ali por mais um minuto, em silêncio. Olhei para a cesta de basquete. Tio Myron havia comprado uma nova quando soube que eu ia morar com ele. Ambos encontrávamos consolo no basquete, no drible lento, no arremesso durante um salto, no modo como a bola atravessa o aro e balança a rede. O basquete é a única coisa que tenho em comum com meu tio, com quem sou forçado a morar e a quem não consigo perdoar.

Não consigo perdoá-lo. E acho que também não consigo me perdoar.

Talvez esse seja outro aspecto que tio Myron e eu temos em comum.

– Não fique zangado comigo, ok? – disse Ema.

– Ok.

– Eu entendo tudo o que você falou. Você sabe disso. E, bem, esta última semana foi louca. Mas podemos encarar isso racionalmente por um segundo?

– Não.

– Ahn?

– Se fizermos isso, chegamos à conclusão de que eu deveria estar trancado em uma cela acolchoada.

Ema sorriu.

– Bem, sim, isso é verdade. Mas só para termos certeza de que não deixamos nada de fora, vamos rever tudo passo a passo, ok? Só para garantir que está tudo claro.

Assenti de má vontade.

– Primeiro – ela ergueu um dedo com a unha pintada de vinho –, na semana passada, a caminho da escola, você passou pela casa sinistra de dona Morcega e, embora não a conhecesse e nunca a tivesse visto, ela lhe disse que seu pai está vivo.

– Certo.

– Estranho, não é? Quero dizer, como ela sabia quem você era ou que seu pai morreu, e o que deu nela para dizer uma coisa dessas?

– Não tenho a menor ideia.

– Nem eu. Então vamos para o segundo item. – Ema ergueu o dedo com o anel de caveira e esmalte amarelo-canário. – Na semana seguinte, depois de passarmos por poucas e boas, dona Morcega lhe disse que na verdade ela é Lizzy Sobek, a famosa heroína do Holocausto que não era vista desde o fim da Segunda Guerra. Então lhe entregou uma fotografia desse velho nazista que matou o pai dela. E você acha que é o mesmo cara que levou seu pai embora na maca. – Ema abriu as mãos. – Isso resume tudo?

– Quase tudo.

– Ótimo. Agora estamos chegando a algum lugar.

– Estamos?

Ela fez um sinal com a mão para eu me calar.

– Vamos esquecer por um momento o fato de que de algum modo o cara não envelheceu nem um dia em setenta anos.

– Certo.

– Outra coisa: você sempre descreve o paramédico com cabelo louro e olhos verdes.

– Certo.

– É disso que você mais lembra nele, não é? Dos olhos verdes. Acho que você disse que havia círculos amarelos em torno das pupilas ou algo assim.

– Sim, e daí?

– Mas, Mickey – Ema inclinou a cabeça e sua voz se suavizou –, essa fotografia é em preto e branco.

Eu não disse nada.

– Não dá para ver nenhuma cor. Como você pode saber, por exemplo, que os olhos dele são verdes? Não pode, não é?

– Acho que não.

– Então deixe-me falar claramente. Que cenário é mais provável: o Carniceiro de Lodz possui uma ligeira semelhança com o paramédico e você inventou o resto ou um velho nazista de 90 anos agora é um jovem paramédico que trabalha na Califórnia?

Ela tinha razão, é claro. Eu sabia que não estava raciocinando direito. Na última semana, eu havia sido agredido e quase morto. Sem poder fazer nada, eu vi um homem levar um tiro na cabeça enquanto Ema quase tivera a garganta cortada.

E isso para não mencionar a parte de fato surpreendente.

Ema se levantou, alisou sua roupa e começou a andar.

– Preciso ir.

– Para onde?

– Vejo você amanhã.

Ela fazia isso o tempo todo: ia embora de repente.

– Quer que eu acompanhe você? – perguntei.

Ema pôs as mãos nos quadris e me olhou com a testa franzida.

– Está ficando tarde. Pode não ser seguro.

– Está brincando comigo, não é? Por acaso eu tenho 4 anos?

Mas esse não era o problema. Por algum motivo, Ema não queria me mostrar onde morava. Ela sempre desaparecia no bosque. Sim, tínhamos ficado próximos em pouco tempo, talvez os melhores amigos que já havíamos tido, mas ainda assim guardávamos nossos segredos.

Ema parou quando chegou ao fim do quintal.

– Mickey?

– O que foi?

– Sobre a fotografia.

– Sim?

Ela demorou antes de responder:

– Não acho que você seja louco.

Esperei que continuasse, mas ela não falou mais nada.

– E então? – perguntei. – Se não sou louco, sou o quê? Iludido?

Ema pensou um pouco.

– Provavelmente. Mas há outro lado nessa história toda.

– Qual?

– Talvez eu também esteja louca, mas acredito em você.

Levantei-me e fui em sua direção. Tenho mais de 1,90 metro, por isso me elevei acima dela. Estou certo de que formamos um estranho par.

Ema ergueu os olhos para mim.

– Não sei como ou por quê... e conheço todos os argumentos contrários... mas acredito em você.

Fiquei tão grato que tive vontade de chorar.

– A questão é: o que nós vamos fazer? – perguntou Ema.

Arqueei uma sobrancelha.

– Nós?

– É claro.

– Desta vez não, Ema. Já bastam as vezes em que coloquei você em perigo.

Ela franziu a testa.

– Dá para ser mais paternalista?

– Tenho que lidar com isso sozinho.

– Não, Mickey, não tem. Independentemente do que esteja acontecendo com você e dona Morcega, faço parte disso.

Eu não sabia ao certo o que responder, então me limitei a dizer:

– Vamos pensar nisso até amanhã e depois conversamos, está bem?

Ela se virou e recomeçou a andar pelo quintal.

– Sabe o que é engraçado?

– O quê?

– Tudo isso começou com uma velha maluca lhe dizendo que seu pai ainda está vivo. Mas agora, bem, não tenho tanta certeza de que ela seja maluca.

Ema desapareceu na noite. Peguei a bola de basquete, envolvido pelo caráter zen do arremesso (sim, sei como isso soa estranho). Depois de tudo o que acontecera, ansiava por um pouco de paz e tranquilidade.

Mas não as teria.

Eu achava que aquela situação era ruim, mas logo descobriria que poderia ficar bem pior.

capítulo 3

EU ESTAVA PRESTES A SALTAR para um arremesso quando ouvi o carro de tio Myron chegar.

Myron Bolitar era uma espécie de lenda do esporte na cidade. Detinha todos os recordes de basquete, ganhou dois títulos do campeonato nacional universitário e foi convocado pelo Boston Celtics para a primeira rodada das eliminatórias da NBA. Uma súbita lesão no joelho pôs fim à sua carreira antes mesmo de começar.

Eu sempre ouvira meu pai – o irmão mais novo de Myron – falar que aquilo havia sido devastador para meu tio. Meu pai adorava Myron e o venerava – até minha mãe engravidar de mim. Para dizer o mínimo, Myron não aprovava minha mãe. Acho que ele deixou isso bem claro. Os dois brigaram por esse motivo e Myron deu um soco no rosto de meu pai.

Eles nunca mais se viram ou se falaram. Agora, é claro, era tarde demais.

Sei como Myron se sente mal em relação a isso. Sei que parte seu coração e que quer se redimir por meio de mim. O que ele não entende é que não consigo perdoá-lo. Aos meus olhos, foi ele quem levou meus pais a um caminho que causaria a morte do meu pai e o vício da minha mãe.

– Oi – disse Myron.

– Oi.

– Você já comeu?

Assenti e fiz um arremesso. Myron pegou o rebote e atirou a bola de volta para mim. A quadra de basquete significava muito para nós dois. Ambos entendíamos isso. Era um território neutro, uma zona de paz, nossa pequena área de trégua. Fiz outro arremesso e uma careta. Myron notou.

– Os testes são daqui a duas semanas, não é? – perguntou.

Ele estava falando sobre o time de basquete do ensino médio. Confesso que eu tinha a esperança de quebrar seus velhos recordes.

Neguei com a cabeça.

– Foram antecipados.

– Para quando?

– Segunda-feira.

– Nossa, falta pouco. Está animado?

É claro que eu estava. Muito. Mas apenas dei de ombros e fiz outro arremesso.

– Você ainda está no segundo ano – disse Myron. – Eles não aceitam muitos dessa série no time principal.

– Mas você começou no segundo ano, não foi?

– *Touché.* – Myron passou de novo a bola para mim e mudou de assunto. – Ainda está dolorido da noite passada? – perguntou.

– Sim.

– Algo mais além disso?

– O que quer dizer?

– Estou pensando se deveria levá-lo a um médico.

Balancei a cabeça de um lado para o outro.

– Só estou dolorido.

– Quer falar sobre o que aconteceu?

Eu não queria.

– Me parece que você colocou a si mesmo e a outros em perigo.

Eu ponderava como contornar a verdade. Myron sabia parte dela. A polícia também. Mas eu não podia lhes contar tudo. De qualquer forma, provavelmente nunca acreditariam. Droga, nem eu acreditava.

– Ser um herói sempre traz consequências, Mickey – continuou tio Myron com uma voz suave. – Mesmo quando você sabe que está fazendo a coisa certa. Aprendi isso do pior jeito possível.

Nós nos entreolhamos. Myron estava prestes a dizer algo mais quando seu celular tocou. Ele olhou para o visor e pareceu chocado.

– Desculpe, mas preciso atender.

Ele foi mais para o fundo do quintal, se curvou e começou a falar.

Você colocou a si mesmo e a outros em perigo...

Eu podia correr riscos – isso era problema meu –, mas e quanto a meus amigos? E quanto aos “outros”? Me afastei do meu tio e peguei o celular.

Eu fora àquela maldita boate para salvar Ashley, junto com Ema, é claro, Colherada e Rachel. Colherada, como Ema e eu, era um excluído. Rachel era tudo menos isso.

Precisava saber como eles estavam.

Primeiro, enviei uma mensagem de texto para Colherada e recebi uma resposta automática: **não posso responder agora. por causa de acontecimentos recentes, vou ficar de castigo até os 34.**

E então, como ele era o Colherada, acrescentou: **a mãe de abraham lincoln morreu da doença do leite com 34 anos.**

Não pude deixar de sorrir. Colherada “pegara emprestada” a picape do pai para nos ajudar. Os pais dele eram os mais dedicados e superprotetores do nosso pequeno grupo, por isso imaginei que ele devia ser o mais encrencado. Felizmente, Colherada era no mínimo engenhoso. Ele ficaria bem.

Enviei uma mensagem para o quarto e último membro da gangue: Rachel Caldwell. Como descrever Rachel...? Eu o farei de um modo simples: Rachel era, na falta de expressão melhor, a garota mais gostosa da escola. Acho que toda escola tem uma e, sim, ela era muito mais do que superatraente, por isso, por favor, não se apresse em me rotular como um porco chauvinista. A coragem e a habilidade que ela havia demonstrado naquele lugar horrível foram impressionantes.

Mesmo assim, para ser sincero, a beleza dela era a primeira coisa que me vinha à mente – e à mente de quase todos na escola.

Ainda era um mistério como Rachel acabara juntando forças com o novo garoto desprezado (eu), a autodefinida emo-gótica “gordinha” (Ema) e o filho nerd do zelador (Colherada).

Pensei muito sobre o que escrever para Rachel. Admito que fico nervoso e sem jeito perto dela. As mãos começaram a suar. Sei que devia ser mais maduro. Na maior parte do tempo eu sou. Ou talvez não. Enfim, depois de pensar por um longo tempo no que exatamente devia escrever, escrevi esta charmosa mensagem: **vc tá ok?**

Como você pode ver, sou muito sedutor com as mulheres.

Esperei a resposta dela. Não veio nenhuma. Quando tio Myron desligou o telefone, cambaleou na minha direção como se estivesse um pouco atordoado.

Tomando emprestada minha frase sagaz para Rachel, perguntei:

– Você tá ok?

– Estou. – A voz de Myron soou distante.

– Quem era?

– Um amigo de quem não tinha notícias havia algum tempo.

– O que ele queria?

Myron apenas desviou o olhar.

– Alôôô? – chamei.

– Ele precisa de um favor. Um favor estranho. – Myron consultou o relógio. – Tenho que ir. Devo estar de volta daqui a uma hora.

Bem, aquilo era esquisito. Meu telefone vibrou. No visor, apareceu o nome de Rachel e minha pulsação se acelerou um pouco. Afastei-me do meu tio e abri a mensagem, que dizia: **não posso falar agora. posso ligar depois?**

Imediatamente respondi “**claro**” e então me perguntei se aquilo soara ansioso demais ou se eu devia ter esperado, digamos, oito segundos, para não dar a impressão de que ficara à espera da mensagem dela.

Patético, não é?

Tio Myron correu para seu carro. Fui para a cozinha pegar um lanche. Imaginei Rachel em casa, enviando a mensagem. Eu só tinha ido à casa dela uma vez. No dia anterior. Era uma propriedade ampla com um portão na frente da entrada para automóveis. Também parecia vazia e um lugar solitário para se viver.

O jornal local, *West Essex Tribune*, estava na mesa da cozinha. Pela terceira edição seguida, a matéria de capa envolvia a visita da estrela Angelica Wyatt à nossa pequena cidade. Não só corriam boatos de que ela estava rodando um filme aqui como também, pelo que dizia a manchete:

ADOLESCENTES DA CIDADE SERÃO USADOS COMO FIGURANTES!

Todos na Kasselton High School estavam excitados com essa possibilidade. Os garotos da escola – muitos dos quais ainda tinham na parede do quarto aquele polêmico pôster de Angelica Wyatt com um biquíni molhado – estavam particularmente empolgados.

Eu, por outro lado, tinha coisas mais importantes com que ocupar meu tempo.

Empurrei o jornal para o lado e peguei a fotografia do Carniceiro de Lodz. Coloquei-a sobre a mesa e olhei bem para ela. Então fechei os olhos, gravando a imagem em minha mente. Lembrei-me daquela rodovia na Califórnia, do acidente, de estar preso nas ferragens, de ver meu pai morrendo e de encarar aqueles olhos verdes com contorno amarelo que extinguiram todas as minhas esperanças.

Visualizei o rosto do paramédico. Então tentei sobrepor essa imagem à que criara fitando a fotografia.

Era o mesmo homem.

Mas isso era impossível. Então talvez o Carniceiro tivesse um filho muito parecido com ele. Ou

neto. Ou quem sabe eu estivesse enlouquecendo.

Eu deveria visitar dona Morcega de novo. Exigir respostas.

Mas precisava pensar em como me aproximar dela. Tinha que pensar bem, considerar todas as possibilidades e tentar ser racional. E também havia algo mais a ponderar.

Há um velho ditado que diz: nada é certo, exceto a morte e os impostos.

Quem falou isso se esqueceu de uma coisa: o dever de casa.

Refleti se deveria pedir ao tio Myron para escrever um bilhete de justificativa para mim:

Prezada Sra. Friedman,

Mickey entregará tardiamente o trabalho sobre a Revolução Francesa porque estava salvando outro aluno, vendo um homem ser baleado, levando uma surra feia, sendo interrogado pelos policiais... Ah, e ele viu uma fotografia de um velho nazista que se disfarçou de paramédico na Califórnia e lhe disse que o pai dele estava morto.

Mickey entregará o trabalho na semana que vem.

Não. Eu não achava que aquilo iria funcionar. Além disso, também detesto a palavra *tardiamente*. Por que ela só é usada quando se trata de escola? E por que não dizer apenas *atrasado*?

Cara, eu precisava dormir.

Meu quarto fora, durante muitos anos, usado por tio Myron. Ficava no porão e seria considerado “retrô” se não fosse cafona. Tinha um pufe de vinil, uma lâmpada de lava e até mesmo troféus com mais de vinte anos.

Minha dupla no trabalho era ninguém menos que Rachel Caldwell. Eu a conhecia havia pouco tempo, mas ela me parecia uma dessas garotas que sempre cumprem suas tarefas no prazo. Você conhece o tipo. No dia da prova, ela jura que vai se dar mal, mas termina em tempo recorde, entrega a folha perfeita e passa o restante do tempo escrevendo em um caderninho.

É claro que ela não ia me deixar entregar o trabalho “tardiamente”.

Quinze minutos depois, meu celular tocou. Era Rachel. Atendi:

– Alô?

– Oi.

– Oi.

É. Eu era sedutor à beça. Decidi partir para o que estava se tornando rapidamente minha marca registrada para quebrar o gelo:

– Você tá ok?

– Acho que sim.

Rachel parecia estranhamente preocupada.

– Mickey?

– Sim?

– Você acha...?

– O quê?

– Não sei, Mickey. Acha que isso acabou? Não parece.

Eu não sabia ao certo o que falar. Sentia o mesmo, como se o pior estivesse apenas começando.

Desejei dizer palavras de conforto, mas não queria mentir.

– Não sei. Quero dizer, deve ter acabado.

Silêncio.

– Nós temos que entregar aquele trabalho sobre a Revolução Francesa amanhã – lembrei.

– Sim.

Mais silêncio. Eu a imaginei sentada sozinha naquela mansão vazia. Não gostava disso.

– Deveríamos fazer isso? – perguntei.

– O quê?

– Deveríamos tentar fazer o trabalho? Sei que está tarde, mas posso ir à sua casa ou podemos fazê-lo pelo telefone ou...

Então, ouvi um barulho ao fundo.

Parecia que Rachel tinha ofegado. Não tinha certeza. Houve mais barulho.

– Rachel?

– Tenho que ir, Mickey.

– O quê?

– Não posso falar agora. – A voz dela assumiu um tom estranhamente firme. – Preciso fazer uma coisa.

– O quê?

– Vejo você na escola de manhã.

Ela desligou.

Mas Rachel estava errada. Eu não a veria de manhã, porque então tudo teria mudado.

capítulo 4

TUDO COMEÇOU COM UMA BATIDA forte na porta.

Eu tinha sonhado com meus pais. Estávamos em um lugar a que nunca fomos na vida real – minha mãe, a lendária Kitty Bolitar, jogava tênis.

Antes de engravidar, minha mãe de 17 anos era a melhor jogadora de tênis amador feminino do mundo. Ela abandonou o esporte para me dar à luz. E nunca voltou a ele.

Estranho, não é?

No sonho, minha mãe está na quadra principal em um jogo importante. O público é enorme. Estou sentado na tribuna perto do meu pai, mas ele não me vê. Só olha amorosamente para minha mãe. Meus pais tinham sido muito felizes. A maioria dos casais adultos com filhos não é assim. É claro que eles comem juntos, vão ao cinema e tudo o mais, só que é raro se olharem nos olhos. Só compartilham o ambiente. Talvez haja um comodismo nisso, não sei.

Mas meus pais eram diferentes. Nunca tiravam os olhos um do outro, como se ninguém mais existisse, como se tivessem se apaixonado naquela manhã e estivessem prontos para correr por um campo de margaridas e se abraçar, com uma música brega tocando ao fundo.

Sim, como filho deles, posso afirmar que era constrangedor.

Sempre achei que encontraria um amor assim. Mas agora não quero. Não é saudável. Torna você muito dependente. Você sorri quando a outra pessoa sorri. Ri quando ela ri. Mas se ela para de rir, você também para.

E quando ela morre, uma parte de você também morre.

Foi isso que aconteceu com minha mãe.

No sonho, minha mãe executa um forehand com violência, lançando a bola em um local indefensável.

A multidão grita.

Uma voz diz: “Game, set, match... Kitty Bolitar!”

Minha mãe atira a raquete para o ar. O público se levanta. Meu pai fica de pé e bate palmas, com lágrimas nos olhos. Tento me erguer e aplaudir também, mas não consigo. É como se eu estivesse grudado na cadeira. Olho para meu pai. Ele sorri para mim, mas de súbito começa a flutuar para longe.

– Pai?

Eu me debato, mas ainda assim não consigo me levantar. Ele flutua até o céu. Minha mãe se junta a ele. Ambos acenam para que eu os siga. Minha mãe chama:

– Depressa, Mickey!

Mas ainda não posso me mover.

– Esperem! – grito.

Mas eles continuam a flutuar para longe. Ponho as duas mãos nos encostos para os braços e tento me erguer. Mas estou imobilizado. Meus pais ainda estão à vista, mas agora muito mais longe.

Nunca os alcançarei. Respiro fundo e tento mais uma vez sair da cadeira.

É quando percebo que estão me segurando.

Uma mão está em meu ombro. Ela é forte e me prende no lugar.

– Me solta!

Mas a mão me segura com mais força. Viro-me e ali está, em pé, com aquela mesma expressão arruinadora de esperanças, o paramédico louro de olhos verdes.

Mais batidas na porta.

O paramédico e meus pais desapareceram.

Eu estava de volta ao meu quarto no porão, com o coração disparado. Tomei fôlego e tentei me acalmar. As batidas ficaram mais altas.

Por que Myron não tinha atendido?

Rolei para fora da cama e subi a escada.

Mais batidas impacientes.

– Já vou! – gritei.

Onde estava Myron?

Cheguei à porta da frente. Sabia que devia ter perguntado quem era, mas apenas a abri. Havia dois policiais uniformizados.

Dei um passo para trás.

– Mickey Bolitar?

– Sim.

– Sou o oficial McDonald. Este é o oficial Ball.

– Há algo errado?

– Houve um ataque com tiros. Precisamos que venha conosco.

capítulo 5

POR UM MOMENTO, MINHA VOZ não saiu. Quando consegui falar, disse:

- Meu tio?
- Quem? – perguntou Ball.
- Myron Bolitar. Meu tio. Ele que foi baleado?

Ball olhou para McDonald. Depois se virou para mim e respondeu:

- Não.
- Então quem foi?
- Não estamos autorizados a discutir o caso com você, filho.
- Preciso falar com meu tio.
- O que disse?

Comecei a subir a escada. Os dois policiais também entraram.

- Myron? – gritei.

Nenhuma resposta.

Entrei no quarto dele. A cama de Myron estava vazia. Olhei para o relógio na mesinha de cabeceira. Eram sete horas da manhã. Imaginei que Myron havia acordado mais cedo e saído sem me avisar. Isso não era típico dele.

Voltei para o andar de baixo.

- Está pronto para vir conosco? – perguntou Ball.
- Sou um suspeito?
- Quantos anos você tem, filho?
- Quase 16.
- Você precisa mesmo vir conosco.

Eu não sabia o que fazer, mas que escolha tinha?

- Só vou me vestir – falei.

Corri para o porão. Meu celular estava piscando. Verifiquei as mensagens. Havia duas. A primeira era de Ema. Ela a enviara às 4h17. Aquela garota nunca dormia?

Ema: **precisamos encontrar o paramédico que levou seu pai na maca. tenho uma ideia.**

Puxa, eu queria muito saber qual era, mas isso teria que esperar.

A segunda mensagem era de Myron: **tive que sair cedo e não quis acordar vc. tenha um bom dia.**

Fantástico. Tentei telefonar para o celular do meu tio, mas a ligação caiu direto na caixa postal. Quando o bipe soou, eu disse: “A polícia está aqui. Eles querem me levar...” Parei. Afinal, para onde queriam me levar? “Para a delegacia, eu acho. Não querem me dizer o que está acontecendo. Me ligue quando ouvir isto, ok?”

Desliguei.

Ball gritou:

- Precisamos nos apressar!

Vesti-me e voltei para cima. Dois minutos depois, estava sentado no banco traseiro de uma

viatura, seguindo pela rua.

♦ ♦ ♦

– Para onde estão me levando? – perguntei.

McDonald estava ao volante, com Ball ao lado. Nenhum deles respondeu.

– Eu perguntei...

– Seria melhor se você fosse paciente.

Não gostei disso.

– Quem foi baleado? – perguntei.

McDonald se virou. Ele estreitou os olhos.

– Como você sabe que alguém foi baleado?

Não gostei do tom dele.

– Ah, você me disse – respondi. – Quando abri a porta.

– Eu disse que houve um ataque com tiros. Não disse que alguém foi baleado.

Eu ia fazer alguma piada estúpida – falar que eu devia ser clarividente –, mas estava começando a sentir medo. Fiquei quieto. Logo à frente vi a delegacia de Kasselton. Lembrei-me da última vez em que estive lá, duas noites atrás, e também da rixa do chefe Taylor com Myron, e por extensão comigo.

Mas o carro passou direto pela delegacia.

– Para onde estamos indo? – indaguei.

– Acho que você já fez perguntas demais. Apenas espere.

capítulo 6

QUINZE MINUTOS DEPOIS, eu me encontrava no que devia ser uma sala de interrogatório em uma delegacia de Newark. Uma mulher pequena entrou e se sentou à minha frente. Ela vestia um terno elegante e os cabelos estavam presos em um coque. Calculei que tinha uns 30 anos.

Ela estendeu a mão e eu a apertei.

– Sou Anne Marie Dunleavy, investigadora da Divisão de Homicídios do condado – apresentou-se.

Homicídios?

– Ahn... sou Mickey Bolitar.

– Obrigada por vir falar conosco.

Ela pegou uma caneta e pressionou o topo com força exagerada para que a ponta aparecesse. Atrás dela, a porta se abriu. Quando olhei, meu coração parou. O chefe Taylor entrou pisando duro na sala, como se o chão o tivesse ofendido. Usava uniforme e, apesar de estar em um ambiente fechado e pouco iluminado, óculos escuros em estilo aviador.

Esperei que dissesse algo sarcástico, mas ele ficou calado. Cruzou os braços e se encostou na parede. Olhei de novo para a investigadora.

– Sabe, sou menor de idade – informei.

– Sim, nós sabemos. Por quê?

– Pode me fazer perguntas sem a presença do meu responsável?

Ela deu um rápido sorriso, mas não havia nenhuma cordialidade nele.

– Você vê televisão demais. Se você fosse suspeito de um crime, tudo seria diferente. Por enquanto, só precisamos que responda a algumas perguntas, está bem?

Eu não sabia ao certo o que dizer, mas concordei:

– Acho que sim.

– Quem é seu representante legal?

– Minha mãe.

Tio Myron quisera ser, mas fiz um acordo. Eu viveria com ele na condição de que minha mãe, apesar de estar em reabilitação, continuasse a ser minha única representante legal.

– Se você fizer questão, podemos telefonar para ela.

– Não – respondi de pronto. Essa era a última coisa de que a mente já frágil da minha mãe precisava. – Tudo bem, não se preocupe com isso.

– Sabe por que está aqui? – perguntou ela.

Eu ia dizer que tinha algo a ver com um “tiroteio”, mas essa suposição não ajudara muito no carro.

– Não.

– Não tem a menor ideia?

Não queria mais fingir.

– Bem, o policial disse que tinha algo a ver com um tiroteio.

- E tem mesmo. Na verdade, duas pessoas foram baleadas.
- Quem?
- Há algo que possa nos dizer sobre isso?
- Sobre o quê?
- Sobre o tiroteio.
- Nem sei quem foi baleado.

Anne Marie me encarou sem acreditar.

- Não sabe mesmo?
- Não sei.
- Não faz a menor ideia?

O chefe Taylor continuou em silêncio. Não gostei disso. Olhei para ele e, mesmo a distância, pude ver meu reflexo em seus óculos.

- É claro que não faço a menor ideia. Quem foi baleado?

Ela mudou de assunto.

- Você pode nos dizer onde estava na noite passada?

Não gostei do rumo que aquilo estava tomando. Arrisquei outro olhar para o policial. Ele continuava com os braços cruzados.

- Eu estava em casa.
- Quando você diz casa...
- A casa onde vocês me encontraram.
- Está morando com seu tio, não é? Myron Bolitar?

Ao ouvir o nome do meu tio, o chefe Taylor contraiu o rosto.

- Sim, estou.

Ela assentiu e anotou algo.

- Então me conte o que fez na noite passada.
- Fiz um pouco do dever de casa. Vi televisão. Li um livro.
- Seu tio estava em casa?
- Não, ele tinha saído.
- Para onde?
- Ele não disse.
- E quando ele voltou para casa?
- Não sei. Eu dormi.
- A que horas?
- A que horas eu dormi?
- Sim.
- Por volta das onze.

A investigadora registrou isso também.

- Seu tio ainda não havia chegado em casa?
- Acho que não. Não sei com certeza. Meu quarto fica no porão e eu estava com a porta fechada.
- Ele não vai ver como você está quando chega em casa?
- Geralmente, sim.

- Mas não na noite passada.
- A menos que tenha ido quando eu estava dormindo.

Ela fez outra anotação.

- O que mais você fez na noite passada?
- Só isso.

Ela enfim olhou de relance para o chefe Taylor. Ele cruzou novamente os braços e me lançou um olhar duro.

- O que foi? – perguntei.
- Você conversou com alguém ou enviou alguma mensagem de texto? – perguntou Anne Marie.
- Sim.
- Qual dessas coisas?
- As duas.

O policial falou pela primeira vez:

- Mas não mencionou isso, não é, Mickey?
- Como assim?

– A investigadora Dunleavy lhe perguntou o que você fez na noite passada. Você veio com o papo de dever de casa e televisão, mas não falou nada sobre conversar ou enviar mensagens. Isso parece um pouco suspeito, não acha?

– Eu também fiz um sanduíche com manteiga de amendoim e geleia. E tomei banho. A marca do xampu era Pert.

O chefe Taylor não gostou disso.

- Engraçadinho como o tio. Está bancando o engraçadinho com um representante da lei, Mickey?

Eu estava. Às vezes eu era capaz de dizer coisas estúpidas, mas em geral não sou suicida. Então parei.

A investigadora pôs uma das mãos no braço do policial.

- Ele achou que isso não era importante, chefe. Não foi, Mickey?

Talvez eu realmente visse televisão demais, mas, mesmo se não visse, aquilo se parecia muito com a clássica dupla de bom e mau policial. O chefe Taylor me encarou de novo, franzindo a testa, e voltou a se encostar na parede como se ela pudesse cair caso não a apoiasse.

– Vamos começar por suas conversas – continuou Anne Marie. – Você falou com alguém pessoalmente, pelo telefone ou de outra forma?

Engoli em seco. O que estava acontecendo?

- Pelo telefone.
- E com quem falou?
- Só com uma amiga.
- Qual é o nome dela?
- Rachel Caldwell.

A investigadora agora olhava fixamente para o papel, mas vi algo de que não gostei no modo como seu corpo se contraiu quando respondi.

Meu sangue gelou.

- Ah, não...

– A Srta. Caldwell lhe telefonou ou você telefonou para ela?

– Foi a Rachel? Ela está bem?

– Mickey...

– O que aconteceu?

– Ei, garoto!

Olhei irritado para o chefe Taylor, vendo mais uma vez meu próprio reflexo.

– Abaixе o tom. Você está aqui para responder às nossas perguntas, não o contrário. Entendeu?

Fiquei em silêncio.

– Entendeu? – repetiu ele.

Nenhuma. Palavra.

– Mickey? – Anne Marie pigarreou. Estava com a caneta a postos. – Você telefonou para a Srta.

Caldwell ou ela telefonou para você?

Minha cabeça girava. Tentei compreender a situação. O que estava acontecendo? De repente, lembrei-me das palavras de Rachel: *Preciso fazer uma coisa.*

O que aquilo significava?

– Mickey?

Consegui falar:

– Hum, ela me telefonou.

– Do nada?

– Bem, não. Primeiro eu mandei um torpedo para ela. Então ela me telefonou.

Falei rapidamente sobre a breve troca de mensagens. Também relatei que havia mandado um torpedo para Colherada, mas eles não demonstraram nenhum interesse nisso. O que quer que tivesse acontecido... tiros... duas pessoas baleadas... homicídio... envolvia Rachel.

– Então, depois das suas mensagens, a Srta. Caldwell telefonou?

– Sim.

– Sabe a que horas aconteceu isso?

– Talvez nove da noite.

– Os registros telefônicos nos dizem que foi às 21h17.

– É possível.

– Então, sobre o que vocês dois falaram?

– Eu só queria saber se ela estava bem. Tivemos um problema na quarta-feira. Vocês provavelmente sabem disso.

Eles não disseram nada.

– Então eu queria me certificar de que ela estava bem, dizer oi, esse tipo de coisa. Também tínhamos que entregar um trabalho na escola. Achei que poderíamos conversar sobre isso.

– E você fez isso?

– Fiz o quê?

– Conversou sobre o trabalho?

– Na verdade, não.

– Há quanto tempo você conhece Rachel Caldwell?

– Há pouco tempo. Acabei de entrar na escola...

O chefe Taylor se intrometeu:

– Não perguntamos quando você entrou para a escola. Perguntamos...

– Não sei exatamente. Talvez há uma semana.

– Há pouco tempo.

– Sim, pouco. – Eu estava ficando assustado, e quando isso acontece, costumo ficar irritado e até mesmo sarcástico. Então, acrescentei: – Veja bem, foi o que eu quis dizer quando respondi “Há pouco tempo”. Lamento não ter deixado isso claro.

Eles não gostaram nada do meu comentário. Nem eu.

– Mesmo assim, vocês dois estiveram aqui em Newark na quarta-feira – disse Anne Marie. – Envolveram-se naquela confusão na boate Plano B, certo?

– Certo.

– Interessante. Você conheceu o pai de Rachel Caldwell?

Essa pergunta me surpreendeu.

– Não.

– E a mãe?

– Não.

– Algum membro da família?

– Não. Por favor, o que está acontecendo? Rachel está bem?

– Fale sobre sua conversa ao telefone com Rachel Caldwell.

– Já falei.

– Desde o início. Palavra por palavra.

– Não entendo. Por que vocês precisam saber isso?

A investigadora respondeu:

– Porque logo depois que você falou com ela, alguém deu um tiro na cabeça de Rachel Caldwell.

capítulo 7

NÃO CONSEGUI ME mover.

A porta da sala de interrogatório se abriu e um jovem policial apareceu na soleira.

– Chefe Taylor? Ligação para o senhor.

Com um último olhar duro, Taylor me deixou sozinho com Anne Marie.

Engoli em seco.

– Rachel está...?

Por um momento, a mulher não disse nada. Ela havia falado que era da Divisão de Homicídios.

Eu sabia latim. *Homo* significava “ser humano” e *cidium*, “matar”. Assassinato.

Eu não costumo chorar. Na verdade, quase nunca choro. Meu pai e tio Myron choravam assistindo a comerciais de TV sentimentais. Eu não. Eu me fecho. Mas naquele momento senti as lágrimas forçando passagem.

– Ela está viva – informou a investigadora.

Quase desmaiei de alívio. Já ia fazer mais perguntas, porém Anne Marie ergueu a mão para que eu ficasse em silêncio.

– Não estou autorizada a conversar sobre Rachel, Mickey. O que preciso é que você me ajude a descobrir quem fez isso com ela. Entendeu?

Concordei. Então lhe contei tudo de que me lembrava sobre o breve telefonema. Falei sobre os caras que havíamos ajudado a prender. Bem que tio Myron me avisara. Depois de algo assim, não tem como você apenas seguir em frente. As ações têm consequências.

Alguém descontara em Rachel?

– Fale-me mais sobre Rachel – pediu a investigadora.

– Como o quê?

– Vamos começar pela vida social dela. Rachel é popular?

– Muito.

– Com que tipo de pessoas ela anda?

– Realmente não sei. Como eu disse, sou novo na escola.

Anne Marie olhou de relance para trás, na direção da porta, como se esperasse que ela abrisse. Nada aconteceu. Então, prosseguiu:

– E quanto ao namorado de Rachel, Troy Taylor? Como ele é?

Mesmo com todo aquele perigo e medo, senti meu rosto queimar ao ouvir o nome do filho do policial. Troy Taylor era um aluno do último ano, capitão do time de basquete, e considerava sua missão tornar minha vida um inferno.

– Acho que eles não estão mais namorando – respondi, esforçando-me para não trincar os dentes.

– Não?

– Não.

– Você está bem, Mickey?

Eu estava com os punhos cerrados.

– Estou.

Ela inclinou a cabeça.

– Você é o namorado dela agora?

– Não.

– Porque você parece um pouco enciumado.

– Não estou – respondi, um pouco ríspido. – O que isso tem a ver com o que aconteceu a Rachel?

– Sei que você agrediu Troy Taylor.

Aquilo me surpreendeu.

– Não o agredi. Foi legítima defesa.

– Entendo. Mas não houve uma briga?

– Não exatamente. Talvez uma rápida...

– E essa briga foi por causa de Rachel Caldwell?

– Não. Ele pegou o laptop da minha amiga Ema e...

– E você bateu nele.

– Não. Não foi bem assim.

– Entendo – disse ela de um modo que sugeria o contrário. – Segundo o chefe Taylor, você teve vários problemas com a lei.

– Isso não é verdade.

– Não? – Ela baixou os olhos para um papel. – Aqui diz que você foi preso por violação de direitos de propriedade...

– E solto – retruquei. Aquilo havia acontecido na casa de dona Morcega. – Eu só estava batendo na porta.

Ela continuou a ler:

– Também dirigiu sem carteira de motorista válida, sendo menor de idade. E praticou invasão de domicílio e usou uma identidade falsa para entrar em uma boate.

Decidi ficar de boca fechada. Podia explicar aquilo tudo, mas ela nunca entenderia. Droga, nem eu entendia.

– Tem algo a dizer a seu favor, Mickey?

– Onde está Rachel?

Anne Marie balançou a cabeça. Mais uma vez a porta atrás dela se abriu. Ball entrou na sala, junto com meu tio. Myron olhou por um instante para a investigadora e foi logo na minha direção.

– Você está bem? – perguntou.

– Estou.

Tio Myron se empertigou e encarou Anne Marie. Oficialmente, ele era advogado, embora não exercesse a profissão – trabalhava como agente de atletas e artistas. Pigarreou e indagou:

– O que está acontecendo aqui?

A mulher sorriu para ele.

– Já acabamos. Seu sobrinho pode ir embora.

Ela começou a se levantar.

– Investigadora Dunleavy? – chamei.

Ela ficou imóvel.

– Quem foi morto?

Seus olhos se estreitaram.

– Como você sabe...?

Foi a minha vez de erguer a mão.

– Você disse que duas pessoas foram baleadas. Também disse que era uma investigadora da *Homicídios*. Isso significa que alguém foi morto, certo?

– Nem sempre – respondeu, com uma voz suave.

Myron estava perto de mim. Nós dois a encaramos.

Anne Marie olhou para baixo e juntou seus papéis, sem pressa. Por fim, falou:

– O atirador também atingiu a mãe de Rachel. E, sim, ela está morta.

capítulo 8

O QUE VOCÊ FAZ QUANDO RECEBE a notícia de que uma amiga levou um tiro e a mãe dela foi assassinada?

Eu decidi ir para a escola.

Myron me fez uma centena de perguntas, certificando-se de que eu estava bem, mas, no fim das contas, o que eu ia fazer, tirar o que meus colegas chamam de “um dia para descansar a mente”? Vi que chegaram dois torpedos de Ema. O primeiro fora enviado de manhã cedo: **descobri uma coisa sobre o paramédico do seu pai que não faz nenhum sentido.**

Em geral, eu ficaria alvoroçado com isso, mas a mensagem seguinte, cerca de uma hora depois, era muito mais urgente: **MEU DEUS! DIZEM QUE RACHEL LEVOU UM TIRO! ONDE VC TÁ?**

O clima na escola era ao mesmo tempo sombrio e surreal. Havia orientadores educacionais à disposição dos alunos caso não conseguissem lidar bem com a notícia dos tiros. Alguns choravam abertamente nos corredores – aqueles de quem era esperado que ficassem muito abalados. Não importava se conheciam bem Rachel; as pessoas reagiam de modos diferentes à tragédia e não era correto julgá-las.

Os boatos se espalhavam por todo o lugar, mas ninguém parecia saber se Rachel tinha sido gravemente ferida. Dois dias antes, Rachel me dissera que seus pais eram divorciados e sua mãe morava na Flórida. Não mencionara nada sobre a visita dela.

O que a mãe de Rachel estava fazendo em Nova Jersey?

Encontrei Ema sentada sozinha no refeitório. Alguns diriam que nos sentamos à mesa dos excluídos ou dos “perdedores”. Talvez, mas, para mim, o refeitório mais parece um estádio. Os alunos considerados “descolados” ficam nas tribunas e cadeiras enquanto os demais se sentam na arquibancada – contudo, eu sempre me divirto mais quando fico na arquibancada.

– Uau – exclamei.

– Pois é. Onde você estava hoje de manhã?

Eu lhe contei sobre o interrogatório da polícia. Nesse meio-tempo, avistei Troy Taylor pelo canto do olho. Ele estava sentado, para manter minha metáfora esportiva, nas “luxuosas cadeiras cativas”. Nossos colegas se dirigiam a ele para cumprimentá-lo e expressar seu pesar.

Olhei para a mesa de Troy e franzi a testa.

– Eles nem mesmo estavam namorando.

Ema me olhou friamente.

– O que foi? – perguntei.

– É isso que importa para você agora? O passado de Troy Taylor com Rachel?

Ela tinha razão.

– Não se esqueça de que Rachel não se sentava aqui. Ela se sentava com eles. – Ema apontou para a mesa de Troy. – Uma vez nos honrou com sua presença e nos deu alguns biscoitos de que precisava se livrar. Isso foi tudo.

– Ela nos ajudou.

– Não importa. – Ema fez um gesto de desdém com a mão. Seu esmalte escuro estava lascado. Comemos em silêncio por alguns momentos.

– Mickey?

– Sim?

– Você acha que os tiros estão ligados ao que aconteceu na boate? Quero dizer, acha que estamos em perigo também?

– Não sei. Temos que tomar mais cuidado.

– Como?

Ela me olhou com um misto de curiosidade e esperança. Lembrei-me da quarta-feira, da faca encostada em sua garganta, de como Ema quase morrera. Meu coração ficou apertado de novo. Estava prestes a falar algo inútil sobre não se preocupar porque encontraríamos uma solução, mas felizmente fui interrompido.

– Oi, camaradas. Mesmo neste dia terrível, é um prazer ver vocês.

Era Colherada. Ele sempre segurava sua bandeja perto do corpo, temendo que alguém a derrubasse de propósito. Esta era nossa mesa – minha, de Ema e Colherada – no canto mais distante da “arquibancada”. Meu amigo pousou a bandeja e empurrou os óculos para cima. Tinha os olhos vermelhos agora, mas não estava chorando.

– Então, vamos assumir o caso? – perguntou ele.

Ema franziu a testa.

– Do que você está falando?

– Rachel levou um tiro.

– Nós sabemos – replicou Ema.

Colherada olhou para mim e depois voltou a encarar Ema.

– Então estamos de acordo?

– Do que você está falando? – repetiu Ema.

– De Rachel. Ela é parte do nosso grupo.

– Não, Colherada – retrucou Ema, apontando para a mesa do grupo com jaquetas de times da universidade e suéteres de líderes de torcida. – Ela é parte *daquele* grupo.

Colherada negou com a cabeça.

– Você é que sabe.

Ema ficou em silêncio.

– Temos que agir – continuou Colherada.

– Agir como? – perguntei.

Ele estufou o peito.

– Precisamos descobrir quem atirou nela. Isso é muito importante. Não podemos descansar enquanto não descobirmos quem cometeu esse ato terrível. Deveríamos fazer um pacto: não desistirmos enquanto Rachel não estiver segura e não soubermos a verdade.

Ema suspirou.

– Já vi que você está pronto para salvar a bela mocinha.

Colherada arqueou as sobrancelhas.

– Sou o herói de todas as garotas.

Ele se virou para mim.

– O que você acha, Mickey?

– Nem mesmo sabemos onde ela está – respondi.

Colherada sorriu.

– Eu sei.

Isso atraiu nossa atenção. Ema e eu nos inclinamos para a frente. Colherada apenas sorriu. Nós esperamos. Ele abriu ainda mais o sorriso.

– Fale, Colherada – pedi.

– Certo, me desculpem. Meu pai. Vocês sabem que ele é o zelador-chefe desta escola, não é?

– É claro que sabemos – respondeu Ema, impaciente. – Fale logo.

– Ah – continuou Colherada, erguendo a colher no ar –, mas vocês sabem da rede de zeladores?

– O quê?

– A rede de zeladores. É muito difícil explicar em detalhes, portanto vou dizer o básico: os zeladores falam uns com os outros. Eles são os olhos e ouvidos de qualquer instituição. Entenderam?

Colherada parou e esperou uma resposta.

– Não – falei.

Ele suspirou.

– Um zelador da rede é amigo do meu pai. Esse zelador em particular, o Sr. Tansmore, trabalha no Saint Barnabas Hospital, em Livingston. Ele disse ao meu pai que é lá que Rachel está.

– Ele falou sobre a gravidade dos ferimentos? – perguntei.

– Não. Mas disse que ela estava com um ferimento de bala. Sugiro que a gente vá visitar Rachel no hospital depois da escola.

Olhei para Troy Taylor. Ele estava me ignorando deliberadamente, mas seu melhor amigo, Buck, me encarava, carrancudo. Ele bateu com o punho na palma de sua mão e articulou as palavras *Homem morto*.

Bocejei e levei a mão à boca de forma teatral.

– Está cansado? – perguntou Colherada.

– Não. Isso foi para o Buck.

Colherada franziu a testa.

– Buck está cansado?

Sim, Colherada podia ser enlouquecedor.

– Esquece, Colherada.

– Ok. – Ele se inclinou para a frente e disse: – E aí?

– E aí o quê? – respondeu Ema, irritada.

– Vamos ao hospital depois da escola? Vamos tentar descobrir o que aconteceu com nossa companheira derrubada em combate?

– Você está louco? – reclamou Ema. – Não é tão simples entrar em um hospital e visitar uma paciente. Você nem sabe se ela pode ou quer receber visitas, e se quiser, provavelmente prefere seus amigos mais próximos, não nós. Além disso, a polícia, inclusive o pai de Troy, está trabalhando no caso. Policiais de verdade.

Colherada arqueou as sobrancelhas de novo.

– Os policiais não derrotaram Buddy Ray na Plano B. Nós, sim.

– E quase fomos mortos – retrucou Ema.

– Não tema, bela donzela. – Colherada arrastou sua cadeira para perto dela. – Eu salvei a senhorita uma vez. Posso fazer isso de novo.

– Não me faça lhe dar um soco – ameaçou Ema.

Eu fiquei calado. Ema olhou para mim.

– Você não está cogitando fazer isso, certo?

– Não sei – respondi. – Suponha que possamos ajudar.

– Você está brincando, não é?

– Talvez nós também estejamos em perigo. Não podemos ficar de fora. Você mesma disse. Somos todos parte disso.

– Não, eu disse que você e eu somos parte disso. E eu estava falando sobre o paramédico e o Carniceiro de Lodz, e talvez dona Morcega. Não sobre Rachel Caldwell. – Ema se levantou. – Tenho que ir para a aula.

– O quê? A hora do almoço ainda não acabou.

– Para mim acabou. Tenho coisas a fazer.

Ema saiu da mesa.

– O que deu nela? – indagou Colherada.

– Boa pergunta.

– Mulheres. – Ele me cutucou com o cotovelo. – Estou certo, Mickey?

– Certíssimo, Colherada.

Observei Ema se afastar. Quando ela passou pelas “luxuosas cadeiras cativas”, Troy, que supostamente lamentava sua namorada ferida, pôs as mãos em concha na boca e gritou:

– Ei, Ema. Muuu!

Ele e alguns de seus amigos riram.

Buck, também conhecido como Sr. Macaco de Imitação, berrou:

– É, Ema. Muuuuuu!

Outro aluno da mesa fez o mesmo enquanto algumas pessoas batiam as mãos espalmadas contra a de Troy, em um gesto de aprovação.

Levantei-me, sentindo a raiva aumentar. Comecei a ir na direção de Troy e Buck, com os punhos cerrados, pronto para a briga. Mas quando Ema se virou e olhou para mim, parei de andar. Havia algo em seus olhos, um quê de desafio e tristeza.

Sustentei o seu olhar. Vi algo ali, mas realmente não soube dizer o quê. Aquilo me comoveu e ao mesmo tempo me confundiu.

Ema articulou a palavra *Não*.

Fiquei em pé por mais um segundo, mas agora sabia que precisava voltar a me sentar.

Ema se virou e foi embora, ignorando as gargalhadas cruéis atrás de si. Pensei em seu olhar, sua mágoa, e algo me disse que não tinham nada a ver com Troy ou seus xingamentos imaturos.

– Mickey?

– Sim, Colherada.

- Ao contrário da crença popular, as vacas não têm quatro estômagos. Elas têm quatro compartimentos digestivos.
- Obrigado por me esclarecer isso.

capítulo 9

AINDA FALTAVAM DEZ MINUTOS para o fim do almoço. Fui para fora fazer alguns arremessos. Dois cartazes estavam afixados por toda parte. O primeiro – que estava deixando a maioria dos alunos entusiasmados – tinha uma foto muito sexy de Angelica Wyatt:

TESTES PARA FIGURANTES

SOMENTE DOIS DIAS!

TALVEZ VOCÊ ENCONTRE ANGELICA WYATT

Seja um astro – ainda que apenas por alguns segundos!

Essa eu passo, pensei.

Além disso, toda a minha atenção – todo o meu foco – estava no segundo cartaz:

TESTES DE BASQUETE SEGUNDA-FEIRA!

15 HORAS

REUNIÃO NO GINÁSIO 1

Somente os alunos do terceiro e quarto ano farão testes para o time principal

Os calouros e alunos do segundo ano farão testes para o time juvenil

Engraçado. Apesar do que havia acontecido nos últimos dias, eu ainda me interessava por basquete. Começaria fazendo testes para o time juvenil, mas, sem querer parecer metido, não planejava ficar lá por muito tempo.

Fiz alguns arremessos sozinho. Não queria que ninguém em minha nova escola me visse jogar antes dos testes. Não me pergunte por quê. Viajava quase todas as tardes para jogar basquete em uma parte violenta de Newark. Era lá que aperfeiçoaria meu jogo.

Como já mencionei, meu tio Myron foi um grande jogador – o que marcou mais pontos na história desta escola, o melhor do time principal da universidade, convocado na primeira rodada pelo Boston Celtics.

Mas, segundo meu pai, eu era melhor.

Vamos ver. Essa era a beleza do basquete. Não tinha a ver com conversas. Tinha a ver com o que acontecia na quadra.

Estava prestes a voltar para dentro quando vi o agora familiar carro preto com as janelas de vidro fumê fechadas. Parei e esperei. Aquele carro com a placa estranha. O carro que me seguia desde que tudo aquilo havia começado. O carro com aquele homem careca misterioso. O carro que tinha me levado ontem para ver dona Morcega.

Ele estava de volta.

Esperei o homem com o cabelo recém-raspado sair. Não saiu. O sinal tocava dali a um ou dois minutos. O que eles queriam agora?

Comecei a andar na direção do automóvel. Quando cheguei mais perto, a porta traseira se abriu.

Deslizei para dentro. O careca estava lá. A divisória erguida mais uma vez não me deixou ver quem dirigia.

– Oi, Mickey – disse Cabeça Raspada.

Eu estava farto dele e de seus súbitos aparecimentos.

– Você se importa de dizer seu nome?

– Como está se sentindo? – perguntou.

– Ótimo. Quem é você?

– Soubemos que Rachel foi baleada.

Esperei que ele falasse mais. Em vão. Examinei seu rosto. Ele era mais jovem do que eu achara inicialmente. Devia ter 30, no máximo 35 anos. Tinha mãos fortes e maçãs do rosto proeminentes e falava com um sotaque que eu em geral associava a cursos preparatórios esnobes.

– Espere um segundo. O tiro que Rachel levou está relacionado com vocês?

– Vocês? – perguntou ele.

– O Abrigo Abeona.

Recentemente, eu soubera que meus pais não eram apenas nômades amantes da diversão que viajavam pelo mundo e de vez em quando praticavam boas ações. Eles dirigiam operações secretas para salvar crianças em perigo, atuando como membros de uma organização clandestina chamada Abrigo Abeona.

Abeona era a deusa romana protetora das crianças. O símbolo secreto da organização era a *Tisiphone abeona* – uma borboleta um tanto exótica que parecia ter olhos nas duas asas.

Encontrei a borboleta na fotografia dos hippies na casa de dona Morcega. Encontrei outra em uma das tatuagens de Ema. E outra ainda na sepultura do meu pai.

Dona Morcega parecia ser a líder. Cabeça Raspada também trabalhava para a organização. E agora, aparentemente, o Abrigo Abeona havia recrutado meus amigos e eu. Dois dias antes, tínhamos salvado uma garota de um destino terrível. Mas não fora fácil.

– Parece óbvio que você passou a gostar muito de Rachel Caldwell – comentou Cabeça Raspada.

– E daí?

– O quanto você gosta dela?

– Do que você está falando?

– Ela lhe deu alguma coisa?

Fiz uma careta.

– Como o quê?

– Um presente. Um pacote. Qualquer coisa.

– Não. Por que ela faria isso?

Cabeça Raspada ficou em silêncio.

– O que está acontecendo? – perguntei. – Por que Rachel levou um tiro?

– Não sei.

– Não acredito em você.

– Acredite no que quiser. Esses são os riscos que todos nós corremos.

– Do que você está falando?

– Você corre perigo. Ela o avisou sobre isso. – Ela. Ele se referia a dona Morcega. – Mas pode se

afastar a qualquer hora.

– Não entendo. Por que fomos escolhidos para nos juntar a vocês?

Ele deu de ombros e olhou pela janela do meu lado.

– Por que qualquer um é escolhido?

– Isso é realmente profundo, mas você está evitando a pergunta. Colherada, Ema, Rachel, eu... por que nós?

– Por que vocês? – Ele continuou a olhar pela janela. Contraiu o rosto e, por um momento, pareceu totalmente perdido. Então acrescentou algo que me surpreendeu: – Por que eu?

O sinal tocou. Ele abriu a porta.

– Volte logo para a sala – exigiu. – Não quero que se atrase. E... Mickey?

– O quê?

– Independentemente do que você fizer, não fale com seu tio sobre nós.

capítulo 10

RISADINHAS DE ALGUNS COLEGAS acompanharam Colherada quando ele se aproximou do meu armário, no fim do dia escolar.

Eu o encarei por um momento.

– O que você está usando? – perguntei.

Colherada franziu a testa.

– O que parece ser?

– Uniforme cirúrgico.

– Exatamente – confirmou Colherada. Ele deu um grande sorriso. – É o disfarce perfeito para entrarmos no hospital. Viu, posso fingir que sou médico.

Sou alto. Tenho mais de 1,90 metro e cerca de 90 quilos. Colherada era baixo e muito magro. Dava até a impressão de que um vento forte poderia lhe quebrar um osso. Seus óculos nunca estavam bem posicionados e pareciam grandes demais no seu rosto.

Posso facilmente passar por um garoto com mais de 16 anos. Colherada ainda podia comprar ingressos para o cinema com desconto para crianças com menos de 12 anos sem que o caixa da bilheteria desconfiasse.

– Então vamos visitar Rachel? – perguntou Colherada.

– Sim – respondi.

Ele deu um sorriso largo.

– Pode me chamar de Dr. Colherada. Sabe, para mantermos o disfarce. – Ele olhou de relance para a esquerda e a direita. – Onde está Ema?

Eu me perguntava o mesmo. Esquadrinhei o corredor à procura dela. Nada. Eu havia lhe mandado uma mensagem para se encontrar conosco ali e pegarmos o ônibus juntos, mas ela não respondera.

– Não sei – respondi.

– Então somos apenas você e eu?

– Acho que sim. Espere, pensei que você estivesse de castigo.

– Sim, mas hoje tenho uma reunião na FUMA.

– Ahn?

– Fundação Musicais que Adoro. Não gosto de me gabar, mas sou o fundador e presidente do clube.

Putz.

– Quantos membros esse grupo tem? – perguntei.

Colherada pareceu confuso.

– Era para ter outros membros?

Fechei meu armário.

– Quer entrar para o grupo? – perguntou ele. – Você pode se candidatar a vice-presidente. Você adora musicais, não é? Na próxima semana meu pai vai levar todo o grupo para assistir ao novo

musical de Frank Wildhorn. Você sabe quem ele é? De *O médico e o monstro*? *O pimpinela escarlate*? Adoro a canção “This Is the Moment”... Você também?

Ele começou a cantá-la.

– É – respondi, para que ele parasse. – Adoro.

Enviei rapidamente outra mensagem para Ema: **POR FAVOR, VENHA COM A GENTE.**

Nenhuma resposta.

Dei outra olhada para o corredor e suspirei.

– Acho que somos apenas você e eu.

– Shrek e Burro! – gritou Colherada.

– Ah, sim.

– Melhor ainda. – Colherada estalou os dedos. – Dom Quixote e Sancho Pança! Você sabe quem eles são? Esqueça o livro, estou falando sobre o musical, *O homem de La Mancha*. Você é o bravo Dom Quixote e eu sou seu fiel escudeiro, Sancho. A propósito, a peça ganhou o prêmio Tony de Melhor Musical em 1966, mas provavelmente você sabia disso, não é?

Eu não sabia do prêmio – quem sabia? –, mas o estranho é que conhecia o musical e a história. Dessa vez a analogia de Colherada fazia total sentido: Dom Quixote tinha alucinações e, bem, era louco.

Dei mais uma olhada pelo corredor em busca de Ema. Nada.

– Vamos – chamei.

Dr. Colherada e eu andamos na direção do ponto de ônibus na Northfield Avenue. Quando fizemos a curva, quase chorei de alívio. Lá, esperando no ponto com um ar impaciente, estava Ema.

Corri para ela e a abracei.

– Ema!

Ela pareceu surpresa com o abraço. Também fiquei.

– Você veio!

– É claro que vim. Se vocês dois fizerem isso sozinhos, vão estragar tudo.

Colherada veio e se juntou ao abraço. Quando nos largamos, Ema olhou para a roupa de Colherada e depois para mim. Dei de ombros.

Colherada abriu os braços.

– Gostou? Sexy, não é? Como o personagem de uma série.

– O Dr. McPesadelo – retrucou Ema.

Depois que entramos no ônibus, contei a Ema e Colherada sobre meu encontro com Cabeça Raspada no carro preto. Eles ouviram em silêncio. Quando chegamos ao Saint Barnabas Hospital, tentamos a maneira direta: simplesmente entrar. Não funcionou, o que não foi de surpreender. Havia um balcão na frente, onde era preciso apresentar uma carteira de identidade com foto e um motivo para estar ali, vários seguranças e até mesmo um detector de metais.

Ema franziu a testa.

– Enfim, quem iria querer entrar em um hospital?

– As pessoas roubam suprimentos médicos – respondeu Colherada. – Tentam roubar computadores, remédios ou registros...

– Foi uma pergunta retórica, Colherada.

– Ah.

Ela o olhou de novo.

– Espere, há um estetoscópio em seu pescoço?

– Sim. Por quê? – confirmou Colherada, bastante satisfeito consigo mesmo. – É parte do meu disfarce.

– Onde você conseguiu...?

Ema me olhou. Limitei-me a balançar a cabeça, como se dissesse *Não vale a pena*. Ela desistiu.

– E agora? – perguntei.

– Sigam-me – falou Colherada.

Nós obedecemos. Saímos, demos a volta e fomos até os fundos. Havia uma grande porta de metal que só se abria por dentro. Colherada bateu três vezes, parou e bateu mais duas vezes. Esperamos. Ele ergueu as sobranceiras e depois deu mais duas batidas.

Um homem usando um macacão de zelador abriu a porta e nos olhou de cara feia.

– O que vocês querem?

– Sr. Tansmore? Sou eu, Arthur. – Então Colherada tirou o estetoscópio do pescoço, como se o Sr. Tansmore não pudesse reconhecê-lo em seu disfarce inteligente. – Arthur Spindel.

Eu tinha me esquecido de que o nome verdadeiro de Colherada era Arthur, embora só tivesse lido esse apelido alguns dias atrás.

– Ah, oi, Arthur – disse o Sr. Tansmore. Ele olhou para fora a fim de se certificar de que não havia ninguém na área. – Entrem. Rápido.

Foi o que fizemos.

– Está vendo? – sussurrou-me Colherada. – A rede de zeladores.

O Sr. Tansmore nos conduziu pela escada até o porão. Quando chegamos ao degrau de baixo, virou-se e disse, com sua voz grave:

– Você não está aprontando alguma, está, Arthur?

– Não, senhor.

Tansmore não ficou satisfeito, mas também não pareceu muito interessado.

– Se vocês forem apanhados...

– Nunca ouvimos falar no senhor – completou Colherada. – Não se preocupe.

– Está bem. Esperem cinco minutos aqui e então façam o que precisam fazer.

– Obrigado – agradeceu ele.

– Certo. Certifique-se de que seu pai sabe...

– Já cuidei disso.

Olhei para Ema, que deu de ombros. Fazemos muito isso perto de Colherada.

– Alguma novidade sobre Rachel Caldwell? – perguntou ele.

Tansmore apenas balançou a cabeça.

– E o quarto em que ela está?

– Não sei. Ela tem menos de 18 anos, não é?

– É.

– Então deve estar na ala pediátrica. Provavelmente no quinto ou sexto andar. Tenho que voltar ao trabalho.

Ele nos deixou sozinhos no porão.

– O que foi aquilo de “certifique-se de que seu pai sabe” e “já cuidei disso”? – perguntei.

– Tem a ver com a rede de zeladores – explicou Colherada em um sussurro. – Mas jurei segredo.

Ele contou cinco minutos em seu relógio, então nos levou para fora do porão. Quando chegamos ao primeiro andar, Ema perguntou:

– E agora?

Colherada refletiu.

– Precisamos encontrar um terminal de computador.

Isso não foi fácil. O primeiro andar era quase todo de escritórios administrativos, mas todos estavam ocupados ou com alguém perto. Não podíamos simplesmente entrar e usar um.

– Talvez a gente deva ir para a ala pediátrica no quinto andar – sugeriu Colherada.

Podia ser que funcionasse. Não era um plano muito bom, porém eu não sabia o que mais poderíamos fazer. Pegamos o elevador, viramos à esquerda e depois à direita e entramos na ala pediátrica. O contraste era surpreendente. A parte principal do hospital era decorada em tons de bege e cinza banais, condizentes com a atmosfera. A ala pediátrica tinha cores vivas, como as das casas de festa infantis ou de uma sala de pré-escola particularmente alegre.

Eu entendia o objetivo, mas algo nele parecia falso, até mesmo enganoso. Aquilo era um hospital. As crianças ali estavam doentes. Não se podia mascarar isso com cores vivas.

Também não se podia disfarçar o cheiro. É claro que eles usavam um purificador de ar com aroma de cereja, mas ainda assim era possível sentir o cheiro de... bem, hospital. Eu odiava aquele cheiro.

Começamos a andar pelo corredor. A maioria das portas dos quartos dos pacientes estava fechada. Quando uma delas se abriu, tentamos dar uma espiada lá dentro, mas não dava para ver o suficiente para saber quem estava ali.

– Isto é inútil – comentou Ema.

Concordei.

– Precisamos ter acesso a um computador – disse Colherada.

Mas pude perceber que isso não iria acontecer. Todos os terminais estavam bem à vista, sob rígida vigilância. Além disso, exigiam todos os tipos de identificações e senhas para garantir a privacidade dos pacientes.

Não seria fácil.

Continuamos a andar. Uma das enfermeiras nos observou. Devíamos estar chamando atenção. Minhas roupas eram normais, acho, jeans azuis e um casaco de moletom, mas Ema estava toda de preto, com maquiagem pesada, joias de prata e muitas tatuagens, e o Dr. Colherada, bem, você sabe.

– O que estamos procurando? – sussurrou-me Ema.

Eu não tinha a menor ideia, por isso continuamos a andar.

Havia um grande projeto de arte em andamento ali, pensei. Todas as portas tinham um desenho infantil diferente, algumas com cinco ou seis. Representavam elefantes, tigres e vários animais, castelos, montanhas e árvores... Os mais comoventes para mim foram os de casas – sempre um retângulo com telhados triangulares – acompanhadas de uma família feita de bonequinhos de palito, em gramados verdes. O sol brilhante e sorridente no canto também era comum.

As crianças que os desenharam deviam sentir falta de suas casas e famílias.

Eu estava observando as portas quando vi algo que me fez gelar.

Ema me encarou e perguntou:

– O que há de errado?

Por um momento, simplesmente fitei a porta. Ema se virou devagar e seguiu meu olhar. Ela ofegou.

Nessa porta só havia um desenho. Com um elemento. Não havia segundo plano, árvores, montanhas altas, bonequinhos de palito ou um sol sorridente no canto.

Só havia uma borboleta.

– O que...? – Ema se virou para mim.

Não havia nenhuma dúvida: era a mesma borboleta que eu vira na casa de dona Morcega, na sepultura do meu pai e em uma das tatuagens de Ema. A *Tisiphone abeona*. Só que, por algum motivo, os olhos eram roxos.

De repente, senti um calafrio.

– Mickey?

Eu não sabia o que dizer.

– Não entendi – falou Ema.

– Nem eu, mas temos que descobrir um modo de entrar no quarto.

A porta ficava bem perto do posto de enfermagem da UTI. Ou seja, estava sob vigilância constante. Olhei ao redor e pensei: Dane-se, vou tentar a abordagem direta.

– Vocês dois fiquem fora de vista – mandei.

– Qual é o seu plano? – perguntou Ema.

– Vou simplesmente entrar.

Ema fez uma careta.

– Vale a pena tentar – repliquei.

Ema e Colherada foram para o fim do corredor, onde ninguém podia vê-los. Andei com naturalidade na direção da porta com a borboleta. Eu era o Sr. Relaxado, o Sr. Descolado. Quase comecei a assoviar de tão tranquilo que estava.

– Aonde você pensa que vai?

A enfermeira me encarou, com os braços cruzados. Franziu a testa, como uma bibliotecária que não acredita na justificativa para devolver o livro atrasado.

– Ah, oi – cumprimentei, apontando para a porta. – Estou indo visitar minha amiga.

– Não naquele quarto. Quem é você?

– Espere – falei, estalando os dedos e batendo na lateral da minha cabeça de forma exagerada. – Este é o quinto andar? Eu devia estar no sexto. Desculpe.

Antes de a enfermeira poder dizer qualquer coisa, apressei-me a ir embora. Encontrei com Ema e Colherada no fim do corredor.

– Nossa, você é demais! – exclamou Ema.

– Precisamos de sarcasmo agora?

– Precisamos? Não. Mas isso não significa que não podemos nos divertir um pouco.

– Talvez eu consiga entrar com meu disfarce inteligente – comentou Colherada. – Posso fingir que

sou médico.

– Colherada, essa é uma ótima ideia – elogiou Ema.

Olhei para ela, confuso.

– Bem, é uma ótima ideia – disse Ema. – Mas vamos fazer alguns ajustes.

capítulo 11

O POSTO DE ENFERMAGEM ficava no meio de dois corredores. Havia quartos dos dois lados. Três minutos depois da minha tentativa de entrar no quarto com a borboleta na porta, Colherada surgiu no canto oposto ao da enfermeira que me impedira de entrar.

– Enfermeira! Preciso de um carrinho de reanimação! *Stat!*

– Ahn?

– *Stat* – repetiu Colherada. – Quer dizer “rápido”.

– Sei o que significa, mas...

– Enfermeira, sabe a origem do termo *stat*? É a forma abreviada de *statim*, que é o termo em latim para “imediatamente”.

A enfermeira estreitou os olhos.

– Quantos anos você tem?

– Vinte e sete.

Ela franziu a testa.

– Está bem, eu tenho 14. Mas sou um daqueles meninos prodígios sobre os quais você já leu.

– Ahã. E por que no bolso da sua roupa está bordado “Dr. Feelgood”?

– Esse é o meu nome! Algum problema com isso? – Ele arqueou uma sobrancelha. – A propósito, você é muito atraente.

– O que disse?

– Nós, médicos, sempre cantamos as enfermeiras, não sabia? Aposto que agora você se sente muito lisonjeada. – Colherada flexionou um braço tão musculoso quanto uma alga. – Quer sentir o meu muque?

Duas outras enfermeiras se aproximaram.

– Esse garoto está dando trabalho? – perguntou uma delas.

– Para você sou o Dr. Garoto, enfermeira. – Ele arqueou de novo uma sobrancelha. – A propósito, você é muito atraente.

Agora eu estava perto da porta com a borboleta. Todos os olhares estavam voltados para Colherada. Eu estava prestes a estender a mão para a porta quando uma das enfermeiras, talvez pressentindo algo, começou a se virar na minha direção.

Ah, isso não era bom.

Eu ia me abaixar... mas do que adiantaria? Eu estava bem à vista. A enfermeira já estava quase me vendo quando Ema gritou:

– Kevin! Onde você está? Kevin!

A enfermeira se voltou para o outro lado enquanto Ema corria até Colherada.

Hora de me mexer.

Abri a porta com a borboleta e entrei no escuro. Ainda ouvi Ema acrescentando:

– Kevin, você devia estar na ala psiquiátrica. Sinto muito. Ele é meu irmão e fugiu. Vou levá-lo daqui...

A voz dela e todas as outras desapareceram quando a porta se fechou atrás de mim.

Antes que eu olhasse para a cama, ouvi alguém dizer:

– Mickey? Como você entrou aqui?

Lá, sentada, estava Rachel.

capítulo 12

CORRI PARA O LADO DELA. Havia uma atadura em sua cabeça, mas Rachel parecia relativamente bem. Não havia um monte de tubos ou algo do tipo saindo dela. Suas mangas estavam arregaçadas. Meu olhar foi atraído para aquela velha e horrível marca de queimadura na parte interna do seu braço – a única falha, que parecia aumentar o resto de sua perfeição. Os olhos dela pareciam marejados.

Quis abraçá-la ou fazer alguma coisa, mas em vez disso fiquei ao lado da cama e esperei.

– Como você entrou? – perguntou Rachel.

– Colherada está desviando as atenções.

Ela tentou sorrir, mas caiu em prantos.

– Minha mãe...

Eu me aproximei e me sentei na beira da cama. Peguei a mão dela.

– Eu soube. Sinto muito.

A cabeça de Rachel caiu de novo sobre o travesseiro. Ela piscou várias vezes e encarou o teto.

– A culpa é minha.

– Não se culpe.

– Você não entende – disse ela com uma voz sumida. – Eu causei a morte dela.

Gelei. Rachel começou a chorar de novo.

– O que você quer dizer? – perguntei.

Ela apenas balançou a cabeça.

– Rachel?

– Você precisa ir embora.

Eu a ignorei.

– O que você quis dizer com “Eu causei a morte dela”?

Ela balançou a cabeça de novo.

– Não quero colocar você em perigo também.

– Não se preocupe comigo, ok? Apenas me diga o que está acontecendo. Você está bem?

A porta do quarto começou a se abrir.

Tenho reflexos rápidos. Sei que isso é genético: minha mãe foi um dos maiores prodígios do tênis da época dela e meu tio, um jogador de basquete de nível profissional. Não hesitei. No momento em que ouvi a porta se abrindo, mergulhei embaixo da cama de Rachel.

– Oi, Rachel – cumprimentou alguém.

Meu estômago se embrulhou quando reconheci a voz.

Ouvi Rachel se ajeitando na cama.

– Chefe Taylor?

– Já faz muito tempo – disse ele. Algo estranho para se dizer a uma adolescente baleada, pensei.

Vi os sapatos marrons dele se movendo na direção da cama. – Como está se sentindo, Rachel?

Havia algo estranho na voz do chefe Taylor – uma espécie de tensão. Ele tentava parecer o policial confiante, mas algo não se encaixava.

– Bem, obrigada.

Na voz dela também. Havia um atrito, algo por trás das palavras casuais deles.

– Os médicos me disseram que você teve muita sorte.

– Ah, sim, muita – retrucou. Senti um tom de raiva na voz dela. – Minha mãe está morta. Sou muito abençoada.

– Eu não quis dizer isso – desculpou-se Taylor, o eterno idiota. – Estava me referindo à sua saúde física. Parece que a bala passou de raspão pelo seu crânio, mas não o penetrou.

Rachel ficou calada.

– Lamento sua perda – disse o chefe Taylor com uma voz que não pareceu triste.

– Obrigada – agradeceu ela com uma voz que não pareceu grata.

O que estava acontecendo ali, afinal?

– Você sabia que fui o primeiro a chegar à cena do crime? – perguntou Taylor.

– Não, não sabia.

– Sim. Chamei a ambulância para você.

Silêncio.

– Do que você se lembra sobre os tiros? – indagou Taylor.

– Nada – respondeu Rachel.

– Não se lembra de ter levado um tiro?

– Não.

– Do que você se lembra?

– Chefe Taylor?

– Sim.

Rachel bocejou.

– Não estou me sentindo muito bem agora.

– Mas você acabou de dizer que estava se sentindo bem.

– Ainda estou sob medicação. Estou com muito sono. Pode voltar outra hora?

Houve uma longa pausa. Então o chefe Taylor continuou:

– É claro que sim, Rachel. Eu entendo. Talvez possamos conversar depois.

– Certo.

Vi os sapatos marrons dele se afastarem da cama e pararem junto à porta.

– Mais uma coisa – falou ele.

Rachel esperou.

– Uma investigadora da Divisão de Homicídios chamada Anne Marie Dunleavy virá interrogá-la.

Não se sinta obrigada a falar com ela antes de conversarmos de novo, está bem?

Ahn?

– Se você falar com ela – prosseguiu Taylor –, bem, você acabou de falar que não se lembra de nada. Pode lhe dizer isso.

Ahn?

O chefe Taylor abriu a porta para sair, mas deu de cara com uma enfermeira.

– Precisamos levá-la para tirar raios X – informou ela.

– Eu seguro a porta para você – ofereceu-se Taylor.

Eu estava preso em uma armadilha.

Quando a enfermeira entrou, continuei onde estava. O policial também. Da cama, ouvi a enfermeira puxar uma alavanca e as grades laterais se erguerem.

Eles iam empurrar a cama de Rachel.

Não havia como eu não ser descoberto.

Olhei para a esquerda e a direita. Nada. Podia tentar rastejar, mas para onde iria? Taylor me veria no mesmo instante. A enfermeira estava na posição para empurrar a cama. O chefe Taylor segurava a porta aberta.

Não havia onde eu me esconder.

– Esperem... – falou Rachel fracamente.

– Pelo quê, querida?

– Primeiro eu queria ir ao banheiro.

Ah, Rachel! Boa ideia.

– Há um banheiro no lugar aonde vamos – avisou a enfermeira com uma voz que não admitia contestação. – Será mais fácil ir lá.

– Mas...

A enfermeira começou a empurrar a cama. Fiz a única coisa que podia fazer. Havia barras debaixo do móvel. Agarrei-as e me ergui. Apertei meus pés contra a parte de baixo do estrado e levantei todo o meu corpo do chão.

A enfermeira parou, talvez por causa do peso adicional.

– As rodas ainda estão com trava?

Aguentei firme enquanto ela checava. Você já fez aquele exercício chamado prancha em que mantém seu corpo erguido em uma flexão de solo até começar a tremer? Bem, era mais ou menos isso que eu estava fazendo, só que de cabeça para baixo. Senti-me como um morcego ou algo no gênero.

Não sabia por quanto tempo aguentaria ficar pendurado.

A enfermeira passou com a cama perto dos sapatos do chefe Taylor.

Meus dedos começavam a se cansar. Meu estômago estava se transformando em gelatina.

A enfermeira seguiu pelo corredor. Vi a distância entre nós e os sapatos de Taylor aumentar. Perguntei-me se Rachel sabia o que eu estava fazendo. Achava que sim. Quando chegamos ao elevador, não consegui aguentar mais. Soltei-me, caindo no chão.

– Enfermeira? – chamou Rachel.

– Sim?

– Pode trazer meu coelhinho de pelúcia?

– Perdão?

– Realmente sinto muito. Kirbie, o meu coelhinho, está no meu quarto. Eu... eu fico com medo de ir a qualquer lugar sem ele. Por favor?

A enfermeira suspirou.

– Por favor? – repetiu Rachel.

– Está bem, querida. Espere aqui.

Assim que a enfermeira se afastou, saí de debaixo da cama.

- Você tem um coelhinho de pelúcia?
- É claro que não. Saia daí antes que ela volte.
- Quero saber...
- Mais tarde, está bem, Mickey? Vá embora.

As portas do elevador ao meu lado se abriram. Entrei e apertei o botão. Vi as portas começarem a se fechar. Rachel tentou sorrir para mim, mas não conseguiu. E, então, meio segundo antes de as portas se fecharem por completo, vi outra pessoa ao lado dela.

Era o chefe Taylor. E estava olhando direto para mim.

- Segurem aquele elevador!

Mas desta vez não precisei usar meus reflexos. As portas se fecharam totalmente. Houve uma pequena demora, como se pudessem se abrir de novo e deixar o chefe Taylor entrar. Mas isso não aconteceu.

Cheguei ao saguão e corri para fora do hospital.

capítulo 13

ALCANCEI COLHERADA E EMA no estacionamento.

– Não fiquem parados – mandei. – O chefe Taylor deve estar atrás de nós.

Corremos pelo quarteirão e voltamos para a Northfield Avenue. Havia uma lavanderia na esquina. Nós nos agachamos atrás do prédio.

– Rachel estava naquele quarto? – perguntou Ema.

Assenti e lhes contei tudo o que tinha acontecido.

– Então, de algum modo, o Abeona também está envolvido nisso? – indagou ela.

– Parece que sim – respondi.

Colherada estava calado. Parecia um pouco confuso. Fiquei preocupado. Ele não tinha pedido por nada daquilo. Era verdade que nenhum de nós tinha, mas ele parecia perdido. Nossa amizade, se é que tínhamos uma, havia começado apenas alguns dias antes, quando ele se aproximou de mim na cafeteria e me ofereceu... sua colher. Tinha sido assim que nosso relacionamento começara – e fora daí que havia tirado o apelido dele.

– O que você acha que deveríamos fazer? – perguntou-me Ema.

– Detesto interromper vocês – falou por fim Colherada –, mas a esta altura a reunião da Fundação Musicais que Adoro já teria terminado. Meus pais devem estar esperando por mim.

– Fundação Musicais que Adoro? – repetiu Ema.

Balancei a cabeça, querendo dizer “não pergunte”.

Quando o ônibus chegou, entramos e iniciamos a volta para casa. Descemos onde havíamos começado a aventura, na esquina da Kasselton Avenue com a Northfield Avenue. Pensei em passar pela residência de dona Morcega e em visitá-la antes de ir embora. Mas eu não sabia o que dizer. Estava exausto, assustado e confuso.

Ao nos aproximarmos da rua de dona Morcega, meu celular tocou. Era tio Myron. Eu ia ignorá-lo, mas isso não adiantaria nada.

– Alô? – atendi.

– Achei que a esta altura você já estaria em casa – disse Myron.

– Estou a caminho.

– Quer que eu vá buscá-lo?

– Não, estou bem.

– Mas está vindo?

– Sim.

– Ótimo. Tenho uma coisa para falar com você.

Troquei o telefone de mão. Agora dava para ver a casa sinistra de dona Morcega.

– Está tudo bem?

– Sim.

– Ok, então. Vou chegar logo.

Desliguei. Como sempre, a casa de dona Morcega parecia mal-assombrada. O vento aumentara e,

por um momento, cheguei a achar que uma rajada a derrubaria. Havia um salgueiro curvado no quintal da frente e, eu sabia, um bosque nos fundos. A noite começara a cair.

Ema e Colherada ficaram na calçada do outro lado da rua. Quando me aproximei, notei que não havia nenhuma luz acesa. Estranho. Em geral dona Morcega mantinha uma luz em seu quarto. Mas esta noite não. Bati à porta, sentindo a varanda tremer sob meus pés. Uma das colunas já havia caído.

Não houve nenhuma resposta.

Voltei para onde Ema e Colherada estavam. Começamos a andar pela rua, em silêncio. De repente – sim, como sempre –, Ema falou:

– Vejo vocês mais tarde.

Ela tomou o rumo do bosque, sem dizer nada.

Tive vontade de lhe perguntar para onde estava indo ou se eu poderia acompanhá-la, mas já havia feito isso antes. Ela ficaria zangada comigo. Eu a observei desaparecer na vegetação densa.

Sem saber ao certo o que fazer, deixei minha curiosidade levar a melhor sobre mim. Sabia que provavelmente aquilo era errado, uma espécie de quebra de confiança e amizade. Como eu já disse, todos nós guardávamos os nossos segredos. Mesmo assim, perguntei:

– Colherada?

– Sim?

Eu ainda podia desistir, mas não fiz isso.

– Qual é a da Ema?

– O que você quer dizer?

Apontei para o ponto onde ela havia acabado de desaparecer.

– Onde ela mora, quem são seus pais, esse tipo de coisa.

Ele empurrou os óculos para cima. Pareceu perdido em seus pensamentos.

– Colherada?

– Ninguém me falou diretamente, portanto tudo o que sei apenas ouvi por acaso.

Pensei nisso, nesta cidade, no que ela havia feito com ele. Colherada era mais ignorado que intimidado ou zoadado. Semana após semana, mês após mês, ano após ano... era ignorado ou sofria algo pior. Ele havia encontrado um escape em coisas que não lhe davam as costas – musicais, livros, fatos aleatórios, sua imaginação. Era como uma esponja, absorvendo todas essas informações, mas não tinha ninguém em quem despejar, por assim dizer.

Exceto naquele momento, eu achava. Ele tinha a mim.

– Bem – comentei –, você é um bom ouvinte ocasional.

Essa expressão existia?

Colherada sorriu.

– É mesmo? Você acha?

– É claro. Então me conte. O que você ouviu por acaso sobre Ema?

Ele fez uma careta, como se estivesse refletindo.

– Ninguém parece saber muito – disse, com uma voz distante. – Mas... há histórias.

– Como o quê?

– Você sabe que o nome verdadeiro dela é Emily, não Ema, certo?

Eu sabia. Aparentemente, Buck lhe dera esse apelido na aula de espanhol, notando que seu verdadeiro nome era Emily e ela era meio emo.

– Ela se mudou para a cidade há três anos. Nunca me convidou para ir à casa dela. Grande surpresa, não é? Mas não sou o único que nunca foi lá. Não conheço ninguém que tenha ido. Dizem que ela mora em um barraco no bosque e o pai faz algo contra a lei. Como produzir bebidas alcoólicas ilegais ou coisa do gênero.

Franzi a testa.

– Produzir bebidas alcoólicas ilegais?

– É, destilar bebidas ilegalmente. Separar líquidos por um processo de evaporação...

– Ok, ok – falei, erguendo uma das mãos para que ele parasse. – Isso parece um pouco estranho.

Agora os olhos de Colherada estavam arregalados.

– Também dizem que o pai dela é alcoólatra e que bate muito nela. E que ela fez todas aquelas tatuagens para encobrir as marcas.

Isso podia ser verdade? Eu não sabia o que falar, mas de súbito senti um aperto no peito.

– Uma vez digitei o nome dela no Google – comentou Colherada. – Emily Beaumont. Mas não encontrei nada relevante. Na verdade, não havia nenhuma menção a Beaumont na cidade.

– Nenhuma?

– Nenhuma – confirmou. – Resumindo, não sei “qual é a da Ema”. Mas gosto muito dela, você não?

– Gosto – respondi. E então, por mais que parecesse brega, acrescentei: – Gosto muito de você também.

Minhas palavras o surpreenderam. Colherada olhou para mim, piscou algumas vezes e depois estufou o peito.

– Também gosto muito de você.

Ficamos imóveis, sem dizer nada.

– Estamos tendo um bom momento, não é, Mickey?

– Certo. Acho que está na hora de ele acabar.

– Concordo. – Depois, completou: – Mickey?

– Sim?

– Não acha que está na hora de me contar sobre o Abeona?

Colherada tinha razão. Ele mais do que merecia saber.

– É, Colherada. Talvez a gente deva falar sobre isso.

– Enquanto caminhamos – disse ele. – Tenho que ir para casa, está lembrado?

– Ok. A reunião da Fundação Musicais que Adoro terminou.

– Exatamente. Você quer ser o vice-presidente?

– Claro, por que não? Isso vai ficar bom no meu formulário de candidatura à universidade. Mas só tem uma coisa.

– O quê?

Coloquei meu braço por cima dos ombros dele.

– Temos que pensar em outro nome...

capítulo 14

EU NÃO SABIA O QUE FAZER com o que tinha acabado de saber.

Ema era minha melhor amiga. Sei que isso podia parecer patético – só nos conhecíamos havia algumas semanas –, mas era verdade. Na realidade, éramos mais do que melhores amigos, embora eu ainda não soubesse bem o que isso significava.

Mas se ela estava em perigo... Se alguém a estava machucando...

Ema falara para eu não me intrometer.

Mas eu conseguiria?

A três casas de distância, avistei tio Myron em pé à porta da frente. Por um momento, fiquei ali olhando-o. Tentei entender meus sentimentos por ele, mas estavam todos confusos.

Myron me viu e acenou. Fiz o mesmo e corri em sua direção.

– Você está bem? – perguntou. – Como está se sentindo?

Eu sabia que ele tinha boas intenções, mas desejei que parasse.

– Estou bem.

– Deu no noticiário que, mesmo com os ferimentos, Rachel não corre risco de morte.

– Sim, foi isso que disseram na escola – menti.

– Você tem muito dever de casa?

– Um pouco.

– Vamos – disse Myron, indo na direção do seu carro. – Quero mostrar uma coisa.

– O quê?

– É surpresa. – Eu o segui. – E pode explicar por que não estarei muito por aqui nas próximas semanas.

“Não estarei muito por aqui?” Isso seria bom. Não me interprete mal. Eu entendia por que precisava morar com tio Myron. Ele se esforçava. Eu me esforçava. Mas queria minha mãe de volta. Meu pai, bem, estava morto. Não tinha jeito. Mas minha mãe estava apenas... enfraquecida, eu acho. Quando alguém está enfraquecido, pode se fortalecer, certo?

Lembrei-me da fotografia do nazista que se parecia com o paramédico do meu pai. Por um segundo, apenas um segundo, me perguntei se devia contar a Myron sobre isso. Mas o que ele faria? Pensaria que eu estava louco. E mesmo se não pensasse, eu queria envolvê-lo nisso? Confiava o suficiente nele para contar? Cabeça Raspada não tinha me avisado para não fazer isso?

Boas perguntas.

Deslizei para o banco do carona. Myron tinha um Ford Taurus. Passamos os primeiros dois minutos sentados em um silêncio desconfortável. Lido bem com silêncios desconfortáveis. Tio Myron, não.

– Entããã – começou ele, esticando a palavra –, como foi a escola hoje?

“É sério que você quer saber?”, pensei, contendo um suspiro.

– Bem.

– Fico muito feliz por você ser aluno da Sra. Friedman. Ela era minha professora favorita nos

velhos tempos.

– É.

– Ela dá vida à história, sabe?

– Sei.

Olhei pela janela.

– Os testes de basquete começam na segunda-feira, certo?

“Deixa pra lá”, pensei.

– É.

– Boa sorte.

– Obrigado.

Ao passarmos pelo Instituto Coddington de Reabilitação, percebi que Myron estava tenso. Pisou um pouco mais forte no acelerador, tentando ser sutil. Já havia entendido: minha mãe estava lá. Depois de sua última recaída – que tinha sido feia –, disseram que eu não poderia visitá-la por pelo menos mais duas semanas. Não gostei disso. Achava que talvez a “cura” deles fosse muito cruel. Mas fiz o que me ordenaram. Ainda assim, olhava pela janela e imaginava o que acontecia no alto daquela colina. Minha mãe agora estava em abstinência. Imaginei-a sozinha em um quarto escuro, encolhida, com dor, enquanto o veneno saía de suas veias.

– Ela vai ficar bem – garantiu Myron.

Como se eu estivesse no clima para ouvir amenidades. Mudei de assunto.

– Para onde estamos indo?

– Espere mais um minuto e verá.

Myron dobrou numa estrada lateral. Logo à frente vi uma entrada para automóveis com um portão escuro ornado, como os que você vê em filmes de terror antigos. Dois leões de pedra guardavam a porta. Myron parou o carro. Inclinou-se para fora da janela e acenou para o guarda. Com um lento ranger, o portão se abriu.

– Ainda estamos em Kasselton? – perguntei.

– Sim, nos limites da cidade.

Esperei ver imediatamente uma casa, mas o caminho terminava no alto de uma colina. Não sei quanto tempo demorou para chegarmos lá, mas acho que ficava a uns 800 metros da entrada, e então vi a... bem, não se podia dizer que aquilo era uma “casa”. E também não era uma “mansão”. Era mais como um castelo escuro, uma versão de pesadelo do castelo da Disney. Tinha torres pontiagudas, quase como uma fortaleza.

– Um gângster famoso morou aqui durante quase cinquenta anos – comentou Myron. – Quando seu pai e eu éramos crianças, bem, ouvimos todos os tipos de boatos sobre este lugar.

– Como o quê?

Myron deu de ombros.

– Apenas histórias. Como as da casa de dona Morcega. Provavelmente não havia nada de verdadeiro nelas.

Se ao menos ele soubesse...

– Então, quem mora aqui agora? – perguntei.

– Você verá.

O carro parou. Havia um fosso ao redor do castelo. Acho que eu nunca tinha visto um. Um segurança corpulento fez um sinal afirmativo com a cabeça para nós. Myron assentiu também. Atravessamos a ponte. Meu tio bateu à porta.

Alguns segundos depois, um homem de fraque e cabelo penteado para trás nos cumprimentou.

– Boa noite, Sr. Bolitar.

Ele tinha um forte sotaque britânico e parecia saído de um daqueles documentários históricos ingleses entediantes.

– Boa noite, Niles.

Aquele cara era um mordomo?

– Este é o meu sobrinho, Mickey.

Niles sorriu para mim, mas não havia muito calor humano ali.

– Muito prazer.

– Muito prazer – respondi.

– Vocês podem esperar um pouco na sala de estar.

Não sei de onde vem a expressão “sala de estar”, mas aposto que Colherada poderia me dizer. É tão vago que daria para fazer qualquer coisa nesse cômodo. Ou nada. As cadeiras lá eram forradas de veludo vermelho. Fiquei em pé porque a mobília era velha e parecia que iria se quebrar se nos sentássemos. Notei que Myron ficou em pé também. Havia um globo antigo e muita madeira escura.

Niles entrou trazendo duas latas de Yoo-hoo. Myron sorriu alegremente. Yoo-hoo, para quem não sabe, é um tipo de bebida achocolatada. Myron adora. Eu acho que tem gosto de terra.

Myron pegou sua lata e começou a sacudi-la. Niles se virou para mim.

– Não, obrigado – recusei.

Niles nos deixou sozinhos. Voltei-me para Myron. Ele estava olhando para o Yoo-hoo como se fosse sua nova namorada. Pigarreei.

– E então? – perguntei.

Myron fez um gesto para nos sentarmos. Foi o que fizemos. Cautelosamente.

– Lembra quando meu amigo telefonou ontem? – começou Myron.

– Sim.

– Ele me pediu para lhe fazer um favor e vigiar alguém.

Estreitei os olhos.

– Vigiar?

– Sim.

– Como você me vigia?

Ele bebeu o achocolatado.

– Não foi bem isso.

E então ela entrou na sala.

Assim como não se podia dizer que aquele lugar era uma “casa”, dizer que ela “entrou” era pouco. Mas exato. Quero dizer, ela não fez nada de extraordinário. Realmente não. Não deslizou para a sala de estar, chegou em um cavalo branco ou fez algo do tipo. Mas foi como se tivesse feito.

Ela causou impacto apenas entrando.

Eu não disse “uau” em voz alta, mas foi por pouco.

Nós dois nos levantamos rapidamente, não porque estávamos sendo cavalheirescos, mas porque algo na entrada dela exigia isso. Lá, em carne e osso, estava o assunto da cidade, o pôster que ganhou vida, Angelica Wyatt.

– Você deve ser Mickey – disse ela.

Em suma, Angelica Wyatt era deslumbrante. Veio até mim e tomou minha mão na dela.

– Um rapaz muito bonito.

Olhei para Myron, que sorria como um idiota, e percebi que eu também devia estar assim.

– Ahn... obrigado.

Até mesmo com estrelas de cinema eu me mantinha sedutor.

– Estou muito feliz em conhecê-lo – comentou ela.

– Ahn... eu também.

Eu tinha que parar de babar.

– Vamos nos sentar – sugeriu ela.

Nós obedecemos. Myron e eu ficamos no sofá. Angelica, na cadeira de frente para nós. Ela cruzou as pernas devagar, querendo chamar atenção. Seu sorriso era suficiente para fazer um homem tropeçar.

– Obrigada por me emprestar seu tio – agradeceu ela. – Acha que preciso de proteção extra durante a filmagem.

Fitei Myron. Não estava entendendo direito. Ele era um agente de artistas. Como poderia proteger uma atriz famosa?

Será que, como meu pai, Myron também tinha alguns talentos ocultos?

Angelica pareceu examinar meu rosto.

– Sua semelhança com seu tio é óbvia – falou ela. – Mas também vejo muito de Kitty aí. Você tem os olhos dela.

Quando ouvi o nome da minha mãe, senti um nó na garganta.

– Você conhece minha mãe?

– Conheci – explicou ela. – Anos atrás. Quando ela era um prodígio do tênis e eu, bem, acho que você poderia me chamar de uma estrela iniciante.

Eu não sabia o que dizer.

– Como ela está? – perguntou Angelica.

Olhei de relance para Myron, mas ele desviou a vista. Então não havia lhe contado.

– Está passando por um momento difícil agora – respondi.

– Lamento saber – falou Angelica. – Quando eu soube sobre seu pai... – Ela engoliu em seco. – Eles eram muito próximos. Sinto muito.

– Também conheceu meu pai?

Dessa vez, foi ela que olhou de relance para Myron. Senti um peso, algo esmagando meu coração.

– Sim, conheci.

– Pode me dizer como?

Myron se remexeu um pouco, incomodado. Angelica desviou o olhar e um pequeno sorriso brincou em seus lábios. Minha mãe só tinha 33 anos. Calculei que Angelica era um ou dois anos

mais velha.

– Foi uma época divertida – começou ela. – Talvez divertida demais, se entende o que eu quero dizer.

– Não entendo – retruquei.

– Acho que se pode dizer que éramos jovens celebridades. Sua mãe estava atraindo muita atenção com sua habilidade no tênis, para não mencionar sua beleza. Eu participava de uma série de TV, fazendo o papel de uma garota na universidade. – Seu sorriso foi melancólico. – Sua mãe... ela era tão divertida! Tinha uma risada maravilhosa e um jeito característico. Arrastava as pessoas até ela. Todos queriam ficar perto de Kitty Hammer.

Ela parou. Myron estava com a cabeça abaixada. Lembrei-me da risada da minha mãe. Era um som com que eu já estava acostumado e daria tudo para ouvi-lo de novo.

– E meu pai? – perguntei.

– Bem, ele veio e mudou tudo.

– Como?

Angelica pensou antes de responder.

– Dizem que o amor é como uma reação química. Já ouviu falar nisso?

– Acho que sim.

– Foi o que aconteceu. Foi como se sua mãe fosse uma pessoa antes de eles se conhecerem e do nada – Angelica estalou os dedos – se transformasse em uma diferente. – Ela sorriu. – Todos nós éramos muito jovens. Tudo foi rápido demais.

– Como assim? – perguntei.

– Quantos anos você tem, Mickey?

– Quase 16.

– Quando sua mãe tinha 16, já estava nas capas das revistas. Era considerada a grande promessa do tênis. As revistas de fofocas escreviam a seu respeito. E então, poucos meses depois, ela se apaixonou por seu pai.

A sala ficou em silêncio. Angelica deixou de fora a parte importante da história, é claro – o elefante na sala de estar.

Poucos meses depois, Kitty Hammer estava grávida. De mim. Ela foi forçada a parar de treinar no auge de sua carreira. Nunca mais jogou. Perdeu tudo.

Por quê?

Porque estava grávida, sim, mas também porque as pessoas mais próximas dos meus pais eram contra o casamento. Pressionaram o jovem casal. Disseram que eles eram jovens demais, que estavam sendo tolos, que havia muitas coisas que não sabiam um sobre o outro. Até mesmo falaram coisas horríveis e escandalosas sobre minha mãe na esperança de que meu pai enxergasse a “verdade”.

Virei-me e encarei Myron. A velha raiva voltou.

– Com licença.

Era Niles, o mordomo.

– A Srta. Wyatt tem uma entrevista pelo telefone para a *Variety*.

Angelica suspirou e se levantou e nós fizemos o mesmo. Ela pegou de novo minha mão nas suas e

me fitou. Havia algo de reconfortante em seu olhar, algo cordial e genuíno.

– Voltaremos a nos falar, está bem?

– Seria muito bom – respondi.

E então ela se foi.

capítulo 15

MAIS UMA VEZ O PERCURSO de carro começou em silêncio. Mais uma vez Myron teve que quebrá-lo.

- A que horas são os testes de basquete?
- Não entendi – comentei, tentando manter a calma. – Por que você?
- O quê?
- Por que você deveria “vigiar” – perguntei, fazendo aspas com os dedos – Angelica Wyatt?
- É como às vezes eu obtenho clientes – explicou ele. – Veja bem, Angelica Wyatt está deixando a agência dela. Eu esperava...
- Achei que você tinha vendido a empresa.
- Eu vendi – confirmou Myron.
- E então?
- É complicado.
- Não entendo. Você vai ser contratado como segurança?
- Não.
- Então o quê?

Paramos em um sinal de trânsito. Myron se virou e me encarou.

- Eu ajudo pessoas.
- Ajuda como?
- Vigio pessoas. Resolvo problemas difíceis. E às vezes...
- Às vezes o quê?
- Às vezes eu as salvo.

Myron voltou a dirigir.

- É o que você acha que está fazendo comigo? – indaguei. – Me salvando?
- Não. Você é da família.
- Seu irmão também era. Por que não o salvou?

Vi a dor surgir no rosto dele. Mas eu ainda não havia terminado.

– Sabe, você podia tê-lo salvo – continuei, e sentia que a represa de sentimentos havia se rompido. – Podia ter salvo os dois. Minha mãe e meu pai. Desde o início. Podia ter entendido que eles eram jovens e estavam assustados. Podia ter aceitado que se amavam em vez de tentar fazer com que se separassem. Ela poderia ter voltado a jogar tênis depois de eu nascer. Poderia ter sido a grande estrela que devia ser. Meus pais não precisariam ter fugido. Poderiam ter me criado até agora. Eu poderia ter desenvolvido de fato um relacionamento com meus avós. Você e eu poderíamos ser tio e sobrinho de verdade. Poderíamos estar jogando basquete juntos.

Myron ficou olhando direto para a frente. Uma lágrima escorreu por seu rosto. Meus olhos também começaram a marejar, mas eu não deixaria uma lágrima escapar.

Não dei trégua.

– E se você tivesse feito qualquer uma dessas coisas, minha mãe não teria se fechado em si mesma e hoje não estaria em uma clínica de reabilitação. Estaria dando aquela risada. E meu pai estaria

vivo e nós todos sairíamos juntos. Nunca pensa nisso, Myron? Nunca olha para trás e se pergunta o que teria acontecido se você tivesse acreditado neles?

De repente, me senti vazio e exausto. Fechei os olhos. Deixei minha cabeça cair de novo sobre o encosto do banco.

Alguns momentos depois, Myron falou com uma voz branda e sofrida:

- Penso. Penso nisso todos os dias.
- Então por quê, Myron? Por que você não ajudou?
- Talvez você possa aprender com meus erros.
- Aprender o quê?
- Como eu já disse – continuou Myron, virando na entrada para automóveis, seu rosto se entristecendo –, ser um herói sempre traz consequências. Mesmo quando você tem certeza de que está fazendo a coisa certa.

capítulo 16

QUANDO CHEGAMOS EM CASA, Myron e eu seguimos caminhos diferentes. Fiz o dever de casa com a televisão ligada, esperando saber de alguma novidade sobre os tiros na casa de Rachel, mas os noticiários não mencionaram nada.

Pensei muito em Rachel sentada naquela cama de hospital. Pensei em Ema e nos boatos que Colherada ouvira. Pensei em minha mãe passando pela desintoxicação. Pensei em meu pai morto e nas palavras enigmáticas de dona Morcega. Pensei no aviso de Myron sobre os perigos de ser um herói.

La ligar o computador e fazer uma busca pelo nome de Rachel, mas antes mudei de canal, achando que deveria assistir ao jornal local. O Canal 5 estava dando seu fatídico aviso noturno – “São dez horas da noite. Você sabe onde seus filhos estão?” – antes de passar para o noticiário.

O âncora tinha cabelos pretos que pareciam uma peruca recém-tingida e blush suficiente nas bochechas para me fazer lembrar um palhaço.

“O presidente visita tropas no exterior. Tiros em Kasselton deixam uma mãe morta e uma filha hospitalizada. E o refrigerante que você está bebendo? Pode conter veneno. Nós falaremos tudo sobre o grande escândalo do refrigerante e como permanecer seguro... depois do intervalo.”

Olhei para meu copo de água. Fiquei feliz por não ser refrigerante.

Quando o âncora de cera voltou, falou sobre o presidente e depois veio a matéria do “escândalo do refrigerante”, na qual uma pessoa afirmava ter encontrado um verme em certo refrigerante comprado em um fast-food em West Nyack. Portanto, a dica sobre como permanecer seguro parecia ser checar seu refrigerante se você o comprasse naquele fast-food em West Nyack.

Finalmente: “Tiros em um bairro elegante de Kasselton, Nova Jersey, na noite passada, deixaram uma mãe morta e sua filha com um ferimento de bala na cabeça.” Na tela, aparecia a casa de Rachel. “Os disparos a Nora Caldwell e sua filha Rachel aconteceram nesta luxuosa mansão. A polícia acredita que tenha sido uma tentativa frustrada de invasão, mas afirma que é cedo demais para especular.”

Então eles não sabiam nada, pensei.

Muitas coisas me incomodavam na investigação. Em primeiro lugar, eu tinha ido à casa de Rachel um dia antes dos tiros. Ela havia me contado que seus pais eram divorciados, que vivia com o pai, quase sempre ausente (viajando com sua terceira esposa, bem mais nova que ele), e a mãe morava na Flórida. Por que não mencionara que a mãe fora visitá-la, talvez até hospedando-se na casa do ex-marido?

Isso fazia sentido?

Rachel teria achado que não era importante ou havia algo mais ali?

Eu não sabia. Mas alguma coisa parecia não se encaixar.

Além disso, o que havia por trás da estranha visita do chefe Taylor a Rachel? Ele deve tê-la conhecido por intermédio do filho, Troy – tentei não trincar os dentes ao pensar nisso –, mas por que Taylor não queria que Rachel falasse com a investigadora da Homicídios antes de conversar

com ele? Estava com medo do que ela diria ou, o que era mais provável, era apenas um babaca que queria saber tudo primeiro?

Fui para a cama, pensando no fato de que tanto Rachel quanto eu tínhamos perdido um dos pais. Isso fazia você se sentir como se sempre estivesse em terreno movediço, como se a terra fosse ceder a qualquer momento e você pudesse cair sem que ninguém conseguisse segurá-lo.

Pensei em Ema e nos boatos. Tentei imaginar onde ela estava naquele exato segundo e se estaria bem. Peguei meu celular e digitei uma mensagem de texto: **só queria dizer boa-noite.**

Dois minutos depois, Ema respondeu: **às vezes vc é patético.**

Sorri e respondi: **ok. boa noite.**

Ema: **consegui algumas informações sobre o paramédico nazista.**

Eu: **o quê?**

Ema: **me encontre na segunda antes das aulas. então vou poder te contar.**

capítulo 17

EMA ESTAVA ESPERANDO NOS fundos do estacionamento dos alunos quando eu cheguei. Essas vagas eram cobiçadas e acho que houve uma época em que os alunos começaram a brigar por causa delas. Agora a escola sabiamente ganhava dinheiro cobrando por seu uso. Se você quisesse uma boa vaga para o ano escolar, isso lhe custaria mil dólares. O que mais me surpreendia era que não só as vagas eram vendidas em tempo recorde como havia uma lista de espera.

Eu estava carregando uma bolsa de ginástica com minhas coisas de basquete. Era o primeiro dia dos testes. Apesar de tudo o mais que estava acontecendo na minha vida, ainda sentia um frio na barriga ao pensar nisso.

Eu ia a pé para a escola. Acho que Ema também. Quero dizer, nunca vi um pai a deixar lá. Em geral, ela saía do bosque atrás do campo. Quando me aproximei, não pude deixar de notar que Ema parecia um pouco... diferente. Não sabia dizer por quê. Ela continuava toda vestida de preto, sem nenhuma corzinha. Sua pele ainda estava pálida e o batom que ela escolhera era de um tom um pouco mais malicioso de vermelho.

– O que foi? – perguntou Ema.

Dei de ombros.

– Você parece diferente.

Ela estreitou os olhos.

– Diferente como?

Eu não fazia ideia, mas, definitivamente, havia algo, talvez na tatuagem em seu braço... Enfim, agora não era o momento.

– Não importa. Você disse que descobriu algo sobre o Carniceiro de Lodz?

De repente, Ema pareceu cautelosa.

– O que foi?

– Você precisa prometer que não vai me perguntar sobre minhas fontes.

Franzi a testa.

– Você está brincando, certo?

– É, claro, que piada poderia ser mais engraçada do que essa? – Ela mordeu seu lábio inferior. – Você precisa prometer que não vai me perguntar.

– Não entendo isso.

– Apenas prometa, está bem?

– Nem mesmo entendo o que estou prometendo, mas, ok, não vou perguntar sobre suas fontes ou seja lá o que for.

Ema hesitou, examinando meu rosto para se certificar de que minha promessa era legítima. Então disse:

– Usei um pouco de Photoshop na foto do Carniceiro. Se eu enviasse para alguém a foto de um cara com uniforme nazista e perguntasse se ele trabalhava como paramédico, achariam que eu estava louca.

Assenti. Aquilo fazia sentido.

– Então transformei as roupas dele em algo mais atual. Também enviei a fotografia original, em preto branco, e a que colori.

– Para quem você enviou as fotografias?

Ema me lançou um olhar duro.

– Ah, espere. Essa é a fonte de que você estava falando? Sobre quem não devo perguntar?

– Na verdade, não – respondeu Ema.

Mais uma vez ela hesitou. Grupos se formavam ao nosso redor. As pessoas batiam papo, riam ou, como nós, tinham conversas sérias. Eu me perguntei quantos estavam falando sobre velhos nazistas da Segunda Guerra Mundial. Duvidei que fossem muitos.

– Enviei as fotografias para o diretor do serviço médico emergencial de San Diego – falou, por fim, Ema. – Minha fonte é a pessoa que me colocou em contato com ele. Mas isso não importa.

– Ok. E o que o diretor contou?

– Oi, colegas!

Eu me virei. Era Colherada. Ema não pareceu satisfeita.

Colherada empurrou os óculos para cima.

– Estou atrasado?

– Acabamos de começar – respondi.

Nós dois nos viramos na direção de Ema. Ela pareceu ainda menos satisfeita.

– Espere.

– O quê?

Ema apontou para Colherada.

– O que ele está fazendo aqui?

– Ele é parte disso, Ema.

Ela olhou para Colherada. Ele arqueou as sobrancelhas e abriu os braços.

– Gosta do que está vendo? – indagou.

Ema franziu a testa.

– Você realmente está usando um protetor de bolso?

– Você quer que a caneta arruíne a minha camisa?

– *Essa* camisa? Sim.

– Mas xadrez verde está de novo na moda.

– Ok – falei, ficando entre eles. – Podemos voltar ao assunto?

Ema me encarou.

– Ele é parte disso – repeti.

Ela abaixou os olhos.

– Está bem, como quiser, o nazista é seu.

– Por favor, continue – pediu Colherada.

Ema o ignorou.

– Enfim, eu enviei as fotografias para o escritório do serviço médico em San Diego. São eles que atendem qualquer vítima de acidente de carro naquela área. Também informei a data do acidente.

– Uma pergunta – começou Colherada, esfregando o queixo. – Qual é sua fonte?

Ema o fulminou com os olhos.

– Colherada – alertei-o.

Ele olhou para mim. Balancei a cabeça para que ficasse em silêncio.

– Então as fotografias foram enviadas para o Departamento de Recursos Humanos. Eles consultaram os arquivos. Mostraram as fotos para todos os funcionários que conseguiram encontrar. Depois, só para provar, me enviaram um link para um site com fotos de todos os paramédicos licenciados que trabalharam para o condado nos últimos três anos.

Ema engoliu em seco e eu soube o que ela estava prestes a dizer.

– Não há nenhum registro dele. Ninguém o reconheceu. Segundo o escritório, esse cara nunca trabalhou para eles.

Silêncio.

– Há empresas de ambulância particulares, certo? – arrisquei. – Talvez uma delas...

– É possível – replicou Ema –, mas elas não seriam chamadas para um acidente em uma rodovia interestadual. Essa é a jurisdição do condado.

Tentei assimilar o que Ema estava me dizendo... Mas o que eu queria que ela descobrisse? Que um nazista de 90 anos com aparência de 30 havia trabalhado para o serviço emergencial em San Diego? Ainda assim, o paramédico louro *se parecia* com o Carniceiro de Lodz. Alguém deveria ter conseguido identificar o sujeito, certo? Se eles mostraram a fotografia por todo o lugar ou procuraram em seus arquivos, alguém não deveria ter dito “Ei, esse cara se parece com...”, bem, qualquer que fosse o nome dele?

Olhei na direção de Ema.

– Então chegamos a um beco sem saída?

Ema me encarou com aqueles seus olhos atenciosos.

– Quero dizer, quem era o louro de olhos verdes que vi naquele dia? O que levou meu pai do local do acidente?

Colherada permaneceu em silêncio. Ema deu um passo na minha direção e pôs a mão em meu ombro.

– Nós apenas começamos a investigar. Esse é só o primeiro passo.

Colherada assentiu.

– Deve ter um registro do acidente – acrescentou ele. – Os nomes de todos os envolvidos estariam nele. Nós podemos conseguir uma cópia.

– Boa ideia, Colherada – elogiou Ema.

Ele estufou o peito.

– Sabe, não sou apenas um colírio para os olhos.

“Nós podemos”. Eles continuavam a dizer *nós*. Aquilo parecia ridículo – *nós* éramos apenas um grupo de crianças bobas – e ainda assim era ridiculamente confortador ter aqueles dois do meu lado.

Ema se virou para mim.

– Vou acionar minha fonte.

– A fonte sobre a qual eu não deveria perguntar? – perguntei.

– Sim.

O sinal tocou. Os alunos começaram a entrar na escola. Nós nos despedimos e fomos para dentro. Meus primeiros três tempos passaram devagar e monotonamente. Nenhum tédio se compara ao tédio na escola. Você olha para o relógio e tenta usar algum truque mental para fazer os ponteiros se moverem mais rápido. Eles nunca se movem.

Eu teria aula com a Sra. Friedman no quarto tempo, minha última antes do almoço. Talvez já tenha mencionado isso, mas a Sra. Friedman era minha professora favorita. Ela lecionava havia muito tempo – tio Myron era um de seus ex-alunos –, mas não tinha perdido nem um pouquinho do entusiasmo. Eu adorava isso nela porque aquele entusiasmo era contagiante. Nada parecia entediá-la. Todas as perguntas eram dignas de resposta. Todos os momentos eram dignos de estudo.

A Sra. Friedman vivia em um globo de neve feliz dos estudos avançados de história.

Mas hoje até mesmo a Sra. Friedman parecia diferente. O sorriso ainda estava presente, mas não tinha nem de longe sua vivacidade normal. É claro que eu sabia por quê. E acreditava que o resto da turma também. Os olhos da Sra. Friedman ficavam o tempo todo voltando para aquela carteira vazia.

A carteira de Rachel.

Rachel se apresentara para mim ali. Sim, isso mesmo. A garota mais gostosa da escola tinha sorrido para mim e começado uma conversa comigo nesta mesma sala. Eu havia ficado ao mesmo tempo chocado e satisfeito. Só estudava na escola havia algumas semanas e, mesmo sendo novato, já atraía a atenção *daquela* garota.

Eu devia ser muito legal e incrivelmente charmoso, certo?

Não. Logo fiquei sabendo que Rachel tinha motivos ocultos para flertar comigo.

Depois de tudo o que acontecera, quase havia me esquecido disso. No início, Rachel me iludira. Ela podia ter seus motivos, mas agora eu pensava... confiava mesmo nela, como confiava em Ema e Colherada? Rachel havia feito parte do nosso grupo quando pegamos alguns caras repugnantes. Ela fora corajosa e habilidosa, e se colocara em risco.

Ainda assim, se aproximara de nós pela primeira vez escondendo a verdade.

Eu poderia deixar aquilo pra lá? E o que era toda aquela conversa misteriosa no quarto do hospital? O que era a borboleta *Abeona* em sua porta?

Rachel ainda guardava segredos?

– Para amanhã – anunciou a Sra. Friedman, perto do fim da aula –, por favor, leiam o capítulo 17 do livro.

Abri o meu para ver o tamanho do capítulo 17 e, ao começar a folheá-lo, vi o título do capítulo 36, algo que só estudaríamos no último trimestre:

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O HOLOCAUSTO

O sinal tocou. Fiquei sentado por um tempo. A Sra. Friedman era especialista em Segunda Guerra e Holocausto. Talvez se eu mostrasse aquela velha fotografia em preto e branco... Bem, não. Isso poderia ser demais. E do que adiantaria? Mas, se eu perguntasse sobre o Carniceiro de Lodz, talvez ela pudesse esclarecer um pouco daquilo tudo.

Eu não conseguia imaginar como, mas que mal havia?

A Sra. Friedman estava apagando o quadro-negro. Era a única professora que eu conhecia que ainda o usava. Ela era das antigas e eu a adorava por isso.

– Sra. Friedman?

Ela se virou e sorriu.

– Sim, Sr. Bolitar.

Ela sempre se dirige a nós como “Sr.” ou “Srta.”. Se outros professores falassem assim, os alunos gemeriam ou revirariam os olhos. Mas não quando era a Sra. Friedman.

Não sabia como começar, por isso fui direto ao ponto:

– Eu queria perguntar uma coisa para a senhora sobre história.

Ela esperou. Quando permaneci calado por um tempo longo demais, ela falou:

– Bem, continue. Não achei que você quisesse me fazer uma pergunta sobre matemática.

– Sim, claro.

– Então qual é a pergunta, Sr. Bolitar?

Engoli em seco.

– Sabe alguma coisa sobre o Carniceiro de Lodz?

Os olhos da Sra. Friedman se arregalaram.

– Hans Zeidner? O Carniceiro de Lodz da Segunda Guerra Mundial?

– Sim.

Ela pareceu quase abalada ao ouvir o nome dele.

– Não entendo. Isso é para outra aula?

– Não.

– Então é para quê?

O que eu iria responder? Ela era muito mais baixa do que eu, mas me senti encolher sob seu olhar. Fiquei imóvel, tentando encontrar uma resposta plausível. Após um tempo, a Sra. Friedman ergueu a mão como se entendesse e eu não precisasse falar nada.

– Lodz fica na Polônia – explicou. – Havia um gueto judeu lá na década de 1940. Hans Zeidner servia como um oficial nazista lá. Era da Waffen-SS. Eles foram os mais terríveis de todos. Responsáveis pelo assassinato brutal de milhões de pessoas. Mas o Carniceiro é mais conhecido por seu tempo em Auschwitz.

Auschwitz. Apenas aquela palavra já silenciava o ambiente.

– Você sabe sobre Auschwitz? – perguntou ela.

– Sim.

Ela tirou os óculos de leitura.

– Diga o que você sabe.

– Auschwitz foi um famoso campo de concentração nazista – respondi.

Ela concordou com a cabeça.

– A maioria das pessoas usa esse termo. Campo de *concentração*. Eu prefiro o mais exato: campo de extermínio. Bem mais de um milhão de pessoas foram assassinadas lá, noventa por cento judias.

– Ela fez uma pausa. – O campo era dirigido por Rudolph Hess, mas o Carniceiro de Lodz era um de seus subordinados mais cruéis. Conhece a lenda de Lizzy Sobek?

Mais uma vez, eu não sabia como responder, então disse algo vago:

– Ela era uma criança na época do Holocausto, não é?

A Sra. Friedman assentiu.

– Lizzy Sobek era uma garota de 13 anos de Lodz.

– Lodz. Como o Carniceiro?

– Exatamente.

– Ela morou naquele gueto?

– Por algum tempo.

Ela desviou o olhar por um momento, perdida em pensamentos, e me perguntei para onde sua mente a estava levando.

– Grande parte da história de Lizzy Sobek... bem, a documentação é superficial – continuou. – Não sabemos o que é verdade e o que é lenda.

Engoli em seco.

– Você está bem? – perguntou a Sra. Friedman.

– Sim.

– Você está pálido.

– É só que isso tudo é muito violento. Mas quero ouvir.

A Sra. Friedman examinou meu rosto. Não sei o que tentava descobrir – talvez o motivo para eu estar interessado em algo tão horrível ou que conexão especial eu teria com aquelas pessoas.

– Pelo que se fala, os Sobeks eram uma família muito unida. Os pais se chamavam Samuel e Esther. Os filhos eram Emmanuel, de 16 anos, e, é claro, Lizzy. Eles eram judeus e se esconderam no gueto de Lodz até os subordinados do Carniceiro os encontrarem e transportarem para Auschwitz. A mãe e o irmão foram imediatamente mortos em câmaras de gás. O pai foi posto em um campo de trabalhos forçados.

– E Lizzy?

A Sra. Friedman deu de ombros.

– Deixe-me prosseguir com o que de fato sabemos, está bem?

– Sim.

– De algum modo, Samuel Sobek escapou de Auschwitz com dezenas de prisioneiros. Eles tentaram se esconder no bosque, mas a Waffen-SS, liderada pelo Carniceiro, os encontrou. Não se deram o trabalho de levá-los de volta para o campo: os enfileiraram, atiraram neles e os jogaram em um buraco no chão. Simples assim. O pai de Lizzy Sobek foi um dos executados e jogados em uma cova coletiva.

Um ar frio tomou a sala. De repente, todos os sons silenciaram. Se meus colegas de classe continuavam no prédio, a esta altura deviam estar longe.

– E quanto a Lizzy? – perguntei.

– Bem – respondeu a Sra. Friedman, indo na direção da estante de livros –, essa é a parte mais difícil de documentar. Temos registros de Lizzy Sobek entrando com sua família em Auschwitz em setembro de 1942, mas nada do que aconteceu com ela depois. Apenas as lendas.

– E quais são as lendas? – perguntei lentamente.

– Que Lizzy Sobek também escapou de Auschwitz. Que de algum modo conseguiu não ser capturada e se juntou à resistência. Que mesmo quando menina lutou contra os nazistas. Mas a

história mais famosa de Lizzy Sobek envolve uma missão de resgate que ela teria liderado no sul da Polônia.

– Que tipo de resgate?

A Sra. Friedman tirou um livro da estante.

– De alguma forma, um grupo de combatentes da resistência conseguiu parar um trem que transportava judeus para Auschwitz. Não por muito tempo. Apenas por um breve instante. Eles puseram troncos de árvores no trilho. Os guardas tiveram que saltar para removê-los. Nesse trem havia um vagão especial que transportava crianças.

Gelei ao ouvir aquilo. Crianças. Lizzy Sobek tinha tentado salvar crianças.

– Alguém abriu a porta do vagão e as crianças conseguiram escapar para o bosque. Mais de cinquenta. E elas afirmam que a pessoa que abriu a porta, a pessoa que liderou o resgate... era uma menina.

– Lizzy Sobek.

A professora assentiu. Ela abriu o livro em sua mão. Só consegui ver parte do título – algo sobre ilustrações do Holocausto –, mas ela começou a folhear o livro rapidamente.

– A senhora acredita na lenda? – perguntei.

– Há evidências que confirmam essa história – disse ela com muita cautela, como se estivesse lendo um roteiro em que não acreditava por completo. – Sabemos que essas crianças foram resgatadas. Sabemos que a maioria afirmou que a líder era uma menina cuja descrição bate com a de Lizzy. Mas, por outro lado, nenhuma das crianças de fato conheceu ou falou com Lizzy Sobek. Se a história for verdadeira, ela as resgatou e conduziu colina acima, e depois seguiu seu próprio caminho.

– Ainda assim, com tantas testemunhas...

– Sim, tem isso. Mas há outras questões que põem em dúvida essa história.

– Quais?

Ela ainda estava folheando as ilustrações.

– Todas as testemunhas eram crianças. Elas eram muito novas. Estavam assustadas e com fome. Estava escuro.

– Então quem elas viram poderia não ter sido Lizzy Sobek.

A Sra. Friedman anuiu, mas vi que seu rosto se obscureceu.

– Mas há outra coisa.

– O quê? – perguntei.

– Era fevereiro. Na Polônia. Havia neve no chão.

– Então estava frio.

– Congelante.

– E a senhora acha que isso afetou o julgamento delas?

A professora parou em uma página. Tirou seus óculos de leitura e vi lágrimas em seus olhos.

– Isto – disse ela, apontando para a página – foi desenhado por uma das crianças resgatadas naquele dia.

Ela ergueu o livro e me mostrou a imagem. Quando a vi, meu coração parou.

Eram crianças correndo colina acima na noite. Estavam fugindo de um trem, se dirigindo a um

bosque. A figura central no desenho era uma menina solitária sentada, esperando por elas. E ao redor da menina solitária havia dezenas de...

– Borboletas – falei em voz alta.

capítulo 18

OLHEI FIXAMENTE para o desenho.

– Segundo as crianças – continuou a Sra. Friedman –, as borboletas as guiaram para a segurança. Borboletas. No meio do inverno.

Fiquei imóvel.

“Abeona”, pensei, embora soubesse que aquilo era impossível.

– Acredita nisso, Sra. Friedman?

– Em que parte? Que havia borboletas? Na Polônia, no meio do inverno? Não, isso é impossível.

– Então a história sobre o resgate...

– Eu não sei. – Ela inclinou a cabeça. – Há muitos casos na história de ilusões em massa por causa de histeria, especialmente quando se trata de crianças em perigo. Grande parte do que consideramos “inexplicável” na verdade é trauma psicológico. E borboletas são comuns nessas ilusões. Apenas sabemos que o trem foi parado e essas crianças foram resgatadas.

– Mas não sabemos sobre as borboletas ou Lizzy Sobek – completei.

Olhei para o desenho, pensando que talvez eu soubesse.

– O que as pessoas que acreditam nas lendas acham que aconteceu com Lizzy Sobek?

– Elas acham que Lizzy Sobek continuou a lutar ao lado da resistência. Que foi morta em um ataque posterior – ela ergueu os olhos do desenho – pelo Carniceiro de Lodz.

O mesmo homem que matou o pai de Lizzy. O mesmo homem que nunca envelheceu e esperou o momento propício, durante setenta anos, para levar meu pai na maca?

Eu estava deixando escapar algo.

– E o que aconteceu com o Carniceiro?

– Esse é um dos grandes mistérios da Segunda Guerra – respondeu ela. – Ninguém sabe.

Ao longe, agora eu podia ouvir os alunos rindo, o som ecoando pelos corredores. Ali estávamos nós, conversando sobre um homem que assassinara inúmeras pessoas, e havia risadas próximas.

– Alguns dizem que o Carniceiro morreu durante a guerra. Outros, que ele escapou das forças aliadas e fugiu para longe. Depois da guerra, Simon Wiesenthal e os caçadores de nazistas procuraram por ele. Houve boatos de que estava na Argentina, mas nunca o encontraram.

O sinal tocou, sobressaltando-me. Nós dois ficamos parados por um momento, mas estava na hora de encerrar aquela discussão, deixar o horrível passado para trás e de algum modo voltar à vida normal no ensino médio.

– Está se sentindo bem, Sr. Bolitar?

Ainda atordoado, respondi:

– Sim, obrigado, Sra. Friedman.

Cambaleei para fora da sala e comecei a andar pelo corredor. Quando cheguei ao refeitório, Ema percebeu imediatamente que algo estava errado. Colherada... ahn, não. Conteí sobre minha conversa com a Sra. Friedman.

– Então o que você acha que tudo isso significa? – perguntou Ema.

Nenhum de nós tinha uma resposta. Colherada estava comendo um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia, o pão tão bem cortado e em ângulos tão perfeitos que me perguntei se alguém o havia medido com um transferidor. Ele me cutucou e mudou de assunto.

– Você vai tentar entrar para o time de basquete hoje?

Ema ergueu os olhos e esperou minha resposta.

– Sim.

Algo perpassou o rosto dela. Não sei bem o quê. Ela sabia a resposta. Sabia o quanto o basquete era importante para mim. Durante a minha vida inteira eu havia esperado ficar em um lugar por tempo suficiente para jogar em um time. Esse era um dos principais motivos de a minha família ter voltado para os Estados Unidos. Meus pais queriam que eu tivesse uma vida normal por algum tempo, jogasse em um time de basquete do ensino médio e talvez conseguisse uma bolsa para a universidade. Esse era o plano.

– Você compreende – disse Colherada, engolindo um pedaço do sanduíche – que alguns dos seus jogos poderão interferir em suas obrigações como o novo vice-presidente do nosso clube. Talvez haja conflitos.

– É, Colherada, esse é um risco inevitável.

Aquela resposta não o deixou feliz.

– Está insinuando que o basquete é mais importante para você do que a FUMA?

– FUMA? – perguntou Ema.

– Estamos mudando de nome – expliquei.

A mesa com as “luxuosas cadeiras cativas” parecia mais alegre hoje. Acho que aqueles caras não conseguiam ficar deprimidos por muito tempo. Troy Taylor agora se exibia girando uma bola de basquete com um dedo. Ele curvou o braço atrás das costas e manteve a bola girando, e depois a rolou por cima do peito, passando-a para a outra mão. Quando terminou, todos aplaudiram. Ele fez uma medida e olhou para mim como se quisesse avaliar minha reação. Não esbocei nenhuma.

– Ei – disse Colherada –, algum de vocês vai fazer o teste para aquele novo filme da Angelica Wyatt?

– Estou fora – retruquei.

Ema franziu bastante a testa.

– É claro que não.

– Eu poderia fazer – continuou Colherada. – O único problema é que...

– O quê?

– Bem, suponha que Angelica Wyatt fique muito apaixonada por mim. Como vou explicar para ela que ainda sou menor de idade?

Aquilo foi demais para Ema. Ela se levantou e foi embora.

No final do dia, fui para o vestiário masculino me vestir para os testes. O lugar estava cheio. Quando entrei, Troy e Buck me viram e me lançaram olhares assassinos.

Puxa, aquilo ia ser divertido.

Senti borboletas no estômago, mas, depois de saber sobre Lizzy Sobek, acho melhor usar outra metáfora. Digamos apenas que eu estava nervoso. Muito, muito nervoso.

Coloquei um short e meus tênis de basquete.

– Porcaria – ouvi uma voz dizer.

Virei-me. Era Buck.

– O que disse?

– Seus tênis. – Buck apontou para eles. – Onde os comprou? Em uma liquidação?

Muitos risos.

– Ahn, sim – respondi.

Embora eu não tivesse achado minha resposta inteligente, Buck pareceu confuso.

– Bem, eles são horríveis.

– Obrigado. – Apontei para os pés dele. – Os seus são muito bonitos.

Buck se inclinou para perto de mim, sua boca a centímetros da minha.

– Por que você não faz um favor para todos aqui e vai para casa?

Inclinei-me para longe dele.

– E por que você não faz um favor para todos aqui e chupa pastilhas de hortelã?

Saí correndo para o ginásio antes de ele poder reagir. Dezenas de garotos estavam se aquecendo.

Dirigi-me à cesta mais distante do vestiário. Alonguei-me e fiz alguns arremessos. Mas estava nervoso e a bola batia no aro.

Do outro lado da quadra, ouvi risos abafados e Buck gritou:

– Belas tijoladas!

Nossa, eu tinha que relaxar.

Um apito foi soprado. Alguém gritou “Sentem-se todos na arquibancada!” e nós obedecemos.

Troy e Buck se acomodaram na primeira fila, então fui para a última. O treinador apareceu e o ginásio ficou em silêncio.

– Bem-vindos ao basquete, cavalheiros. Eu sou o técnico Grady. O treinador-chefe aqui em Kasselton. Ao meu lado está o técnico Stashower. Ele cuidará do time juvenil.

Grady usava calças de moletom cinza com elástico nas pernas e um casaco de capuz preto com bolsos. Seus cabelos rareavam e os poucos fios restantes estavam compridos e colados no couro cabeludo.

– Daqui a alguns minutos, vamos dividir vocês – continuou ele. – Os calouros e os alunos do segundo ano irão para o Ginásio 2. – Ele apontou para o pequeno espaço adjacente ao lugar em que estávamos. – Os alunos do terceiro e quarto ano ficarão aqui.

A voz do treinador ecoou do modo como uma voz sempre ecoa em um ginásio de ensino médio. Todos os ginásios são iguais. Todos têm aqueles tijolos grossos, bancos compridos de madeira e cheiro de meias sujas e desinfetante. Olhei ao redor, observando aquele local que queria tanto chamar de lar. Um grande cartaz que dizia MAIORES PONTUADORES chamou minha atenção. Onze alunos na história desta escola tinham atingido mil pontos. Nove rapazes e duas garotas.

Um jogador tinha marcado mais de dois mil. Adivinhe quem?

Sim, meu tio Myron – o maior pontuador de todos os tempos. Parei quando vi o nome de Edward Taylor. Era o pai de Troy e... o chefe Taylor. Ele estava em segundo lugar, com 1.758 pontos em sua carreira. Continuei percorrendo a lista. Havia Troy Taylor, a entrada mais recente, com 1.322 pontos e um asterisco que levava a uma nota, onde se lia que ele ainda era um jogador ativo e por isso o número aumentaria.

Suspirei. Aquilo era como uma lista dos meus inimigos. Fiquei surpreso com o fato de o Carniceiro de Lodz não ter marcado mil pontos!

– Como a maioria de vocês sabe, há um grupo estelar de seniores voltando a este time. No ano passado, ganhamos o campeonato do condado pela primeira vez em uma década.

O treinador Grady apontou para a nova faixa campeões do condado na parede distante. contei seis outros campeonatos do condado, o primeiro em 1968.

– Todos os participantes daquele time estão de volta conosco este ano – continuou ele –, e quando a temporada terminar queremos finalmente pendurar outra faixa de campeonato estadual naquela parede.

Ele apontou para duas grandes faixas de campeonato estadual que humilhavam as do condado. Sim, a Kasselton só havia ganhado dois estaduais em sua história, ambos uns 25 anos atrás. Fiz a conta, mas já sabia qual seria a resposta. Adivinhe quem estava nos dois times? Vamos, você nunca vai adivinhar.

Nossa, como você adivinhou?

Tio Myron. Foi muito difícil?

– Esse é o nosso objetivo – prosseguiu o treinador. – Um campeonato estadual. Não nos contentaremos com menos.

Isso produziu aplausos, os mais entusiasmados vindos de Troy, Buck e os outros jogadores que haviam voltado ao time e estavam sentados na frente. O restante de nós, agora de repente se sentindo intruso entre os seniores “escolhidos”, foi um pouco mais contido.

– Agora, antes de nos dividirmos e começarmos os testes, o capitão do time, Troy Taylor, gostaria de se dirigir a todos vocês. Isso é importante, portanto prestem atenção. Troy?

Troy se levantou devagar, se virou, ficou na nossa frente e abaixou a cabeça, como que em oração. Por alguns momentos, não se moveu. Que diabo era aquilo? Ele parecia tentar reunir uma força interior.

Ou talvez estivesse se preparando para gritar de novo “Ema! Muuuu!”.

Cara, eu não gostava mesmo daquele sujeito.

Por fim, Troy quebrou o silêncio.

– Como vocês sabem, este é um momento muito difícil para a Kasselton e, pessoalmente, para mim. Uma linda garota foi baleada e quase morta.

Ah, não. Ele não vai falar o que estou pensando...

– Uma garota de quem gosto muito. Uma garota que torcia para este time e, bem, para seu namorado sortudo...

E ele falou mesmo.

– Uma garota que tem sido uma parte importante da vida de Troy Taylor...

Espere, ele acabara de se referir a si mesmo na terceira pessoa? Tive vontade de dar um tapa na cabeça dele. Que idiota pedante! Olhei para os rostos dos meus colegas que fariam testes, achando que veria expressões de tédio ou zombaria. Mas não era o caso. Eles estavam prestando toda a atenção.

– Bem, aquela garota especial que roubou meu coração está em uma cama de hospital, lutando pela vida.

Troy fez uma pausa e eu me perguntei quando ele tinha contratado um professor de arte dramática. Virei para um dos garotos na arquibancada, revirando os olhos, mas ele me encarou irritado.

Eles estavam acreditando naquilo!

– Apesar de seu estado, Rachel e eu temos mantido contato, é claro.

Ahn? Que mentiroso! Ou... espere, espere um seg...

– Então quero que todos saibam que Rachel vai sobreviver. Ela me prometeu isso. Prometeu que voltará, vestirá seu uniforme de líder de torcida e comemorará quando Troy Taylor acertar seu típico arremesso de três pontos...

Eu me perguntei se alguma vez na vida já tivera tanta vontade de bater em alguém.

– Por isso, quero que todos mantenham Rachel em seus pensamentos. Estamos dedicando esta temporada a ela. Todos os nossos uniformes terão isto neles.

Troy apontou para o lado direito do seu peito, onde as iniciais RC – Rachel Caldwell – haviam sido bordadas na camisa de treino.

Fala sério.

– E quero que usem essas iniciais com orgulho. Quero que pensem em Rachel naquela cama de hospital, e que isso os faça jogar ainda melhor, com mais garra...

Troy começou a morder os lábios, como se tentasse conter as lágrimas. Buck se levantou para confortá-lo, mas Troy fez um gesto com a mão para que se afastasse e apontou para o céu.

– Cuide de minha Rachel, Senhor. Traga ela de volta para mim.

Houve um momento de silêncio... e então os garotos sentados comigo irromperam em estrondosos aplausos. Eles começaram a assoviar e gritar “Troy! Troy! Troy!”. Ele ergueu a mão para agradecer a ovação, como se tivesse sido escolhido para apresentar o Oscar. Fiquei sentado ali, pensando que poderia vomitar no primeiro dia de testes.

O treinador Grady soprou seu apito.

– Ok, já chega – disse em um tom que me fez ter a esperança de que *ele* não acreditasse naquilo. – Deem cinco voltas na quadra. Depois os juvenis deverão se dirigir ao Ginásio 2 e começaremos com arremessos de bandeja.

capítulo 19

HÁ MUITAS COISAS DE QUE eu não gosto nos esportes. Não gosto de como os atletas são venerados porque conseguem, por exemplo, atirar uma bola com maior velocidade ou passá-la por um aro metálico com mais facilidade do que a maioria das pessoas. Não gosto da importância que se dá aos jogos, comparando-os com verdadeiras batalhas e até mesmo guerras. Não gosto que isso seja a única coisa de que todos falam em cidades como Kasselton. Não gosto de críticas ofensivas (na verdade, odeio) e comemorações excessivas (como meu pai costumava dizer, “Aja como se já tivesse feito isso”). Não gosto do modo como o público grita com juízes e reclama dos treinadores. Não gosto da obstinação e do egoísmo inerentes a todos os competidores, inclusive eu. E, em uma cidade como esta, não gosto das conversas fiadas sobre se tornar um atleta profissional quando é oito vezes mais provável que você caia e morra em seu banheiro (é verdade!).

Mas há muitas coisas de que eu gosto. Gosto do senso esportivo, por mais que isso possa parecer cafona. Gosto dos apertos de mão depois do jogo e de cumprimentar o oponente com um aceno de cabeça. Gosto de partilhar um grande momento com meus companheiros de equipe, da alegria nessa conexão singular. Gosto de suar. Gosto de me esforçar, até mesmo quando a bola não vem na minha direção. Gosto de ser envolvido pelo frenesi – e ainda assim estar totalmente só. Gosto do som da bola quicando no chão do ginásio. Gosto do escape que só uma quadra proporciona. Gosto da pureza do jogo. Gosto da competição – e com isso quero dizer “vencer”, não “bater”, “superar” ou “menosprezar” o oponente, embora entenda como tudo isso pode se confundir. Gosto da aleatoriedade dos intervalos. Gosto de realmente não saber como a bola vai quicar. E gosto da honestidade. Gosto do fato de que mesmo se seu pai for o treinador, se você não tiver talento não vai conseguir nada.

No meu caso?

Demorou um pouco. No início eu estava nervoso. Errei mais arremessos do que o normal. A princípio, meus possíveis novos companheiros de equipe se mostraram frios comigo porque eu era novato, o intruso, e já tinha feito inimigos como Troy e Buck. Mas quando começamos a disputar a bola, a correr de um lado para o outro e gastar energia, quando fui para aquela “zona” mágica em que o resto do mundo desaparece – meu lugar favorito –, comecei a fazer passes e arremessos que deixavam as pessoas boquiabertas.

O treinador Stashower, um jovem inglês, não disse nada durante algum tempo, mas cerca de uma hora depois eu o vi ir para o Ginásio 1 falar com Grady, que ficou à porta observando um pouco, com os braços cruzados. Me esforcei ainda mais. Acertei dois arremessos de três pontos, corri na direção da cesta e fiz o passe para um dos meus companheiros de equipe, que encestou de bandeja com facilidade. Agarrei rebotes. Marquei na defesa. Concentrei-me no jogo e por um momento cheguei a me esquecer de que o técnico do time principal estava me observando.

Mas eu sabia.

Foi isso que eu quis dizer com honestidade do jogo. Na quadra, você pode correr, mas não pode se esconder. Do mesmo modo, você pode bloquear alguém, mas se essa pessoa descobrir seus

pontos fracos, poderá passar adiante. O treinador Grady talvez quisesse tudo perfeito, simples e previsível. Tinha todos os seus seniores prontos para entrar em ação. Mas os esportes em geral nunca são perfeitos, simples e previsíveis. Se fossem, não precisaríamos observar, nem mesmo jogar, não é?

– Ok – gritou Stashower. – Basta por hoje. Vão para o chuveiro. Amanhã os testes serão às cinco da tarde. Até lá.

Quando começamos a nos dispersar, muitos garotos vieram me parabenizar. Eles me fizeram perguntas sobre onde eu havia aprendido a jogar, de onde era, que aulas estava tendo. Sei que eu disse que gostava dos apertos de mão pós-jogo. E eu gosto. Aprecio o respeito que você demonstra por um oponente ou companheiro de equipe. Mas não gosto que as pessoas de repente queiram ser suas amigas só porque você pula mais alto ou demonstra uma coordenação acima da média.

Mas isso não significa que não gostei da atenção.

Algumas pessoas poderiam dizer que isso é hipocrisia. Provavelmente eu concordaria.

Os juvenis tinham acabado antes do time principal, por isso pude tomar banho e me vestir sem dar de cara com Troy e Buck. Enquanto me acalmava, comecei a pensar no discurso de Troy. Talvez, por mais que me fosse desagradável, ele estivesse sendo de algum modo sincero. Talvez ele e Rachel ainda tivessem um relacionamento. Eles haviam namorado, não é? Talvez tivessem voltado. Talvez a proximidade de Rachel da morte os tivesse unido de novo.

Desejei que esse pensamento não me revirasse tanto o estômago.

Enxuguei-me e tomei fôlego por um segundo. Quando olhei para o celular, meu coração disparou de novo. Havia uma mensagem curta de Rachel: **oi**.

Sorri. Ela devia ter frequentado o Curso de Escrita de Introdução de Mensagens de Mickey Bolitar. Conferi a hora da mensagem. Rachel a enviara uma hora antes. Digitei rapidamente uma resposta formidável: **oi, vc ainda tá aí?**

Nenhuma resposta. Coloquei o telefone de lado e me vesti, olhando para ele e esperando que vibrasse. Estava calçando meus tênis quando ele vibrou.

Rachel: **sim. onde vc tá?**

Eu: **testes hoje.**

Rachel: **como foram?**

Eu: **bem. quem se importa? como vc tá??**

Rachel: **melhor. a bala passou de raspão pela minha cabeça, mas não causou nenhum dano. vou ter alta amanhã de tarde.**

Por mais que aquilo parecesse imaturo, tive vontade de perguntar se ela estava mantendo contato com Troy, mas a) isso não era da minha conta; b) você poderia imaginar algo mais ridículo? Além disso, lembrei-me do discurso de Troy: *Aquela garota especial que roubou meu coração está em uma cama de hospital, lutando pela vida.*

A garota que receberia alta amanhã? Mentiroso!

Rachel: **pode passar na minha casa amanhã depois da escola?**

Está bem, tenho que admitir que senti meu peito se estufar e que um sorriso apareceu em meu rosto. A escola terminava às três. Os testes começavam às cinco.

Eu: **sem problemas.**

Rachel: **meu pai vai voltar às quatro. não quero que ele veja vc, por isso temos que ser rápidos.**

Eu não soube como interpretar aquilo.

Eu: **algo errado?**

Rachel: **tenho que ir. por favor, não conte a ninguém que te enviei uma mensagem. ninguém mesmo. até amanhã.**

Fiquei olhando para o telefone por mais um ou dois minutos e então finalmente me vesti. Quando saí, Stashower estava à minha espera.

– Tem um minuto, Mickey?

– É claro, treinador.

Stashower tinha cabelos cacheados grossos e usava uma camisa com o camelo de Kasselton, a mascote da nossa escola. Fomos para a sala dos professores de educação física e ele fechou a porta.

– Você é um ótimo jogador, Mickey – elogiou ele com algo que se aproximava do assombro.

Sem saber o que falar, respondi:

– Obrigado.

– Quero dizer, esse é apenas o primeiro dia. – Ele pigarreou, sua voz agora se tornando mais séria.

– Os testes durarão o restante da semana. Isso pode ter sido apenas um golpe de sorte.

Eu fiquei em silêncio. Eu sabia. Ele sabia. Mais uma vez, não quero parecer metido e arrogante. Detesto que a garota maravilhosa sempre finja não saber que é bonita. Isso é desonesto. Esse tipo de falsa modéstia pode ser tão irritante quanto a vaidade. Então eu não disse nada – não era preciso, pois a quadra diz tudo –, mas Stashower sabia que aquilo não tinha sido um golpe de sorte.

– O treinador Grady vai trabalhar com o time principal por mais uma hora e não quis que você o esperasse. Ele também precisa pensar sobre algumas coisas. – Fez uma pausa, sem saber ao certo como prosseguir. – De qualquer modo, ele perguntou se você poderia ir à sala dele amanhã, na hora do almoço. Você pode?

Eu me esforcei muito para não sorrir.

– Sim, treinador.

– Então está bem. Vá para casa descansar um pouco.

capítulo 20

MAS EU NÃO TINHA NENHUM interesse em descansar. Ainda estava nas nuvens.

O que queria de fato fazer era jogar mais basquete. Sei que isso pode parecer óbvio, mas quanto mais você joga, melhor fica. Além do mais, eu adorava esse esporte.

Consultei o relógio. As partidas em Newark talvez ainda estivessem rolando. Eu poderia pegar o próximo ônibus e estar no centro da cidade dali a meia hora.

Enviei uma mensagem de texto para Tyrell Waters, um aluno do terceiro ano da Weequahic High School, em Newark, que vivia naquelas quadras: **ainda está tendo jogo?**

Percebi que provavelmente não obteria resposta – Tyrell poderia estar jogando –, mas acabei recebendo.

Tyrell: **sim, venha.**

Peguei o ônibus no ponto da Northfield Avenue. Ele estava cheio de empregadas domésticas e babás cansadas, que sempre lançavam olhares curiosos para este garoto branco. A distância entre o subúrbio arborizado de Kasselton e as ruas sujas de Newark era de pouco mais de 10 quilômetros, mas muito maior em todos os outros aspectos.

Os jogos eram realizados no asfalto rachado, com aros enferrujados. Começara a ir para lá um mês antes porque é onde se joga o melhor basquete. Você pode me chamar de preconceituoso, mas é como aquela questão da falsa modéstia. Se você quer melhorar seu jogo e mantê-lo em um bom nível até os testes, essas ruas são o melhor lugar para ir.

Tyrell viu que eu me aproximava, acenou e sorriu.

– Deixei de participar de um jogo para podermos ficar na mesma equipe.

– Obrigado.

Eu era o único garoto do subúrbio próspero a fazer aquela viagem por conta própria. Quando apareci pela primeira vez, fui recebido com muita desconfiança e até mesmo menosprezo, porém, mais uma vez, essa era a beleza do esporte. Por mais que pareça brega, quando entrávamos na quadra, deixávamos tudo para trás. Joguei basquete em todo o mundo, na maior parte das vezes em países cujo idioma eu não conhecia. Isso não importava. Você cria vínculos na quadra. Todos falam, ou pelo menos entendem, a mesma linguagem. As outras besteiras simplesmente desaparecem.

– E aí, o que está rolando? – perguntou Tyrell.

– Primeiro dia de testes.

– Como você foi?

– Muito bem.

Tyrell sorriu.

– Aposto que sim. Ei, a Weequahic vai jogar contra a Kasselton este ano. Vai ser um jogo divertido.

– Estou ansioso por isso.

Na quadra, alguém enterrou a bola, alcançando a vitória. Sempre havia gente assistindo aos jogos. À direita, um grupo de sem-teto torcia, caçoava e apostava garrafas de bebida. Vários treinadores e

pais estavam mais perto, encostados à cerca, sem perder nenhum movimento.

O basquete de rua é simples: os vencedores ficam, os perdedores se sentam. Ninguém gosta de perder, por isso os jogos são muito competitivos. Tyrell é um ótimo armador. Vê toda a quadra com apenas um rápido olhar. Ele me serviu duas vezes e logo assumimos a dianteira. A partir daí seguimos tranquilamente. Não me lembro de quantas vezes jogamos ou quanto tempo aquilo demorou. Tudo foi apenas uma válvula de escape maravilhosa. Por algum tempo não pensei em meu pai, em minha mãe, em Rachel, em nada.

A noite caiu e alguém acendeu os refletores. Continuamos a jogar. Estava ficando tarde, mas realmente não me importei. Depois de ganhar mais uma partida – Tyrell correu por toda a quadra até fazer a cesta final –, olhei para o celular. Tio Myron havia ligado três vezes e mandado um torpedão perguntando onde eu estava. Achei melhor telefonar para ele.

– Onde você está? – perguntou tio Myron.

– Nas quadras em Newark.

– Os testes de hoje não bastaram, não é?

Essa era a única coisa que tio Myron entendia perfeitamente.

– Eu só queria jogar mais um pouco – respondi.

– Então, como você foi hoje?

– Bem.

Era óbvio que ele queria detalhes, mas, como eu disse, é sempre melhor deixar seu jogo falar por si. Myron devia entender isso também.

– Vou chegar em casa tarde – informou ele. – Angelica filmará esta noite e preciso estar lá. Você vai ficar bem?

Por que eu sentia tanto alívio quando sabia que Myron não estaria por perto?

– Vou ficar bem, não se preocupe.

Dissemos que manteríamos contato e desligamos. Tyrell e eu tentamos arranjar jogadores suficientes para mais uma partida, mas vimos que já estava na hora de encerrar. Os garotos se despediram e foram embora até só restarem nós dois. Fizemos lançamentos e demos algumas risadas. Eu o venci em uma disputa de acertos e ele imediatamente exigiu uma revanche. Fomos dificultando os arremessos e então – porque essa era a outra mágica do esporte – começamos a conversar de verdade.

– Minha amiga levou um tiro – contei. – A mãe dela foi morta.

Tyrell ficou imóvel.

– Sério?

– Sim.

Ele quis saber os detalhes. Eu falei sobre Rachel, Ema e Colherada, sobre o discurso de Troy no ginásio e tudo o que havia acontecido na boate Plano B.

Quando terminei, Tyrell balançou a cabeça e disse:

– Cara, você sabe ir atrás de problemas.

– Gosto de pensar que os problemas é que vão atrás de mim.

– E eu gosto de pensar que todas as garotas da escola me desejam – retrucou Tyrell. – Mas isso não faz com que seja assim. De qualquer modo, meu velho disse que você estava envolvido em

todas as prisões naquela boate. Ele também não soube o que concluir disso.

Eu devia ter imaginado. O pai de Tyrell era investigador do condado de Essex.

– Na verdade, provavelmente meu pai interrogaria você se ele não estivesse trabalhando na sua cidade, numa região com tráfico de drogas.

Como se seguindo uma deixa, ouvimos uma voz dizer:

– Bom ver vocês treinando.

O pai de Tyrell sorriu ao se aproximar. Tinha tirado a jaqueta, por isso pude ver seu distintivo e o revólver pendurado no cinto. O Sr. Waters abraçou o filho. Se Tyrell ficou constrangido com isso, não o demonstrou. Ele retribuiu o abraço e senti uma pontada de inveja.

O Sr. Waters se virou para mim.

– Oi, Mickey.

– Oi, Sr. Waters.

– Como estão as coisas?

Na última vez em que estive ali, o pai de Tyrell me levou de carro para casa. Ele tinha visto Cabeça Raspada me seguindo e ficara preocupado. Quando chegamos à casa de Myron, ele me deu seu cartão e me disse para telefonar caso houvesse algum problema.

– Bem.

Ele continuou me encarando. Eu me dei conta de que, como o Sr. Waters era investigador do condado, talvez trabalhasse na mesma divisão de Anne Marie Dunleavy. Fiquei pensando se ele soubera que eu havia sido interrogado sobre os tiros na casa dos Caldwells.

– Que tal fazermos um lanche rápido? Depois eu levo Mickey de carro para casa.

– Obrigado pela oferta – agradei –, mas posso pegar ônibus.

– Não é incômodo algum. De qualquer modo, tenho que ir a Kasselton por conta de um caso. Será bom ter companhia.

Ele falara o mesmo na última vez, mas havia um motivo oculto: ele estava preocupado comigo.

– Já é tarde e estou morrendo de fome – continuou o Sr. Waters. – O que vocês acham, rapazes?

Tyrell se virou para mim.

– Vamos. Temos que comer, não é?

Era difícil argumentar. Fomos para a Hobby's Deli e nos sentamos em um canto. Nós três pedimos sanduíches de três camadas do tamanho aproximado de uma luva de beisebol. Foi o melhor sanduíche que já comi. Em uma escala de um a dez, se esse ganhava dez, o segundo melhor recebia apenas três.

– Os policiais sempre conhecem os melhores lugares para comer – explicou o Sr. Waters.

Ele perguntou sobre nosso dia, os estudos e o basquete. Ouviu atentamente e percebi o quanto ele gostava daquilo. Eu também estava gostando, mas aquela pontada de inveja em momento algum desapareceu.

O Sr. Waters deixou Tyrell na casa deles na Pomona Avenue. O garoto deu um beijo no rosto do pai antes de sair. Outra pontada.

Tyrell se despediu de mim dando um soquinho no meu punho cerrado e disse:

– Dê um chute no traseiro desse Troy.

– Vou dar.

O Sr. Waters esperou até Tyrell entrar antes de voltar a dirigir. Ficamos calados por alguns minutos. Então ele quebrou o silêncio.

– Soube que você foi interrogado pela minha colega, a investigadora Dunleavy.

Como eu havia suspeitado.

– Sim, senhor.

Ao ouvir o nome dela, me lembrei de outra coisa – de quando eu estava escondido debaixo da cama de Rachel no quarto do hospital e ouvi o chefe Taylor...

Uma investigadora da Divisão de Homicídios chamada Anne Marie Dunleavy virá interrogá-la. Não se sinta obrigada a falar com ela antes de conversarmos de novo, está bem?

Por que ele havia dito aquilo?

– Está tudo bem, Mickey?

– Sim, está. É só que eu sou amigo de Rachel Caldwell.

– Entendo.

– Nós nos falamos pelo telefone antes dos tiros.

O Sr. Waters assentiu, mantendo as duas mãos ao volante e olhando direto para frente.

– Aquilo foi terrível. O que aconteceu com a mãe dela. Ser atingida por um tiro daquela maneira.

Eu não disse nada.

– Você a conhecia? – perguntou ele.

– A mãe de Rachel?

– Sim.

– Não, nunca a encontrei.

– Como Rachel está reagindo?

Eu me remexi no banco. Não queria contar que tinha me esgueirado para dentro do hospital, mas também não queria mentir.

– Ela parece melhor.

– Isso é bom. E quanto a Henry?

– Quem?

– Henry Caldwell. O pai dela. – Paramos em um sinal de trânsito. O Sr. Waters se virou e me encarou. – Como ele está?

– Não conheço o Sr. Caldwell.

– Não? – Ele arqueou uma sobrancelha. – Eu achei que, sendo tão amigo de Rachel, você conhecesse a mãe ou o pai dela.

– Não conheço – respondi gentilmente. – E também não conheço Rachel muito bem.

– Mas vocês se falaram pelo telefone logo antes dos tiros.

Aquilo estava parecendo cada vez menos uma conversa casual.

– Ela era minha dupla em um trabalho de história – expliquei.

Ele esperou. Quando não acrescentei mais nada, continuou:

– E vocês dois estavam envolvidos naquela confusão na boate Plano B?

– Sim.

Paramos em frente à casa de Myron. O Sr. Waters desligou o motor.

– Mickey?

- Sim?
- Tem certeza de que não há nada que precise me contar?

– Não sei o que o senhor quer dizer.

– Não? Primeiro há um careca estranho seguindo você em um carro preto. Depois você se envolve em uma importante prisão em uma boate para adultos. E agora, bem, esses tiros em sua cidade.

Eu gostava do Sr. Waters. Realmente gostava. Além disso, achava que ele fazia tudo para o meu bem. Mas não sabia o que falar ou ao menos por onde começar. Muitas coisas haviam acontecido na semana anterior e dona Morcega tinha me falado para não contar a ninguém. Mesmo se eu a desobedecesse, o que diria?

– Mickey?

– Realmente não sei de mais nada.

Ele esfregou o rosto por um momento.

– Você ainda tem meu cartão?

– Sim.

– Ponha meu número em sua discagem rápida. Tenho a sensação de que você vai precisar dele.

capítulo 21

EU NÃO TINHA DEVER DE CASA, por isso fiz uma busca na internet por imagens de Hans Zeidner e do Carniceiro de Lodz. Surgiram muitas fotografias apavorantes do gueto de Lodz. Eram todas em preto e branco. Eu diria que pareciam saídas de um pesadelo, mas acho que nem mesmo meus piores sonhos poderiam competir com aquilo. Muitas delas mostravam crianças assustadas e famintas. Pensei em Lizzy Sobek e me perguntei como devia ter sido a vida dela naquele gueto.

Só havia uma fotografia que podia ser do Carniceiro de Lodz.

Era a mais horripilante que eu já vira. Tinha sido tirada em novembro de 1941, no mercado Baluty, em Lodz. Dezoito judeus foram enforcados naquele dia, por tentarem escapar. Nessa imagem, três deles estavam pendurados pelo pescoço no que parecia ser uma barra que sustentava balanços. No fundo, avistei a multidão tristemente reunida – até mesmo crianças –, forçada a assistir àquilo como um alerta. E lá, em pé, bem perto das pessoas mortas, de costas para a câmera, se encontrava um homem com o uniforme da Waffen-SS.

De repente, tive dificuldade de respirar.

Desliguei o computador. Não havia mais nenhuma fotografia do rosto do Carniceiro. Então como dona Morcega tinha uma?

Tudo remetia a ela, não é? Dona Morcega havia me colocado neste caminho na primeira vez em que a vi, saindo por aquela porta com seus cabelos grisalhos compridos e vestido branco, apontando o dedo ossudo para mim...

Mickey? Seu pai não morreu. Ele está muito vivo.

Ei, espere.

Eu me lembrei de outra coisa. Quando vi Ema hoje, mais cedo, de algum modo ela me pareceu diferente. Eu não sabia dizer por quê, mas agora...

Peguei meu celular e enviei uma mensagem de texto para Ema. Dizia apenas “**vc tá aí?**”, porque podia haver outra pessoa em casa que bisbilhotasse as mensagens dela e ficasse zangado se alguém fizesse perguntas mais pessoais.

Ema respondeu rapidamente: **o que aconteceu?**

Eu: **vou pra casa de dona morcega. quer ir?**

Ema: **não posso.**

Aquilo era estranho. Em geral, Ema podia sair a qualquer hora.

Digitei: **tá tudo bem?**

Ema: **tá. vamos amanhã depois da escola.**

Eu estava prestes a lhe dizer que Rachel teria alta, mas então me recordei de que Rachel havia insistido: **não conte a ninguém que te enviei uma mensagem. ninguém mesmo.**

Isso também incluiria Ema? Não sei, mas a palavra *ninguém* parecera muito clara.

Digitei para Ema: **não posso.**

Eu ia perguntar sobre o que havia notado, o que achara diferente na aparência dela, mas queria conferir pessoalmente. Isso podia esperar.

Ainda pensando nos boatos que Colherada ouvira, acrescentei: **vc tá bem?**

Ema: **sim. e vc?**

Eu: **também.**

Houve uma pausa e então Ema escreveu: **que troca de mensagens fantástica.**

Dei uma gargalhada.

Ema: **vc vai pra casa de dona morcega de noite sem mim?**

Pensei sobre isso, mas não por muito tempo. Não podia apenas ficar sentado ali. Tinha que agir: **sim.**

Mais um intervalo. Então, chegou outra mensagem: **tenha cuidado. estou com um mau pressentimento.**

capítulo 22

NINGUÉM SABE QUANDO dona Morcega chegou à cidade.

Estou certo de que há registros da mudança e alguém provavelmente poderia descobrir, mas, se você perguntar a qualquer pessoa em Kasselton, ela dirá que dona Morcega sempre morou naquela casa sombria e caindo aos pedaços. Até mesmo tio Myron se lembra da velha e sinistra Morcega da sua infância. Ele contou que os garotos costumavam passar correndo na frente da casa dela. Falou que um dia, quando estava com 12 ou 13 anos, meu pai tinha ido à casa de dona Morcega em um ato ousado... e quando saiu de lá, não era mais o mesmo.

Eu acreditava nisso. Também tinha ido àquela casa. Também tinha conhecido dona Morcega. E agora não estou certo se algum dia voltarei a ser o mesmo.

Sabia que os boatos sobre dona Morcega que assustavam as crianças eram totalmente falsos. A lenda dizia que ela as raptava. Os habitantes locais afirmavam que, em algumas noites, se você passasse pela casa dela devagar, podia até ouvir o choro delas. Alguns declaravam ter visto dezenas de crianças trancadas na casa, prontas para serem... o quê? Mortas, abusadas, devoradas...

Ou, talvez, apenas salvas.

Estava escuro como breu quando cheguei à casa de dona Morcega. O vento uivava. Ele sempre parecia se intensificar quando eu atravessava o terreno dela. Tenho certeza de que isso estava apenas na minha mente (e nas mentes de muitas outras pessoas que passavam por lá), mas o salgueiro balançava e até mesmo de onde eu me encontrava, na calçada, podia ouvir a varanda ranger.

Todas as luzes estavam apagadas, menos a de uma lâmpada solitária no quarto do andar superior. Era um bom sinal. Da última vez em que eu fora ali, quando ninguém atendera à porta, não havia nada aceso.

Dona Morcega devia estar de volta.

A noite estava silenciosa, quase quieta demais, quando me aproximei da casa. Bati à porta. O som ecoou. Senti um arrepio e prestei atenção para ver se ouvia algum movimento. Nada. Bati de novo e encostei meu ouvido à porta. Silêncio. E então, de repente, o silêncio foi quebrado.

Por música.

Dei um pulo para trás. Lembrei-me da antiga vitrola, a que tocava discos de vinil, na sala de estar dela. Era difícil imaginar uma velha esquisita ouvindo os álbuns que eu tinha encontrado empilhados ali: *My Generation*, do The Who, *Pet Sounds*, dos Beach Boys, *Abbey Road*, dos Beatles, e o que agora estava tocando e parecia sempre tocar, *Aspect of Juno*, do HorsePower.

Bati de novo.

– Abra!

Ainda nenhuma resposta, apenas o som de Gabriel Wire, o vocalista do HorsePower, dizendo que “o tempo parou”.

Com toda a certeza, sim.

Comecei a esmurrar a porta. Nenhuma resposta. Eu não sabia ao certo o que fazer. Não podia

continuar a bater – a última coisa que queria era chamar atenção para mim mesmo –, mas também não estava pronto para ir embora.

Tentei olhar pela janela, mas ela estava fechada com tábuas. Ainda assim, consegui ver a sala de estar por uma fresta. Tudo na escuridão. Mantive meu olho ali por um segundo.

Então uma sombra passou.

– Alô! Abra!

Voltei para a porta e bati um pouco mais. Fiquei tentado a pô-la abaixo, mas então me lembrei da garagem. Na última vez em que estive dentro da casa – quando Cabeça Raspada me levou para conhecer dona Morcega e falar com ela cara a cara –, ele tinha estacionado e entrado comigo por um túnel subterrâneo. Talvez eu pudesse entrar assim.

Comecei a ir na direção dos fundos. A casa de dona Morcega era bem junto ao bosque. Não quero dizer que o quintal dos fundos dava para o bosque, mas que a casa realmente brotava do bosque, como se sua estrutura fosse parte dele. Tentei abrir a porta dos fundos, mas a fechadura nova não deixou.

Tirei uma pequena lanterna do bolso. Estava ainda mais sinistro ali atrás. Atravessei um emaranhado de árvores até chegar à construção. Eu sabia que lá dentro havia um alçapão que levava a um túnel. Mas a porta da garagem estava trancada. E agora?

Não sei dizer exatamente por quê, mas me dirigi ao viçoso jardim atrás da garagem. Algo, não sei o quê, me atraiu para lá. Ema e eu o havíamos descoberto em nossa última noite ali. Eu não tinha a menor ideia de como dona Morcega mantinha suas plantas tão cheias de vida nesta época do ano, mas isso era a menor das minhas preocupações. Havia um caminho no meio do jardim. Eu sabia onde terminava.

Ergui minha lanterna, iluminando a lápide. Li as palavras agora familiares:

TRABALHEMOS PARA ENGRANDECER NOSSO CORAÇÃO
À MEDIDA QUE ENVELHECEMOS,
COMO O CARVALHO ANTIGO OFERECE MAIS ABRIGO.
AQUI JAZ E. S.
UMA INFÂNCIA PERDIDA EM PROL DAS CRIANÇAS
A30432

Eu havia imaginado que E. S. era Elizabeth “Lizzy” Sobek, mas agora percebia que podia ser seu irmão, Emmanuel, ou sua mãe, Esther, embora eles tivessem morrido na Polônia mais de meio século antes. Então como poderiam “jazer” ali?

Mas esse não era o ponto principal.

Não, Sra. Friedman, Lizzy Sobek não tinha sido morta pelo Carniceiro de Lodz. Ela havia sobrevivido à guerra e fora uma espécie de hippie e agora todos na cidade a conheciam como dona Morcega, a velha sinistra que morava na casa sinistra.

Perguntei-me o que a Sra. Friedman faria se soubesse que Lizzy “Borboleta” Sobek, a lendária lutadora da resistência que perdeu a família em Auschwitz, morava a menos de 500 metros da Kasselton High School.

Eu me aproximei da lápide. Ao fundo, uma canção do HorsePower terminava e outra começava. Eu sabia o que havia atrás da lápide – aquela mesma borboleta *Abeona* com olhos nas asas. Eu a tinha visto em minha visita anterior, mas de novo algo me atraiu para aquele lugar, por isso tive que conferir.

Meus passos ecoaram no escuro. Eu estava com minha lanterna na mão e a aponte para o local. Sufoquei um grito. A borboleta estava ali, mas alguém a riscara. Alguém tinha feito um X enorme com spray sobre ela.

Virei-me na direção da casa e dessa vez ouvi uma risada zombeteira.

Um arrepio percorreu meu corpo.

Vá para casa, Mickey, disse a mim mesmo.

Havia perigo. Dava para senti-lo. Era quase possível estender o braço e tocá-lo. Eu sabia que deveria ir. Sabia que deveria me recompor e pensar sobre isso. Mas não havia como ir, não porque eu fosse particularmente corajoso ou, nesse caso, imprudente, e não porque quisesse ser um daqueles adolescentes estúpidos que entram na casa do *serial killer* nos filmes de terror.

Eu só não queria que o que estava me assombrando escapasse de novo. Ok, se ele me vencesse eu poderia viver (ou morrer) com isso. Porém, eu precisava de respostas e não deixaria a pessoa que poderia fornecê-las escorregar por entre meus dedos mais uma vez.

Corri para a porta dos fundos e bati. Idiota. Ninguém havia respondido antes. Por que achei que seria diferente agora?

Coloquei as mãos em concha ao redor dos olhos e espiei a cozinha pela janela. Escura. Então, vi uma sombra passar ao longe. Alguém subia a escada.

Por quê?

Tentei visualizar dona Morcega se movendo rápido como aquela sombra, mas não consegui.

Havia outra pessoa naquela casa. Ela fizera um X com spray sobre a lápide. E tinha ligado a vitrola e debochado de mim.

Dei a volta correndo para a frente da casa e ergui os olhos para a janela iluminada do quarto de dona Morcega. Inclinei a cabeça tentando ver algo – talvez uma sombra, uma silhueta, qualquer coisa – e, quando fiz isso, alguém apagou a luz.

Escuridão total.

Ah, não.

Eu não sabia o que fazer. Pensei em chutar a porta, mas e depois? Provavelmente aquilo não era nada – apenas uma visita ou até mesmo a própria dona Morcega apagando a luz antes de dormir. Ainda assim, meu coração batia forte no peito. Eu tinha que agir.

Estava pensando no próximo movimento quando a luz na janela foi acesa de novo. Recuei para enxergar melhor. Coloquei as mãos em concha como se fossem um megafone e gritei “Alô?”. Não sabia como chamá-la. Sua identidade era secreta, por isso não funcionaria falar “Srta. Sobek”. Também não tinha certeza de que berrar “Dona Morcega” seria apropriado.

– Alô? Pode me ouvir?

Nada.

– É o Mickey. Alô? Pode abrir a porta? Por favor?

Vi algo se movendo na janela. A cortina fina como gaze foi afastada para o lado e então um rosto

espiou para fora.

Dessa vez gritei bem alto.

Ali, da janela do andar superior, o Carniceiro de Lodz me encarava.

capítulo 23

EU NÃO CONSEGUIA respirar.

Dessa vez não havia a menor dúvida: era o mesmo homem da fotografia antiga – e ele não havia envelhecido nem um dia.

Por um tempo, meu cérebro simplesmente travou. Não me perguntei como aquilo era possível. Não me perguntei se estava sonhando. Não pensei em correr atrás dele, gritar ou qualquer outra coisa. Fiquei apenas paralisado, fitando os mesmos olhos verdes com contorno amarelo que vi no dia em que meu pai morreu.

Quando ele se afastou da cortina, meu cérebro destravou. Por apenas um segundo, ergui os olhos para a janela e pensei na possibilidade de minha mente estar me pregando peças.

Não havia como.

Corri de volta para a porta e dessa vez não hesitei. Inclinei meu ombro e me joguei contra ela. A porta só cedeu um pouco, a madeira se partindo em lascas. Lutei contra elas, passando pela abertura. Fiquei parado no vestíbulo da frente. A sala de estar ficava à minha esquerda. A vitrola ainda tocava. Na lareira, vi aquela mesma fotografia dos hippies com as camisetas de borboleta.

Ouvi um barulho acima de mim.

Ele ainda estava no andar superior.

Ok, e agora?

Eu podia muito bem esperar ali, não é? Ele teria que descer a escada. Eu só precisava aguardar e exigir respostas.

Isso realmente daria certo?

Não sabia, mas ocorreu-me um pensamento. Precisava de ajuda e logo pensei em uma pessoa: tio Myron.

Isso me surpreendeu, mas, afinal, quem mais eu tinha? Ema e Colherada não poderiam vir em meu socorro. Se eu telefonasse para o Sr. Waters, bem, eu havia acabado de invadir uma casa, certo? Poderia ser preso.

Outro barulho no andar superior.

Agarrei o celular e liguei para Myron. Ele atendeu no segundo toque.

– Mickey?

– Estou na casa de dona Morcega – sussurrei.

– O quê? Por quê?

– Não posso explicar. Por favor, venha para cá. Preciso de ajuda.

Esperei mais perguntas, mas elas não vieram.

– Chegarei em quinze minutos – avisou ele.

Desliguei.

E agora?

Espere. Fique perto da escada e espere. Ou Myron chegará a tempo e subiremos a escada juntos ou o Carniceiro terá que descer.

Mas suponha que dona Morcega esteja lá em cima. Suponha que ele a tenha atacado ou feito coisa pior.

E se, naquele exato momento, ele a estivesse estrangulando? Eu ia apenas ficar ali e deixar isso acontecer?

Olhei para a velha escada. Nem mesmo parecia capaz de sustentar meu peso. Ainda estava decidindo o que fazer quando um som decidiu por mim.

No andar superior, ouvi uma janela se abrir com um rangido.

Era o Carniceiro tentando fugir?

Não, nem pensar. Não havia como eu deixar aquele cara fugir quando eu o havia encurralado.

Subi a escada correndo. Parte do meu cérebro me dizia para ir mais devagar, ser cauteloso, não subestimar meu oponente. Sim, eu era jovem, mas tinha treinado em todo o mundo como lutar.

O que meu treinamento me aconselhava agora?

Isso não importava, porque, quando cheguei ao corredor acima, fiquei paralisado com o que vi. Meus pés pareciam pregados ao chão.

– Que diabo...?

Não sei o que eu esperava. Acho que algo igual ao andar inferior: escuro, sombrio, talvez com um velho papel de parede e castiçais antigos pendurados nas paredes. Mas não foi o que vi.

Vi fotografias. Centenas. Não. Milhares. Milhares e milhares de fotografias.

O corredor estava totalmente coberto de imagens de crianças e adolescentes. Elas estavam por toda parte, em todos os espaços disponíveis, não apenas ocupando as duas paredes de alto a baixo, mas até mesmo coladas no teto.

Estendi minha mão e as toquei. Havia fotos em cima de fotos. Camadas e camadas delas – eu não sabia dizer quantas. Eram de vários tamanhos. Em preto e branco, coloridas, desbotadas e ainda vibrantes. Algumas alegres, outras tristes. As crianças eram de todas as raças, credos, nacionalidades e até mesmo gerações.

As duas portas do quarto estavam entreabertas, o que talvez explicasse a corrente de ar que parecia haver naquele corredor. Algumas das imagens começaram a se soltar, caindo aos meus pés. Uma era de um garotinho com no máximo 9 anos, cabelos cacheados e olhar triste. Por alguma razão o menino me pareceu familiar.

Algo no rosto dele...

Outra fotografia pousou com delicadeza perto dessa. E depois mais outra. Olhei para baixo e vi uma que me espantou.

Era de Ashley na escola – minha ex-namorada que todos nós tínhamos salvado na Go-Go Lounge Plano B.

Fitei o rosto bonito dela, perdido por um segundo, confuso.

Um som no fim do corredor me tirou do estupor. Não era hora de me preocupar com um punhado de imagens. Pelo menos ainda não. Depois daquela série de fotografias, ficava a porta do quarto de dona Morcega.

Ele – o Carniceiro, o Paramédico, fosse quem fosse – estava naquele cômodo.

Dirigi-me para lá. Os retratos ainda caíam das paredes e do teto, quase como se fossem pele descascando. Vários caíram sobre meu rosto. Ergui minha mão como um escudo e cheguei à porta.

Fiquei em dúvida sobre como entrar e depois simplesmente empurrei-a.

O quarto estava vazio.

Não havia mais vento porque alguém acabara de fechar a janela. Ou essa pessoa tinha saído por ela ou ainda estava no quarto.

Corri para lá, fechando a porta atrás de mim. Se ele tivesse conseguido pular, não poderia ter ido longe. Teria que estar no quintal. Olhei pela janela.

Nada.

O medo me fez gelar. Nada. Isso significava que ele ainda estava naquele quarto. Aos poucos, dei as costas para a janela.

O cômodo tinha um papel de parede amarelo ou velho; não dava para saber. Na mesinha de cabeceira, havia duas fotografias. Uma delas era em tom sépia e eu já vira antes – a família Sobek antes do início da Segunda Guerra Mundial. Samuel, Esther, Emmanuel e a pequena Lizzy. A outra imagem estava desbotada: era de dona Morcega, na casa dos 50 ou 60, em pé ao lado de uma árvore com aquele mesmo garotinho de olhar triste e cabelos cacheados cuja foto eu acabara de ver no corredor.

Fiquei imóvel e me esforcei para ouvir algum som.

Onde o Carniceiro estava escondido?

Fiquei bem perto da cama e, por um momento, perguntei-me se ele estaria debaixo dela. Olhei de relance para meus pés, começando a achar que aquele seria um esconderijo muito óbvio, quando duas mãos agarraram meus tornozelos e me puxaram com força.

Soltei um grito e perdi o equilíbrio. Meu cotovelo bateu na mesinha de cabeceira, derrubando a luminária e mergulhando o quarto na escuridão total enquanto eu aterrissava no piso de madeira.

As mãos continuaram a puxar, me arrastando.

Em pânico, comecei a chutar, esperando atingir algo ou talvez libertar meus tornozelos. Mas ele continuava a agarrá-los. Eu não conseguia ver nada. Só sentia que era puxado.

Meu corpo estava quase todo debaixo da cama.

Afinal, o que ele tentava fazer?

Eu não sabia e não estava interessado em saber. Queria me libertar. Chutei, me contorci e gritei até que enfim liberei um tornozelo, e depois o outro. Corri até o canto oposto. Fiquei encolhido ali, com os joelhos no peito, esperando.

Não tinha certeza de qual seria meu próximo movimento. Meus olhos ainda não estavam acostumados à escuridão. Mantive as mãos em uma posição defensiva. Meu adversário ainda estava no quarto, mas eu não sabia onde. Tinha que estar preparado. Mais uma vez tentei ficar imóvel e ouvir, mas agora minha respiração estava alta demais.

Então a porta do quarto rapidamente se abriu e fechou.

Levantei-me e corri na direção dela. Desajeitado, agarrei a maçaneta...

E ela não se moveu.

Tentei girá-la com mais força, mas não deu certo. Do outro lado da porta ouviu-se um estalido. Cheirei o ar e senti algo que me fez arregalar os olhos. Recuei e de novo usei meu ombro. Nada. Dei um passo para trás e me atirei sobre a porta outra vez.

A porta abriu. Tropecei e caí no meio do corredor com todas aquelas fotografias.

E elas estavam em chamas.

O fogo se alastrava, as labaredas rapidamente subindo pelas paredes até o teto, o papel fotográfico agindo como querosene. As fotografias estalavam, encolhiam e escureciam, enchendo o corredor de fumaça. As labaredas logo me ladearam, bloqueando meu caminho de volta para o quarto. Usei o braço para cobrir a boca e procurei uma saída.

Eu estava cercado por paredes de chamas.

Lembrei-me de uma dica de uma palestra sobre segurança a que assisti quando estava na quarta série: permaneça abaixado e engatinhe. Fiz isso, mas sem saber se iria adiantar. O fogo estava por toda parte e o calor era insuportável. A fumaça começava a me sufocar. O caminho de volta para o quarto fora engolido pelas chamas – e ocorreria o mesmo com o trecho até a escada.

Enquanto o fogo se aproximava, vi uma abertura à minha direita.

Um vão de porta.

Rolei para o que achei ser um quarto de hóspedes. Não consegui ver muito – ainda estava abaixado e a fumaça era densa –, mas pude perceber que, ao contrário do restante da casa, o cômodo era vivamente pintado de vermelho, amarelo e azul. Meus olhos começaram a lacrimejar por causa da fumaça. Tentei prender a respiração e me arrastei um pouco mais. Minha mão tocou em algo... esponjoso, talvez? Borrachudo? Ouvi um guincho e olhei para baixo.

Era um pato de borracha. O chão estava coberto de brinquedos.

Não tive tempo nem para registrar minha confusão. O fogo entrou rugindo no quarto como se estivesse me seguindo. Rolei sobre minhas costas e chutei as chamas que lambiam avidamente meus pés. Minhas costas bateram em uma parede.

Eu estava encurralado.

Em segundos, as chamas me engoliriam por completo. Gostaria de poder dizer o que pensei naquele momento, com a morte me rondando. Não acho que minha vida passou diante de meus olhos. Nem mesmo acho que visualizei minha mãe na reabilitação, meu pai no acidente ou algo desse tipo. O medo – puro medo – dominou todos os meus pensamentos, menos um.

Eu tinha que encontrar um modo de sair dali.

Consegui abrir meus olhos lacrimosos. As chamas estavam mais perto. Olhei para cima e, em meio à densa fumaça, vi uma janela.

Li em algum lugar que nenhum computador pode superar o cérebro humano na rapidez de certos cálculos. O que aconteceu depois talvez tenha levado um décimo de segundo, provavelmente menos. Na minha mente, veio à tona a imagem da fachada da casa de dona Morcega – a vista da rua – e logo me lembrei da posição das janelas do segundo andar. Eu me dei conta de onde estava, a que altura e de que se saísse por essa janela chegaria ao topo da varanda da frente.

Com as chamas quase sobre mim, pulei para a janela e a puxei para cima.

Ela não se moveu.

Dava para ver que não havia nenhuma trava. A janela estava emperrada.

Sem tempo para pensar ou tentar algo mais, bati minhas costas com força no vidro. Senti a janela se estilhaçar enquanto eu caía para fora. O oxigênio alimentou o fogo, mas fiquei deitado no telhado. As chamas se projetaram sobre mim.

O telhado era inclinado e comecei a escorregar. Usando as mãos para encontrar a borda, deixei-

me levar pela força da gravidade. Ao começar a cair, torci o corpo para que meus pés ficassem abaixo de mim. Aterrissei no quintal da frente e rolei. Depois fiquei em pé e olhei para a casa.

Ela fora totalmente engolida pelas chamas.

Ao longe, ouvi sirenes. Não tinha a menor ideia do que fazer. Eu me virei para a esquerda, não vi nada, me virei para a direita e ali, encarando as chamas, estava o Carniceiro.

Por um momento, olhei para ele, sem conseguir me mover. Eu estava bem fisicamente. Talvez com um arranhão ou uma queimadura de pouca importância, mas sabia que ficaria bem. Talvez eu estivesse tomando fôlego, talvez aturdido demais. Mas continuei ali sem me mover, a menos de 5 metros do homem que levava meu pai embora e acabara de tentar me matar.

As sirenes soaram de novo e de repente o Carniceiro se virou e saiu correndo.

Aquilo me tirou do atordoamento. Pensei de novo: não, de jeito nenhum. Não o deixaria fugir. O Carniceiro podia ser rápido, porém eu era mais, e tinha a vontade a meu favor. Não havia como ele escapar impune daquilo.

Achei que o Carniceiro se dirigiria ao bosque, só que ele foi para o quintal vizinho. Não hesitei. Não mais. Corri com todas as minhas forças atrás dele. Atravessamos três quintais em disparada.

Eu estava me aproximando cada vez mais.

Ouvi vozes atrás de mim. Alguém gritou “Pare!”. Não parei. Só obedeceria quando o Carniceiro obedecesse. Ele pulou sobre uma sebe. Fiz o mesmo. Apenas 3 metros nos separavam quando ele enfim entrou no bosque. Aquilo não iria adiantar. Eu estava ali. Iria alcançá-lo, derrubá-lo e...

Caí com força. Alguém me atacara. Estava sentado em cima de mim.

– Pare! Polícia!

Olhei para o rosto... do chefe Taylor!

– Não se mova! – gritou.

– Solte-me! Você tem que ir atrás dele!

Mas ele me ignorou.

– Eu disse “não se mova”. Fique deitado no chão e ponha as mãos em sua cabeça.

– Ele está fugindo!

– Agora!

Taylor começou a me virar de barriga para baixo. Deixei que me virasse e continuei a lutar, a tentar tirá-lo de cima de mim. Ergui-me de um pulo.

– Não podemos deixá-lo ir! – berrei, virando-me na direção do bosque.

Porém, agora havia mais dois policiais. Um agarrou minhas pernas, o outro me golpeou no tronco. Caí de novo no chão. Taylor estava em pé acima de mim, com o rosto vermelho de raiva. Ele recuou como se para me chutar, e então ouvi outra voz gritar:

– Fique longe dele, Ed!

Era tio Myron.

Taylor se virou. Tentei me levantar e continuar a correr atrás do Carniceiro, porque não havia tempo para me explicar, não mesmo, e pensei que a polícia me seguiria e eu poderia fazer isso depois. De fato consegui me desvencilhar, mas, quando olhei para o bosque, não havia ninguém, nenhum som. Hesitei, procurando pelo Carniceiro, dando à polícia uma nova chance de me agarrar.

Contudo, não adiantava mais lutar.

A noite estava silenciosa. A casa de dona Morcega ardia, desmoronada. E o Carniceiro se fora.

capítulo 24

CONTEI A TODOS SOBRE O HOMEM LOURO, mas eles não prestaram atenção. Ainda com o rosto vermelho, o chefe Ed Taylor pegou suas algemas.

– Você está preso – disse-me. – Vire-se e ponha as mãos às costas.

Ele esticou o braço para pegar o meu, mas tio Myron se meteu entre nós.

– Qual é a acusação?

– Está brincando, não é? Que tal incêndio criminoso, para começar?

– Você o viu atear fogo?

– Não, mas ele estava fugindo.

– Talvez porque... ah, não sei, o fogo o tivesse queimado? – perguntou asperamente Myron. – O que queria que ele fizesse, que o apagasse?

Taylor cerrou os punhos.

– Bem, Bolitar, e quanto ao resto? Resistência à prisão, agressão a um policial...

– Você pulou em cima dele no escuro – retrucou Myron. – E tudo o que Mickey fez foi tirá-lo de cima dele. Em momento algum o agrediu. Se você está constrangido porque um adolescente levou a melhor...

O rosto do chefe Taylor ficou ainda mais vermelho. Ah, aquilo não estava ajudando.

– Vou levá-lo, Bolitar. Saia da minha frente.

– Para onde vai levá-lo?

– Para a delegacia, para a autuação inicial, e depois uma audiência para fixar fiança em Newark.

– Fiança? Isso não é um exagero, Ed?

– Ele poderia tentar fugir.

– Pelo amor de Deus, ele é um garoto! – Myron pôs a mão em meu ombro. – Não diga uma só palavra, Mickey, está me ouvindo? Nenhuma palavra. – Ele se virou para Taylor. – Eu seguirei seu veículo. Como advogado dele, eu o proíbo de interrogá-lo.

Taylor segurava as algemas.

– Mãos atrás das costas.

– Está falando sério, Ed? – perguntou Myron.

– Esse é o procedimento. A menos que você ache que seu sobrinho merece tratamento especial.

– Tudo bem – resignei-me, pondo as mãos às costas.

O chefe Taylor me algemou. Um de seus subordinados me levou para o banco traseiro de uma viatura e se sentou perto de mim. Meu rival se sentou na frente.

Olhei de novo para a casa incendiada. Pensei naquelas fotografias – na de Ashley, na daquele garoto com cabelos cacheados e olhar triste. Pensei em tudo que havia visto e ouvido ali e no que aquilo significava. Imaginava que aquela casa era a sede do Abrigo Abeona. Agora se fora, incendiada por...

Quem? O Carniceiro de Lodz? Um homem que devia ter 90 anos, mas que nem parecia ter 40? Aquilo fazia algum sentido?

– E, acima de tudo, a pergunta que repetidamente me ocorria: o que ele havia feito com meu pai?

– Não consigo acreditar nisso – disse Taylor.

Encarei Taylor pelo espelho retrovisor no centro do carro. Desejei perguntar do que ele estava falando, mas me lembrei do que Myron dissera sobre ficar calado.

O policial perto de mim colaborou:

– Não consegue acreditar em quê?

– Bolitar. O tio do garoto.

– O que tem ele?

– Ele está nos seguindo em uma limusine.

Não era fácil me mexer com as mãos algemadas, mas consegui me virar o suficiente. O chefe Taylor tinha razão. Realmente estávamos sendo seguidos por uma grande limusine preta.

– Então, Mickey – disse ele –, esta é a segunda vez que eu o pego perto daquela velha casa. Quer me dizer por quê?

– Não, senhor.

– Talvez você tenha uma queda por velhas – continuou ele, e em sua voz zombeteira pude ouvir o eco do “Ema, muuu!” de seu filho. – É isso, Mickey? Você gosta de vovozinhas?

Não reagi à provocação. Até o policial perto de mim franziu a testa por causa dessa abordagem grosseira.

A delegacia ficava em frente à Kasselton High School. Algumas horas antes, eu tinha celebrado em silêncio minha estreia no basquete em um ginásio a alguns metros do local para onde estava sendo levado pelos policiais. De fato, a vida dá voltas.

Taylor deslizou para fora da viatura e fechou a porta. Alguns segundos depois, o policial sentado perto de mim me ajudou a sair. A limusine estava bem atrás de nós. A porta traseira foi aberta e Myron saiu.

– Agora você tem uma limusine, Bolitar? – caçoou o chefe Taylor. Ele passou a mão pelo teto do carro. – Você realmente deve se achar o máximo.

– Não é minha.

– Não? Então de quem é?

– Na verdade – e agora achei ter visto o esboço de um sorriso no rosto de Myron –, pertence a Angelica Wyatt.

– Sim, é claro, e eu sou George Clooney – debochou Taylor.

A janela traseira com vidro fumê foi abaixada. Quando Angelica Wyatt pôs seu rosto maravilhoso para fora, sorriu e disse “O senhor é o chefe de polícia da cidade? Prazer em conhecê-lo”, achei que Taylor teria um infarto.

– Ahn, Srta. Wyatt... Puxa, é mesmo a senhorita? Todos nós somos grandes fãs seus, não é, rapazes?

Agora havia cinco policiais ao redor da limusine. Todos assentiram, como marionetes. Angelica lhes deu outro sorriso. Disse algo mais que não consegui ouvir, mas alguns dos policiais começaram a rir. Encarei tio Myron e ele revirou os olhos.

Angelica fez um comentário sobre como os homens ficavam bonitos de uniforme. Vi o chefe Taylor alisar os cabelos e estufar o peito. É sério isso? Nós, homens, somos assim tão facilmente

seduzidos? Então pensei em Rachel Caldwell. Ela não tinha feito algo parecido comigo quando nos conhecemos? E eu não caíra direitinho?

Apostava que Ema teria algo mordaz, engraçado e verdadeiro a dizer sobre isso.

Myron e eu ficamos afastados. Eu ainda estava com as mãos algemadas. Angelica continuou a conversar com Taylor. Ele riu de novo como um colegial.

– O que vai acontecer? – perguntei a Myron.

Aquele pequeno sorriso voltou ao rosto dele.

– Aguarde.

Três minutos depois, o chefe Taylor veio e abriu minhas algemas. Ele se virou para Myron.

– Você é o representante legal dele?

– Sou.

Ele não era. Isso era parte do acordo. Eu ficaria com ele, mas minha mãe ainda teria minha guarda. Mesmo assim, com ela em reabilitação, Myron era o que mais se aproximava de ser meu representante.

– Você tem que entrar e assinar alguns papéis prometendo que ele comparecerá quando precisarmos, esse tipo de coisa.

Myron e eu nos contivemos para não perguntar o que acontecera com a audiência em Newark. Sabíamos a resposta: Angelica Wyatt.

– Espere no carro – disse-me Myron.

Um chofer de quepe abriu a porta. Entrei e me sentei ao lado de Angelica. Aquilo era estranho para mim, portanto também devia ser para ela. Angelica Wyatt era uma estrela de cinema e estar em sua presença era, bem, como estar na presença de uma estrela de cinema, algo grandioso, formidável e irreal. Não era culpa dela. Nem minha. Era apenas esquisito. Perguntei-me como ela devia lidar com isso todos os dias. Isso lhe dava grandes poderes – vejam como me libertou –, mas também devia ser um fardo.

– Você está bem? – perguntou ela.

– Sim, senhora. Obrigado por sua ajuda.

Eu nunca tinha me sentado no banco traseiro de uma limusine. Era feito de couro de qualidade. O carro tinha uma pequena televisão e vidros de cristal grossos.

– O que aconteceu? Você estava na casa?

Mais uma vez, eu não queria mentir, mas também não estava preparado para contar a verdade. E não conhecia aquela mulher.

– Achei que tinha visto fogo, então tentei ajudar.

Angelica pareceu não acreditar.

– Entrando na casa?

– Sim. Para, ahn, ver se havia alguém lá.

– Por que simplesmente não chamou os bombeiros?

Ops.

– Por que telefonou para seu tio e disse que precisava de ajuda?

– Acredite em mim: se eu tivesse outra pessoa para quem ligar... – Parei de falar, desejando ter ficado de boca fechada.

– Mickey?

Eu me virei para Angelica. Ela me encarou de um modo que pareceu ao mesmo tempo reconfortante e familiar. Eu gostava dos olhos dela, não só porque eram castanhos e bonitos, mas porque sentia um calor humano.

– Sei que não é da minha conta, mas seu tio está tentando.

Eu não disse nada.

– Ele é um bom homem. Você pode confiar nele.

– Sem querer ofender – expressão usada quando se está prestes a ofender alguém –, mas a senhora não conhece realmente a situação.

– Sim, Mickey, eu conheço.

Pensei sobre isso. Angelica tinha me dito que era amiga da minha mãe quando ela engravidara de mim.

– Ele cometeu um erro – falou ela. – Um dia você entenderá isso. A vida não é como os filmes. Os jovens pensam que os adultos têm todas as respostas, mas a única diferença entre ambos é que os adultos sabem que não há respostas fáceis.

– Mais uma vez, sem querer ofender, porém há muito tempo eu não acho que os adultos sabem todas as respostas.

Ao ouvir isso, ela quase sorriu.

– Nós erramos. É isso que quero dizer, Mickey. Todos nós erramos. Tentamos fazer o melhor que podemos e o amamos muito, mas ainda assim somos seres fracos e imperfeitos.

Angelica baixou os olhos. Seu rosto se entristeceu e, por um momento, achei que ela fosse chorar.

– Srta. Wyatt?

– Todos nós cometemos erros. Seu tio não foi o único.

A porta da limusine se abriu e tio Myron olhou para dentro.

– Está tudo bem aí?

Então eu pude ver por que Angelica Watt era uma grande atriz. Seu rosto se iluminou e ninguém poderia dizer que, alguns minutos antes, ela parecera totalmente arrasada.

– É claro que sim – respondeu ela, deslizando sobre o banco para abrir espaço para ele. – Mickey e eu só estávamos conversando.

capítulo 25

COMO VOCÊ PODE IMAGINAR, tio Myron me encheu de perguntas. Apesar do que Angelica Wyatt havia dito, eu ainda não confiava nele. Sabia que deveria confiar. Sabia que na hora do aperto tinha telefonado para ele para pedir ajuda. Mas tanto dona Morcega quanto Cabeça Raspada me alertaram a não contar nada para Myron.

Houve um momento em que fraquejei e quase contei tudo. Só que Myron, sem querer, me deu outro motivo para mantê-lo no escuro.

– Seu pai entrou naquela casa quando era criança – lembrou-me Myron. – Ele nunca me contou o que viu.

Bem lembrado. Se meu pai nunca contou para tio Myron, bem, eu também não contaria.

Por fim, Myron ergueu as mãos em sinal de rendição e voltou para a sala de estar. Eu me perguntei como deveria agir. Não podia apenas deixar aquilo pra lá, porque a verdade era que precisava do meu tio. Aproximei-me dele e me sentei no sofá. Alguns anos atrás, Myron tinha comprado dos meus avós a casa onde passara a infância. Isso significava que ele e meu pai haviam sido criados ali e, sim, isso era um pouco estranho. Os dois irmãos tinham passado horas naquele cômodo vendo televisão. Era difícil imaginar a cena.

Eu não estava certo de como tocar no assunto, então comecei pelo território familiar que sabia que o interessaria.

– Fui bem nos testes hoje.

– Foi? – Como previ, isso despertou sua atenção. – Você treinou com os juvenis?

Assenti.

– Mas o treinador Grady disse que quer falar comigo amanhã.

Myron sorriu.

– Acha que ele quer colocá-lo no time principal?

– Não sei – respondi, embora suspeitasse justamente disso. Tio Myron também.

– Mas você jogou bem?

– Acho que sim.

– Isso é ótimo.

Silêncio. Ok, já bastava de aquecimento.

– Preciso pedir um favor a você – comecei. – Sei que vai parecer loucura, mas preciso que confie em mim.

Myron se endireitou e se inclinou para frente.

– O que é?

– Eu quero... quero exumar o corpo do meu pai.

Minhas palavras o atingiram como um tapa.

– O quê?

Pensei em voltar atrás. Puxa, eu devia ter pensado melhor nisso.

– Quero que o corpo dele seja trazido para cá – menti. – Para que seja enterrado mais perto de

nós.

Myron me encarou.

– É sério?

– Sim, é claro.

– O que mais, Mickey?

– Nada.

– O que mais, Mickey? – A voz de Myron foi mais firme.

Como explicar?

– Eu nunca o vi – respondi lentamente. – Eu... eu preciso saber que é ele que está naquele caixão.

Myron esperou um segundo. Quando falou de novo, sua voz estava mais suave:

– Quer dizer, como se precisasse pôr uma pedra sobre isso?

– É. Pôr uma pedra sobre isso.

– Não acho que ver o corpo dele agora vai ajudar.

– Myron, me escute, está bem? Apenas... me escute.

Myron esperou.

– Preciso saber que é o meu pai que está naquele caixão.

Ele pareceu confuso.

– Como assim?

Fechei os olhos.

– Pedi para você confiar em mim. Por favor.

Myron examinou meu rosto por alguns instantes. Encarei-o, resoluto. Esperei por mais perguntas, mas ele me surpreendeu:

– Está bem. Vou me informar sobre o protocolo legal amanhã.

capítulo 26

DE REPENTE PERCEBI QUE ESTAVA exausto e faminto. Tio Myron pediu comida chinesa suficiente para doze pessoas. Tentei comer em silêncio, mas Myron teve que me lembrar, como sempre, que aquele era o restaurante chinês favorito do meu pai e que ele gostava especialmente do camarão com molho de lagosta.

Quando terminei de comer, pensei em telefonar para Ema e deixá-la a par do que acontecera, mas era tarde e eu estava muito cansado. Aquilo podia esperar. Depois de saber dos boatos que Colherada ouvira sobre a vida familiar de Ema, eu queria continuar mantendo contato com ela, mas temia que isso pudesse lhe causar algum tipo de problema.

Chegou uma mensagem de Rachel: **ainda vamos nos encontrar amanhã depois da escola?**

Eu: **sim. como vc tá?**

Rachel: **bem. tenho que ir. amanhã.**

Quando o sinal da escola tocou, às 8h30 da manhã seguinte, eu estava de volta à minha sala. Era engraçado como a escola podia suavizar tudo, mesmo aquilo pelo que eu estava passando. Dentro daquele prédio de tijolos aparentes, a vida parecia normal. A escola era entediante, mas também um refúgio. O resto da minha vida podia estar desabando, porém ali tudo era maravilhosamente comum e até mesmo banal.

Em geral, eu almoçava com Ema e Colherada, mas hoje eu deveria me encontrar com o treinador Grady. Parte de mim ficou aliviada por poder evitá-los. Não me entenda mal. Eu confiava nos dois e eles mereciam saber de toda a verdade, mas Rachel tinha me pedido para não dizer nada sobre encontrá-la depois da escola. Eu não podia ignorar isso, certo?

Em suma, a melhor solução poderia ser também a mais covarde: evitá-los.

A caminho da sala do técnico, passei por um local familiar e senti uma estranha saudade. Era o armário de Ashley. Ashley meio que tinha sido minha namorada antes de desaparecer. O Abrigo Abeona – isto é, Ema, Colherada, Rachel e eu – a salvou, eu acho. Na última vez em que a vi, ela se despediu de mim com um aceno e foi embora em uma van dirigida por outro membro do Abeona.

Agora, apenas alguns dias depois, não havia mais sinal algum de Ashley. Seu armário tinha uma fechadura nova. Imaginei que outra garota havia entrado para a escola e ocupado o espaço dela. Ashley se fora como se nunca tivesse estado ali. Gostaria de saber seu paradeiro agora. Eu me perguntei se ela estava bem.

Bati na porta do treinador Grady.

– Entre.

Normalmente, as pessoas não queriam estar naquela sala. O Sr. Grady também era o vice-diretor encarregado da disciplina. Se você fosse chamado para lá, em geral era para levar uma detenção ou ser suspenso.

O Sr. Grady me olhou por sobre os óculos de leitura em forma de meia-lua.

– Feche a porta – pediu.

Obedeci. Ele me convidou a sentar. Passei os olhos pela sala. Não havia nenhum retrato de

família, troféus ou fotos de antigos times de basquete – nada pessoal.

– Então – disse ele, entrelaçando as mãos e repousando-as sobre a mesa –, como você se sentiu em relação aos testes de ontem?

Eu não sabia ao certo como responder.

– Foram divertidos.

– Você claramente joga basquete há muito tempo.

– Sim.

– Você viajou muito pelo mundo quando era mais novo, não é?

Assenti.

– Passei muito tempo no exterior e joguei em muitos times.

– Certo.

– Qual foi o maior tempo que jogou com o mesmo grupo de garotos?

– Dois meses.

Ele fez uma careta, como se esperasse essa resposta.

– Esse foi um dos motivos de termos voltado para os Estados Unidos – expliquei. – Sabe, meu pai queria que eu tivesse a experiência de me instalar, permanecer no mesmo lugar e jogar em um verdadeiro time do ensino médio.

– Como... ah, não sei, os seniores?

Fiquei em silêncio.

– Esse grupo de garotos joga basquete junto desde a quinta série. Eles venceram juntos em todos os níveis e agora, bem, isso é com eles. No ano que vem todos seguirão seus caminhos.

Não havia nada a acrescentar, então fiquei calado.

– Também lhe expliquei recentemente que não gosto de ter calouros ou alunos do segundo ano no time principal. Nas dezenas de anos em que sou o treinador aqui, ainda não vi nenhum segundanista no time principal, e este ano, com cinco jogadores do time do ano passado voltando...

Ele parou de falar. A conversa não estava seguindo o rumo que eu esperava.

– Bom, vi seu tio jogar quando ele estava aqui. Sei que ele foi um talento único em sua geração. Depois de observar você ontem, acho que você também pode ser. Ainda não sei. Não quero me precipitar. Mas meu trabalho como treinador deve ser justo e dar a todos uma chance. Se o que vi ontem foi um golpe de sorte ou caso a competição não tenha sido tão boa, bem, nós descobriremos. Por enquanto, não vejo por que não lhe dar pelo menos uma chance de tentar entrar para o time principal.

Tive vontade de socar o ar e gritar “UHUL!”, mas consegui manter minhas emoções sob controle.

– Obrigado, treinador.

– Não me agradeça. Você merecerá isso ou não. – Ele voltou a olhar para baixo e começou a escrever. – Os testes para o time principal serão às quatro e meia. Até lá.

Levantei-me e caminhei na direção da porta.

– Mickey?

Virei-me.

– Sei que você já teve problemas com alguns dos seniores. Garotos como Troy e Buck.

– Sim, senhor.

– Eles são um grupo muito fechado... Troy, Buck, Brandon, Alec. Não vão ficar felizes com essa mudança. Se você entrar para o time, tirará o lugar de um dos amigos deles.

Dei de ombros.

– Não posso fazer muita coisa.

– Pode, sim, Mickey. Precisamos de coesão para sermos bem-sucedidos na quadra. Tente se lembrar disso. Seja superior.

capítulo 27

QUANDO CHEGUEI AO REFEITÓRIO, a Sra. Owens, a professora de quem eu menos gostava (um modo gentil de dizer que eu não gostava dela ou até mesmo a detestava) me olhou de cara feia.

– Você tinha permissão para estar fora da sala de aula? – questionou.

Eu entreguei o papel para ela. A Sra. Owens o examinou como se eu fosse um terrorista portando um passaporte falso. Depois de um bom tempo, ela relutantemente me deixou entrar. Dirigi-me à mesa de sempre. Colherada e Ema já estavam lá, embora houvesse duas cadeiras entre eles.

– Onde você estava? – perguntou Ema.

– O Sr. Grady queria me ver.

– Você está encrocado? – indagou Colherada.

– Não. Justamente o contrário.

Enquanto eu falava sobre o teste para o time principal, avistei Troy e Buck. Eles haviam trocado de mesa e agora estavam sentados apenas com garotos – mais especificamente, garotos do time principal de basquete. Perguntei-me se sabiam que eu me juntaria a eles no teste. Meus olhos se fixaram naquela mesa por um tempo um pouco longo demais.

– Seus futuros companheiros de equipe – declarou Colherada.

– É.

– Você conhece Buck e Troy, é claro. E os outros?

– Não.

– Bem, Troy é o capitão. O outro é Brandon Foley. Ele está na ponta da mesa. É o jogador mais alto do time. Tem mais de 2 metros.

Eu já vira Brandon nos corredores, e frequentemente ouvia a voz dele nas chamadas de manhã.

– Ele é presidente do grêmio estudantil – informou Colherada.

– E – acrescentou Ema – o melhor amigo de Troy. Eles moram na mesma rua desde que nasceram e começaram a jogar juntos quando usavam fraldas, o que no caso deles pode ter sido no ano passado.

Excelente.

Brandon se virou e me viu observando a mesa. Esperei o olhar zombeteiro de praxe, mas não foi o que aconteceu. Ele certificou-se de que eu estava olhando para ele e então fez um sinal afirmativo com a cabeça de um modo gentil e quase de apoio.

Troy estava sentado perto dele. Voltou-se para ver o que o amigo fitava e eu desviei rapidamente o olhar.

– Você está bem? – perguntou Ema.

– Sim, mas tenho notícias realmente importantes.

Contei-lhes sobre o incêndio na casa de dona Morcega. Eles me ouviram boquiabertos. Quando mencionei as fotografias no corredor, Colherada falou pela primeira vez:

– É óbvio – disse ele.

– O quê?

– Essas fotos. Era uma galeria das crianças que o Abrigo Abeona salvou.

Falei sobre como havia sido algemado e como tio Myron apareceu e Angelica Wyatt me salvou. Ema pareceu irritada com isso.

– Espere, como seu tio conhece Angelica Wyatt?

– Ela é tão quente que solta fumaça – acrescentou Colherada.

Nós olhamos para ele.

– Estou falando sobre Angelica Wyatt – explicou Colherada.

– É – retrucou Ema –, nós entendemos. – Ela se virou de novo para mim. – Então?

– Eu não sei. Myron é segurança dela ou algo do gênero.

– Achei que ele era um agente esportivo.

– Ele é. Também não entendo, mas Angelica Wyatt conhece minha mãe.

– Do que você está falando? – Havia uma rispidez na voz de Ema agora. – Como ela poderia conhecer sua mãe?

– Elas eram celebridades muito amigas quando jovens. Minha mãe era uma grande estrela do tênis e Angelica, uma atriz iniciante. Acho que elas saíam juntas. Que diferença isso faz?

Ema apenas franziu a testa.

– Estou pensando em uma coisa – disse Colherada.

Ema lhe lançou um olhar de desaprovação.

– Mal posso esperar para ouvir.

– Esse cara louro. Vamos chamá-lo de Carniceiro, está bem?

– O que tem ele?

Colherada empurrou os óculos para cima.

– Ele tentou matar você. Não faz sentido que também tenha tentado matar Rachel?

Silêncio.

– E nesse caso, talvez, apenas talvez, não poderia estar tentando matar todos nós?

Mais silêncio.

– Detesto admitir – declarou Ema –, mas Colherada tem razão.

– Obrigado. Sabe, não sou apenas um colírio para os olhos das mulheres.

– Precisamos tomar um cuidado extra – afirmei.

– Alguém teve notícias de Rachel desde que entramos naquele hospital? – perguntou Colherada.

Então ali estávamos nós. Eu podia mentir para eles ou trair a confiança de Rachel. Tentei um meio-termo.

– Eu tive – respondi, e por sorte o sinal tocou. – Mas por enquanto não posso contar mais nada.

– Como assim? – perguntou Ema.

– É – concordou Colherada. – Não estamos nisso juntos?

– Apenas... apenas confiem em mim. – Lembrei-me da minha programação: visita a Rachel, testes de basquete. Hum. Os dois ainda estavam olhando para mim, esperando saber mais. – Que tal nos encontrarmos depois dos testes? Então acho que poderei lhes contar mais.

capítulo 28

QUANDO O SINAL DA SAÍDA TOCOU, peguei minha mochila e me preparei para caminhar até a casa de Rachel. Estava fechando o armário quando ouvi a Sra. Friedman dizer:

– Sr. Bolitar? Podemos trocar uma palavrinha, por favor?

Alguns garotos por perto exclamaram “Uuuu, se ferrou”.

Quanta maturidade, não é?

Depois que entrei na sala de aula da Sra. Friedman, ela fechou a porta atrás de nós.

– Descobri algo que você poderia achar interessante – começou.

– É?

– Tenho uma colega que trabalha no Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, em Washington. Você já foi lá?

– Não, senhora.

O rosto dela pareceu muito triste.

– Deveria ir. Todos deveriam. É horrível, porém muito necessário. Você entra naquele museu e sai outra pessoa. Se você tiver uma consciência. Enfim, falei com minha colega e lhe perguntei sobre Hans Zeidner, o Carniceiro de Lodz.

Esperei que ela dissesse mais. Como ela não continuou, falei:

– Obrigado.

A Sra. Friedman cravou os olhos em mim.

– Quer me contar por que está tão interessado nesse assunto?

Quase contei. Pensei em tudo o que eu sabia, em dona Morcega ser Lizzy Sobek e morar tão perto de nós. Pensei no Carniceiro, no meu pai e no incêndio. Mas, no fim das contas, soube que não deveria nem poderia contar.

– Não posso – respondi. – Pelo menos ainda não.

Ao contrário do que imaginei, a Sra. Friedman não fez mais perguntas. Ela abriu a gaveta de sua escrivaninha e disse:

– Aqui.

Havia uma fotografia em sua mão. Eu a peguei. Era outra foto em preto e branco de um homem usando um uniforme da Waffen-SS. O homem na imagem tinha cabelos escuros e um bigode fino. Seu nariz era pontudo e parecido com o focinho de um rato. Seus olhos eram duas bolas de gude pretas.

– Obrigado – agradei, erguendo os olhos para ela. – Quem é este?

A Sra. Friedman fez uma careta.

– Como assim?

– O homem na fotografia. Quem é?

– Quem você acha que é? – replicou ela. – É Hans Zeidner. O Carniceiro de Lodz.

capítulo 29

A NAVALHA DE OCCAM.

Meu pai frequentemente repetia isso para mim. O princípio da navalha de Occam afirma o seguinte: “Se em tudo o mais forem idênticas as várias explicações de um fenômeno, a mais simples é a melhor.” Resumindo: a resposta mais simples é a melhor.

Então por que eu nem mesmo havia considerado a simples possibilidade de a fotografia de dona Morcega ter sido manipulada?

Enquanto eu caminhava para a casa de Rachel, eu sentia raiva de dona Morcega e de mim mesmo – principalmente de mim mesmo. Como eu podia ser tão crédulo? Nesta época em que qualquer idiota com um computador pode alterar uma imagem, por que eu havia me apressado a chegar à conclusão de que um nazista da Segunda Guerra Mundial não envelhecera nem um dia em quase setenta anos e agora trabalhava como paramédico em San Diego?

Que tipo de ingênuo estúpido eu sou?

O paramédico louro com olhos verdes não era o Carniceiro de Lodz. Não tinha 90 anos. Não era o mesmo homem que havia torturado e matado um grande número de pessoas na Polônia, na década de 1940, inclusive o pai de Lizzy Sobek. Ema simplesmente usara Photoshop no rosto do homem para tornar a fotografia atual e a enviar para San Diego, certo? Por que alguém não poderia fazer o oposto – pegar a foto de um homem na casa dos 30 e sobrepô-la a uma velha imagem em preto e branco?

Alguém – muito provavelmente dona Morcega ou Cabeça Raspada – me enganara com uma simples foto adulterada.

Por quê? E o que eu poderia fazer a respeito?

Isso teria que esperar. Naquele momento, eu precisava me concentrar em Rachel. Quando cheguei perto do terreno da casa dela, avistei uma viatura saindo. Escondi-me atrás de uma árvore. O chefe Taylor estava no banco do motorista. Não havia ninguém com ele. Quando passou por mim, parecia distraído e... assustado?

Eu não sabia o que concluir. Esperei o carro sair do meu campo de visão antes de me aproximar. O portão de entrada tinha se fechado depois que o chefe Taylor saiu. Apertei uma tecla no interfone e ergui os olhos para a câmera.

– Vou abrir para você – avisou Rachel.

Ela estava me esperando à porta da frente. Se não fosse pela atadura na lateral de sua cabeça, não daria para saber que tinha levado um tiro. É claro que a bala não havia penetrado na pele, só passado de raspão pelo couro cabeludo, mas de algum modo isso tornava tudo mais perturbador. Talvez um centímetro, não mais, havia sido a diferença entre ferimentos leves e a morte.

Esse pensamento me fez querer abraçá-la, mas aquilo não me pareceu certo.

– Fico muito feliz em ver que você está bem – falei.

Rachel deu um sorriso contido e beijou meu rosto. Usava uma blusa de manga curta que deixava visível a marca de queimadura. Sempre tive vontade de lhe perguntar como se queimara, porque

aquilo ainda parecia doloroso, mas não era o momento. Seus olhos vermelhos me disseram que ela tinha chorado recentemente, talvez muito.

- Sinto muito por sua mãe.
- Obrigada.
- Acabei de ver o chefe Taylor sair.

Rachel fez que sim com a cabeça e franziu a testa.

- O que ele queria? – perguntei.
- Eu não sei. Ele tem falado muito com meu pai. Sempre que me aproximo deles, dizem que não é nada. Ah, e o chefe Taylor fica me perguntando do que eu me lembro.

O mesmo que fizera no hospital.

- Acredito que isso seja normal. Ele está investigando o que aconteceu.
- Acho que sim – concordou Rachel. Mas não pareceu convencida. – É só que isso é estranho.
- Estranho como?
- Ele parece tenso com alguma coisa.

Rachel encolheu os ombros e me conduziu pelo corredor. Nós paramos em uma porta aberta isolada por uma fita amarela de cena de crime. Dava para ver claramente que fora ali que tudo tinha acontecido. Ainda havia sangue no chão. Aproximei-me de Rachel. Ela começou a tremer. Coloquei meu braço ao seu redor e a puxei na minha direção.

- Por que não vamos para outro lugar? – perguntei da forma mais gentil possível.
- Não, tudo bem. Eu queria lhe mostrar isso.

A casa estava em silêncio.

- Quem está em casa com você? – indaguei.
- Ninguém.

Aquilo me surpreendeu.

- Onde estão seu pai e sua madrasta?
- Minha madrasta precisava de férias, felizmente. Ela está em um spa no Arizona. Meu pai está no trabalho. – Quando Rachel viu o olhar preocupado em meu rosto, fez um gesto com a mão como se dissesse “deixa pra lá”. – Acredite, é melhor assim.

Por um momento, nós dois apenas olhamos para o sangue no chão. Os olhos de Rachel se encheram mais uma vez de lágrimas. Sem saber o que dizer, perguntei:

- Quer me contar o que aconteceu?
- Eu causei a morte da minha mãe. Simples assim.

Agora eu *realmente* não sabia o que dizer. Voltei a falar, devagar e com cautela.

- Não vejo como isso pode ser verdade.
- Eu a fiz vir aqui. Coloquei minha mãe bem no fogo cruzado.
- Que fogo cruzado?

Rachel balançou a cabeça de um lado para o outro.

- Isso não importa mais.
- É claro que importa. Alguém tentou matar você, e na noite passada... – Eu me interrompi.
- Na noite passada o quê?
- Na noite passada, alguém tentou me matar.

O corpo dela se retesou.

– Do que você está falando?

Eu lhe contei sobre o Carniceiro e o incêndio na casa de dona Morcega. Rachel ficou imóvel, chocada.

– Ela está bem?

– Dona Morcega? Não sei. Não a vi.

– Não entendo.

Olhamos na direção do cômodo.

– Conte-me o que aconteceu – pedi.

– Não me lembro de tudo.

– Conte-me o que você lembra.

Virei-me para Rachel. A luz estava fraca, projetando uma sombra em seu rosto adorável. Desejei muito estender a mão, tocar em seu rosto e puxá-la para perto. Não fiz isso. Fiquei ali e esperei.

– Tenho que retroceder um pouco – disse Rachel. – Primeiro preciso explicar por que minha mãe estava aqui.

– Ok, sem pressa.

– Bem, na verdade, tem pressa, sim. – Ela quase sorriu. – Você não tem testes?

– Tenho tempo.

Rachel fitou a mancha de sangue no tapete.

– Eu fiquei zangada com minha mãe durante muito tempo. Achava que ela havia me abandonado.

Também olhei para o sangue.

– Minha mãe nos deixou quando eu tinha 10 anos. Meu pai me disse que ela continuava a me amar, mas que precisava “descansar”. – Rachel fez um sinal de aspas com os dedos. – Eu não sabia o que isso significava. Quero dizer, de certo modo ainda não sei. Só sabia que ela havia me abandonado. Meus pais se divorciaram e não vi minha mãe por três anos.

– Três anos? Nossa!

– Eu nem mesmo sabia onde ela estava.

Refleti sobre isso.

– No outro dia você me contou que sua mãe morava na Flórida.

– Isso não era totalmente verdade. Quero dizer, ela ficava na Flórida, pelo menos parte do tempo... – Rachel parou e balançou a cabeça. – Não estou contando direito.

– Tudo bem. Não se apresse.

– Bem, então onde eu estava? No divórcio. Quando voltei a ver minha mãe, eu tinha 13 anos. Um dia ela apareceu na saída da escola. Aquilo foi surreal, sabe? Ela estava em pé ali com as outras mães, sorrindo como... uma pessoa louca. Tinha uma aparência horrível. Usava batom vermelho em excesso e estava toda descabelada. Queria me levar de carro para casa, mas fiquei com medo dela. Telefonei para meu pai. Quando ele apareceu, houve uma cena horrível. Minha mãe ficou furiosa. Começou a gritar com meu pai, dizendo que ele a havia trancafiado e que sabia a verdade sobre ele.

A temperatura ambiente pareceu ter caído dez graus.

– O que aconteceu depois? – perguntei.

– Meu pai ficou quieto. Apenas continuou ali e a deixou berrar até que a polícia chegou. Foi terrível. Ela estava com o batom todo borrado, os olhos arregalados... como se nem mesmo pudesse me ver. Mais tarde, depois que ela foi embora, meu pai explicou que minha mãe não fugira simplesmente, mas havia tido um esgotamento nervoso. Disse que ela sempre sofreu de problemas mentais, mas quando fiz 10 anos se tornou maníaca e até mesmo perigosa. Falou que ela tinha passado os últimos três anos entrando e saindo de hospitais.

– Quando você diz perigosa...?

– Não sei o que meu pai quis dizer – apressou-se a responder Rachel. – Ele falou que minha mãe estava descontrolada. Falou que precisou obter uma ordem judicial para ela ser internada e receber tratamento. Fiquei muito confusa. Estava zangada, assustada e triste. Quero dizer, de certo modo aquilo fazia sentido... – Rachel balançou a cabeça. – Isso não vem ao caso. Só pensei: bem, minha mãe é louca. Meu pai, ele se esforça, eu acho, mas está distante. Aquilo não importava. Eu tinha meus amigos e a escola.

Rachel enfim tirou os olhos da mancha de sangue.

– Duas semanas atrás, deixaram minha mãe sair de novo. A essa altura havia todos os tipos de ordens judiciais para ela se manter longe de nós. Não podia me visitar sem a presença de uma assistente social, coisas desse tipo. Mas eu queria vê-la. Então, quando ela telefonou, nós nos encontramos em segredo. Não contei ao meu pai. Não contei a ninguém. – Rachel ergueu os olhos e um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. – Quando nos encontramos pela primeira vez, minha mãe me abraçou e, não sei, isso vai parecer estranho, mas voltei a ser uma criança feliz. Você entende o que eu estou falando?

Pensei no modo como minha própria mãe me abraçou.

– Sim.

– Percebi uma coisa: ninguém mais me abraçava. Não é estranho? Meu pai, bem, isso se tornou embaraçoso quando fiquei mais velha e os garotos nunca queriam apenas abraçar assim, se é que você me entende.

Eu gostaria de não saber. Assenti, sentindo um nó na garganta. Pensei em Troy e percebi o quanto aquilo era incrivelmente egoísta, por isso me forcei a parar.

– Então foi bom ver sua mãe – incentivei-a a continuar.

– Durante alguns dias, foi ótimo. E então algo deu errado.

– O quê?

– Minha mãe começou a endoidar de novo, disse que meu pai era um homem diabólico, que havia mentido sobre ela, a envenenado e dito a todo mundo que ela era louca só para se proteger. Ficou paranoica e começou a me perguntar se meu pai sabia que nós estávamos nos encontrando. Tentei tranquilizá-la, mas ela só ficava dizendo que ele a mataria se descobrisse.

Silêncio.

– O que você fez?

Rachel deu de ombros.

– Tentei acalmá-la. Perguntei sobre seus remédios. De certo modo eu não estava surpresa. Já tinha visto isso antes. Talvez eu também me culpasse.

– Por quê?

– Era como se eu achasse que, se tivesse sido uma filha melhor, talvez...

– Você sabe que esse não é o caso.

– Eu sei. Quero dizer, meu pai me explicou isso uma centena de vezes. Ela estava doente. Isso não era culpa minha ou dele, nem dela. Do mesmo jeito que a mãe de Cynthia Cooper teve câncer, a minha teve uma doença que atacava o cérebro. Ela não pôde evitar.

Pensei em minha própria mãe em uma clínica de reabilitação. Disseram-me o mesmo, que o vício dela em drogas era uma doença. Os especialistas falaram que não era uma questão de força de vontade e eu não deveria levar para o lado pessoal. Mas não importava quanto eu dissesse isso para mim mesmo, quanto ainda a amava e entendia o que acontecera com ela, uma parte de mim sempre achava que no fim das contas minha mãe preferira as drogas ao seu filho.

– Então eu olhei para aquela mulher que havia me criado, a última pessoa a demonstrar uma verdadeira ternura por mim, e de repente comecei a me perguntar algo estranho, algo que nunca havia considerado.

– O quê? – perguntei.

Rachel se virou para mim e vi que seus olhos estavam secos e límpidos.

– E se minha mãe não fosse louca? E se ela estivesse dizendo a verdade?

Fiquei em silêncio.

– E se meu pai *realmente* tivesse feito algo contra ela?

– Como o quê?

– Não sei. Ela continuava a falar que sabia algo de ruim sobre ele. E se estivesse dizendo a verdade? Meu pai não só a internou em um hospital para doentes mentais como se divorciou e casou de novo. Explicou para mim que, anos atrás, deixou de haver amor entre eles, que ele merecia ser feliz e tudo o mais. Ainda assim, era necessário trancafiá-la? Não podia ter encontrado outro jeito? Ela era minha mãe, a única mulher que havia me amado. Eu não deveria lhe dar pelo menos o benefício da dúvida? Se não acreditasse nela, em quem mais acreditaria?

– Então o que você fez?

Uma lágrima escapou de seu olho.

– Comecei a prestar mais atenção em meu pai.

– Como assim?

Ela balançou a cabeça.

– Isso não importa.

– O quê?

– A polícia diz que foi um invasor, talvez dois. Arrombadores ou algo assim. Veja bem, meu pai ia passar a noite fora, por isso chamei minha mãe para dormir na casa comigo. Ele teria ficado furioso se soubesse. Eu estava no quarto. Minha mãe estava aqui embaixo, vendo televisão. Era tarde. Eu estava falando ao telefone com você quando ouvi vozes. Achei que meu pai tivesse voltado para casa. Desci a escada. Fiz uma curva...

– E...?

Rachel encolheu os ombros.

– Não me lembro de mais nada. Acordei no hospital.

– Você disse que ouviu vozes?

– Sim.

– Mais de uma?

– Sim.

– De homem, mulher?

– De ambos. Uma era da minha mãe.

– E as outras?

– Eu disse para a polícia que não as reconheci.

– Mas?

– Não sei. Uma delas parecia... ser do meu pai.

Silêncio.

– Mas seu pai nunca atiraria em você – argumentei.

Ela não respondeu.

– Rachel?

– É claro que não.

– Você disse que começou a prestar mais atenção em seu pai. Para ver se sua mãe dizia a verdade.

Descobriu alguma coisa?

– Isso não importa. A polícia disse que foi um invasor. Provavelmente apenas imaginei a voz do meu pai.

Mas agora eu podia sentir a incerteza em sua voz.

– Espere aí. No hospital, por que o chefe Taylor pediu para você não falar nada para a investigadora Dunleavy?

– Eu não sei.

Comecei a pressioná-la.

– E por que havia aquela borboleta na sua porta?

– Por que você acha?

Apenas olhei para ela.

– Você está trabalhando para o Abeona.

Rachel ficou calada.

– Como eu pude ser tão estúpido? – Quase dei um tapa na minha cabeça. – Não foi por acaso que você ajudou Ashley. Você sabia por que ela estava se escondendo na nossa escola, não é?

Mais uma vez, ela não respondeu.

– Rachel, depois de tudo por que nós passamos, você ainda não confia em mim?

– Eu confio em você – afirmou ela em um tom ríspido – como você confia em mim.

– O que você quer dizer?

– Vai me dizer que me contou tudo? Vai me dizer que confia em mim tanto quanto em Ema?

– Ema? O que ela tem a ver com isso?

– Em quem você confia mais, Mickey? Em mim ou em Ema?

– Isso não é uma competição.

– É claro que não – retrucou ela, sua voz cheia de sarcasmo. – Certo. – Rachel balançou a cabeça.

– Falando em estupidez, eu não devia ter lhe contado nada.

– Rachel, me escute. – Coloquei as mãos em seus ombros e a virei de frente para mim. – Quero ajudá-la.

– Não quero a sua ajuda.

Ela se afastou de mim.

– Mas...

– O que está acontecendo aqui?

Olhei por cima do meu ombro. Um homem de terno estava ali, com o punho cerrado.

– Pai? – falou Rachel.

Quando me virei na direção do pai de Rachel para me apresentar, ele enfiou a mão na jaqueta e sacou uma arma. Apontou-a diretamente para meu peito.

Epa.

– Quem é você?

Meus joelhos ficaram moles como borracha. Ergui as mãos. Rachel se pôs na minha frente e exclamou:

– O que você está fazendo? Ele é meu amigo!

– Quem é ele?

– Eu já disse. É meu amigo. Abaixei isso!

O pai dela me olhou de alto a baixo, com aquela arma apontada. Eu não sabia o que fazer. Fiquei ali com as mãos no ar, tentando não tremer. Rachel estava bloqueando meu caminho. Mesmo em pânico, senti-me acovardado. Queria tirá-la da minha frente, mas também temia fazer movimentos bruscos.

Enfim, o Sr. Caldwell abaixou a arma.

– Desculpe. Acho... acho que ainda estou tenso.

– Desde quando você carrega uma arma? – perguntou Rachel.

– Desde que minha filha e minha ex-esposa foram baleadas aqui em casa. – O Sr. Caldwell olhou para mim. – Sinto muito... – Ele parou, como se tentasse lembrar meu nome.

– Mickey – apresentei-me. – Mickey Bolitar.

– Rachel, não me recorde de você mencionar algum Mickey.

– Ele é um novo amigo – explicou Rachel.

Senti uma irritação no tom dela. O Sr. Caldwell também. Pensei que ele fosse perguntar algo mais, mas, em vez disso, se virou para mim.

– Mickey, sinto muito pela arma, de verdade. Como Rachel deve ter lhe dito, tivemos um incidente aqui.

Ele esperou que eu respondesse, mas não o fiz. Rachel deveria ter me dito? Eu não sabia, por isso não confirmei nem neguei que sabia do assassinato.

– Alguém invadiu nossa casa e atirou em minha filha e na mãe dela – contou ele. – Rachel acabou de receber alta do hospital e eu ordenei para não deixar ninguém entrar na casa, por isso quando vi vocês dois discutindo...

– Eu entendo – falei.

Eu não sabia ao certo se entendia. O homem tinha uma arma. Ele a havia sacado e apontado para mim. Eu estava tendo dificuldade em concatenar meus pensamentos.

– Você precisa ir agora – lembrou Rachel. – Sei que tem seus testes de basquete.

Assenti, mas não gostava da ideia de deixá-la sozinha com... seu pai? Examinei o rosto de Rachel, mas ela me deu as costas e se dirigiu à porta. Quando passei pelo Sr. Caldwell, ele me estendeu a mão. Eu a apertei. Ele a segurou com firmeza.

– Prazer em conhecê-lo, Mickey.

É, pensei, nada como apontar uma arma para alguém em seu primeiro encontro. Isso que é “prazer”.

– O prazer foi meu – respondi.

Rachel abriu a porta. Não disse adeus. Não disse que nos falaríamos depois. Fechou a porta atrás de mim, ficando sozinha lá dentro com o pai.

Eu havia começado a andar pelo meio da rua, perdido em meus pensamentos, quando ouvi um carro desacelerando ao se aproximar de mim. Vi dois caras assustadores me olhando de um modo hostil. O cara no banco do carona usava uma bandana e tinha uma longa cicatriz na bochecha direita. O motorista tinha óculos de aviador escondendo seus olhos. Senti cheiro de perigo. Engoli em seco e apressei o passo. O carro acelerou e me acompanhou.

Eu estava prestes a virar bruscamente para a calçada quando o cara com a cicatriz abaixou a janela.

– Aquela é a casa dos Caldwells? – perguntou.

Ele apontou para a residência. Eu não sabia o que dizer, mas achei que poderia confirmar, pois havia um portão de segurança. Assenti.

O cara com a cicatriz não se deu o trabalho de agradecer. O carro se dirigiu ao portão. Fiquei ali e observei, mas então Scarface se virou e me encarou de novo.

– Está olhando o quê?

Comecei a me afastar. De qualquer maneira, eles não passariam pelo portão.

Arrisquei-me a dar uma espiada e vi o portão se abrir. Scarface e seu amigo passaram por ele.

Não gostei disso. Não gostei nem um pouco.

O carro parou e os dois homens saltaram. Peguei meu telefone, pronto para discar 911 ou pelo menos ligar para Rachel. Preveni-la. Mas preveni-la do quê? Eles se dirigiram à porta. Sem raciocinar, comecei a correr na direção da casa dela, mas a porta da frente se abriu e vi o Sr. Caldwell sair. Ele sorriu e cumprimentou os homens. Claramente, eles se conheciam. Houve muitos sorrisos e tapinhas nas costas.

Então o Sr. Caldwell entrou no carro e todos foram embora juntos.

capítulo 30

MEIA HORA DEPOIS DE TER uma arma apontada para mim, eu estava no vestiário trocando de roupa para os testes do time principal. Mal podia esperar. Agora, mais do que nunca, precisava do maravilhoso escape que só encontrava na quadra de basquete. Enquanto amarrava os cadarços dos meus tênis de cano alto, senti o estômago embrulhar.

Eu estava nervoso.

Não que eu tivesse algum amigo na quadra no dia anterior, mas sabia que aqueles caras do time principal realmente me odiavam. Do outro lado do vestiário, pude ouvir um grupo de garotos, inclusive Troy e Buck, rindo. O som pareceu estranho aos meus ouvidos. Algum dia eu seria parte daquilo? Algum dia seria bem-vindo?

Era difícil imaginar isso.

Terminei de me vestir e respirei fundo. Para passar o tempo, enviei um torpedão para Rachel e mais uma vez quis saber se ela estava bem. Rachel garantiu que sim e que torcia por meu sucesso nos testes. Eu estava prestes a guardar meu telefone quando ele vibrou de novo. Achei que veria mais uma mensagem de Rachel, porém era Ema me desejando boa sorte.

Sorri. **obrigado.** Então acrescentei: **adivinha?**

Ema: **o quê?**

Eu: **a fotografia do velho nazista. usaram photoshop nela. não era o carnicheiro.**

Ema: **NÃO É POSSÍVEL!**

Um apito soou a distância. Expliquei rapidamente o que acontecera em mais um torpedão e depois guardei o celular. Estava na hora de ir para a quadra. Quando abri a porta do ginásio, foi como uma daquelas cenas de filme em que o cara entra em um bar e tudo fica em silêncio. Todas as bolas pararam de quicar. Os arremessos foram interrompidos. Tive a sensação de que todos os olhos estavam fixos em mim. Meu rosto ficou vermelho.

Com a cabeça abaixada, corri na direção da cesta livre no canto.

As bolas começaram a quicar de novo e a bater nos aros. Era com isso que eu sempre havia sonhado – ser parte de um time escolar – e acho que nunca me senti tão deslocado. Fui fazendo arremessos e pegando meus próprios rebotes. Desejei saber como Troy e Buck estavam reagindo à minha presença. Arrisquei um olhar de relance para eles.

Troy estava sorrindo para mim de um modo que não gostei.

– Bem, isso é estranho – disse alguém atrás de mim.

Virei-me na direção da voz. Era Brandon Foley, com seus mais de 2 metros. Ele era uma das poucas pessoas com quem eu só conseguia conversar erguendo a cabeça. Não havia muitas pessoas naquela escola para as quais eu tinha de erguer a cabeça para conversar, mas Brandon era uma delas.

– O quê? – perguntei.

– Troy parece feliz – comentou Brandon. – Achei que ele ia ficar furioso em ver você aqui.

Eu não soube como responder. Brandon estendeu a mão.

- Sou Brandon Foley.
- É, eu sei. Sou Mickey Bolitar.
- Bem-vindo.
- Obrigado.
- Troy não é tão ruim.

Mais uma vez, achei melhor não responder. Brandon fez um arremesso e encestou a bola. Atirei-a de volta para ele. Seguimos um bom ritmo e continuamos a arremessar. Não falamos muito. Não era preciso.

- Mickey?

Era Stashower.

- O treinador Grady quer que você vá à sala dele.

Stashower desapareceu. Olhei para Brandon. Ele encolheu os ombros.

- Provavelmente o treinador quer apresentá-lo para o time ou algo do tipo.
- É – concordei, esperando que ele estivesse certo. – Obrigado por fazer arremessos comigo.
- De nada.

Ao sair da quadra, vi Troy pelo canto do olho. O sorriso dele pareceu ainda maior.

Corri para a sala de Grady.

- Queria me ver, treinador?
- Sim, Mickey. Entre, feche a porta e se sente.

Fiz o que ele pediu. Grady usava calças de moletom cinza e uma camisa polo com o camelo de Kasselton. Por alguns instantes, ele permaneceu calado. Ficou com a cabeça abaixada, olhando para a escrivaninha.

- Você leu isto, Mickey?
- O quê, treinador?

Com um grande suspiro, Grady se levantou de sua cadeira. Veio até mim e me entregou o manual do estudante da Kasselton High School. Olhei para o livro e depois para ele.

- Você leu? – perguntou ele de novo.
- Dei uma olhada, eu acho.

Ele voltou a se sentar à escrivaninha.

- Leu a parte sobre conduta?
- Acho que sim.

– No ano passado, dois seniores do time de futebol americano foram pegos bebendo cerveja perto do campo. Foram suspensos por seis jogos. Um garoto do time de hóquei se meteu em uma briga em um cinema. Foi fora do espaço da escola, mas isso não importava. Ele foi expulso do time. Temos uma política de tolerância zero. Você entende isso, não é?

Assenti lentamente. Pensei no sorriso de Troy. Agora eu entendia o que significava.

- Você foi preso na noite passada, não foi, Mickey?
- Mas eu não fiz nada.

– Isto não é um tribunal. Os garotos que foram pegos bebendo não foram levados a julgamento. Todas as acusações contra o jogador de hóquei que se meteu na briga foram retiradas. Aquilo não importou. Você entende isso, não é?

– Mas a prisão foi um mal-entendido.

– E seu pequeno atrito com Troy Taylor na semana passada?

Senti meu coração afundar.

– Nós já falamos sobre isso – repliquei, ouvindo o pânico em minha própria voz.

– Certo, e pude lhe dar o benefício da dúvida. Mas falei com o chefe Taylor hoje. Ele me contou que na semana passada você se envolveu em vários incidentes. Disse que você dirigiu um carro sem ter idade suficiente para possuir uma carteira de motorista. Que você usou uma identidade falsa para entrar em uma boate. Apenas uma dessas infrações já o faria ser expulso do time.

O medo apertou meu peito.

– Por favor, treinador Grady, posso explicar tudo.

– Você fez essas coisas ou o chefe Taylor está mentindo?

– Não é tão simples assim.

– Sinto muito, Mickey, mas estou de mãos atadas.

– Treinador. – Pude ouvir a súplica em minha voz. – Por favor, não...

– Você está fora do time.

Engoli em seco.

– Por quanto tempo?

– Por toda a temporada, filho. Sinto muito.

capítulo 31

TIVE QUE PASSAR PELO GINÁSIO para ir ao vestiário. Troy ainda estava sorrindo como um idiota e precisei de toda a minha força de vontade para não correr e lhe dar um soco. Sentia-me vazio. Como aquilo podia ter acontecido? O basquete era a minha vida. Meus pais deixaram o Abrigo Abeona e voltaram para os Estados Unidos só para eu ter uma chance de jogar basquete no ensino médio.

Agora isso, junto com tudo o mais na minha vida, se fora.

Ouvi uma risada e então Troy gritou em um tom zombeteiro:

– Nos vemos por aí, Mickey.

– É, nos vemos por aí, Mickey – repetiu Buck.

Senti minha raiva aumentar, mas sabia que esmurrar aqueles dois palhaços não iria ajudar. Naquele momento, só precisava ir para o mais longe possível dali. Troquei rapidamente de roupa e corri na direção da saída.

Foi um alívio chegar lá fora. Fechei os olhos com força e respirei o ar fresco. Sentia-me como se estivesse me afogando, perdido. Eu sei, eu sei, é apenas um esporte. Mas o basquete era mais do que isso para mim. Era o centro da vida, minha essência. Não me definia, porém era o que eu mais queria fazer. Vê-lo ser arrancado de mim dessa maneira – algo que sempre acontecia – fazia com que meu mundo voltasse a ser inseguro.

– Você chegou cedo.

Era Ema. Quando ela viu minha expressão, seus olhos se arregalaram de preocupação.

– O que aconteceu?

– Acabei de ser expulso do time.

Ema ficou sentada ao meu lado, me observando, enquanto eu lhe contava o que se passara. Quando a encarei – sim, sei como isso soará –, vi gentileza, bondade e muitas outras coisas boas. Seu olhar era quase... angelical. Tirei força deles.

Mais cedo, Rachel havia me acusado de não confiar nela tanto quanto em Ema. A verdade é um pouco mais complexa: eu confio em Ema mais do que em qualquer pessoa. Não escondi meus sentimentos dela. Não fingi que não me sentia irritado, amargo e arrasado. Não me importei com a impressão que isso pudesse causar. Apenas desabafei e Ema apenas me ouviu.

– Você tenta fazer a coisa certa – disse ela – e é assim que retribuem? Isso não é justo.

Ela me entendia. Simples assim. Havia outra coisa notável em Ema: ela era capaz, até mesmo agora, de fazer com que eu me sentisse melhor. Lembrei-me daquele momento terrível na boate, quando eu não sabia se ela ia morrer. Havia uma faca encostada em seu pescoço e nunca me senti tão impotente ou assustado.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

– Tudo vai ficar bem – consolou-me Ema. – Vamos encontrar uma saída. Tem que haver um modo de você voltar para o time...

Sem pensar, dei um abraço apertado nela. Por um momento, ela se retesou, mas enfim retribuiu.

Ficamos abraçados, ela com a cabeça em meu peito, sem que nenhum de nós se mexesse, quase como se temêssemos o que aconteceria depois que nos soltássemos.

– Ahn, o que vocês dois estão fazendo?

Era Colherada. Ema e eu nos afastamos na mesma hora.

– Nada – respondi.

Colherada olhou para mim, depois para Ema, e então para algum ponto entre nós dois.

– Estudos mostram que abraços podem curar a depressão, reduzir o estresse e melhorar o sistema imunológico.

Ele abriu os braços.

– Que tal um abraço coletivo?

– Não me faça dar um soco em você – retrucou Ema.

Colherada ficou parado de braços abertos.

– Isso vai fazer bem para a saúde.

Ema e eu nos entreolhamos. Encolhemos os ombros e demos um abraço em Colherada. Ele ficou feliz e eu me perguntei o quanto todos nós de repente parecíamos ansiar por contato físico.

– Eu faço isso com meus pais o tempo todo – falou Colherada. – É ótimo, não é?

Interpretamos isso como uma dica para nos soltarmos. Sentamos no meio-fio.

– Por que você não está nos treinos? – perguntou Colherada.

Ema fez “shhh” para ele, mas lhe expliquei rapidamente. Primeiro falei sobre a fotografia do Carniceiro de Lodz ter sido manipulada.

– Dã! – exclamou Colherada. – Nós de fato achávamos que ele era um nazista estranho que nunca tinha envelhecido?

Então eu lhe contei que tinha sido expulso do time. A reação de Colherada a essa notícia foi interessante. Em vez de sentir pena de mim, ele apenas ficou com o rosto vermelho de raiva por causa da injustiça. Era como se o garoto doce e ingênuo subitamente estivesse indo para um lugar sombrio. Ema mudou de assunto.

– Então, você foi visitar Rachel? – perguntou Ema.

– Sim.

– Ela está bem? – indagou Colherada.

– Os ferimentos foram apenas superficiais. Ela está com uma atadura na cabeça.

– Mas não no rosto? – Colherada pareceu aliviado. – Graças a Deus.

Ema lhe deu um soco no braço. Então ficamos sérios. Eu relatei cada detalhe da minha visita a Rachel. Quando terminei, Ema perguntou:

– O que você concluiu disso?

– Não sei bem. Primeiro a mãe de Rachel faz essas acusações malucas contra o pai dela...

– E acaba morta – completou Colherada.

Silêncio.

Ema se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

– Você disse que Rachel começou a acreditar na mãe dela, quero dizer, em relação ao pai?

Refleti sobre isso.

– Não sei se acreditou tanto. Acho que em algum momento ela concluiu que, se não ficasse do

lado da mãe, quem ficaria?

– Ok, então vamos pensar mais a respeito. A mãe de Rachel diz que o marido é um homem horrível que a trancafiou porque ela sabia de coisas ruins sobre ele, certo?

– Acho que sim.

Ema continuou a andar.

– Então Rachel quer dar à mãe o benefício da dúvida. O que ela naturalmente faria?

– Investigaria a acusação da mãe – respondi.

– Como?

– Investigando o pai... Minha voz sumiu. E foi quando entendi tudo.

Ema e Colherada viram minha expressão.

– O quê?

Tentei concatenar minhas ideias enquanto falava.

– Rachel tinha a borboleta *Abeona* na porta do quarto dela no hospital – comecei.

– E daí?

– Ela estava de algum modo trabalhando para eles.

– Tudo bem – falou Ema. – Já suspeitávamos disso. Qual é a novidade?

– Quando aquele cara com a cabeça raspada apareceu na manhã em que Rachel levou um tiro, a primeira coisa que me perguntou foi muito estranha.

– O que foi?

– Ele disse que sabia que Rachel e eu tínhamos nos tornado próximos...

Ema se mexeu um pouco, desconfortável, ao ouvir aquilo.

– Mas imediatamente começou a perguntar se Rachel tinha me dado algo.

– Como o quê? – indagou Colherada.

– Foi o que eu perguntei. Ele respondeu que um presente ou pacote. Quero dizer, Rachel acabara de levar um tiro. A mãe dela estava morta. Logo antes, eu falara com a polícia. E a primeira coisa que Cabeça Raspada pergunta é se Rachel me deu um presente ou pacote? Vocês não acham isso estranho?

Eles concordaram.

– Qual é sua teoria? – perguntou Ema.

– Suponham que Rachel tenha descoberto alguma coisa – respondi. – Não sei o quê. Algo ruim sobre o pai, uma prova de que a mãe dizia a verdade. Talvez ela o tenha colocado em um pacote ou algo assim e iria entregá-lo para o Abrigo Abeona.

– Mas levou um tiro antes de poder fazer isso – completou Ema.

– E a mãe dela, a mulher que fez a acusação, acaba morta – concluiu Colherada.

Silêncio.

– Devemos estar chegando perto – continuou Ema. – Por um lado, tudo isso faz sentido. Por outro, não. Rachel ainda está viva. Mesmo se ela não tiver mais esse presente ou pacote, sabe o que era.

– O que pode significar que ela ainda está em perigo – acrescentou Colherada.

– Estamos deixando escapar algo – comentei.

– O quê?

– Sei lá. Mas tem alguma coisa. O pai não atiraria nela. Pelo amor de Deus! Simplesmente não atiraria, nem mesmo para se proteger.

– Pode ter sido um acidente – arriscou Ema.

– Como?

– Talvez quando ele atirou na ex-esposa, atingiu Rachel sem querer.

Achei que aquilo fazia mais sentido, mas ainda não parecia se encaixar. Estávamos deixando passar algo. Eu não fazia ideia do quê. Conversamos um pouco mais enquanto o céu começava a escurecer. A certa altura, me dei conta de que os testes deviam estar terminando e de que todos os membros do time principal apareceriam. Eu não queria encontrá-los. Sugeri que déssemos a noite por encerrada.

Colherada consultou o relógio.

– Meu pai sai daqui a meia hora. Acho que vou ficar e pegar uma carona.

Ema e eu andamos sozinhos pela Kasselton Avenue. Atrás de nós, as portas pesadas do ginásio se abriram e os jogadores começaram a sair. Eles riam, com os cabelos molhados da chuva, e caminhavam um pouco inclinados para a frente, cansados do treino, mas alegres. Vê-los multiplicou por dez minha sensação de vazio.

– Vamos andar mais rápido – falou Ema.

Fizemos isso. Deixei-a ir na frente. Ela virou para a direita e depois para a esquerda, e eu soube aonde íamos. Minutos depois, estávamos no fim da rua de dona Morcega. A casa tinha vindo abaixo, consumida pelo fogo. Apenas algumas vigas permaneciam de pé. Depois de todos esses anos e todas as histórias para assustar crianças, a lendária casa assombrada de dona Morcega fora reduzida a cinzas. Oficiais do corpo de bombeiros se encontravam na frente, fazendo anotações em pranchetas. Pensei naquela velha vitrola, nos velhos discos de vinil do The Who, do HorsePower e dos Beatles. Pensei em todas aquelas fotografias – dona Morcega como uma hippie na década de 1960, Ashley em Kasselton High, o garoto com cabelos cacheados e olhar triste e todas aquelas crianças resgatadas.

Tudo ardera em chamas.

Então onde estava Lizzy Sobek, mais conhecida como dona Morcega? Onde estava Cabeça Raspada, vulgo Não Tenho a Menor Ideia de Qual é o Nome Dele? A propósito, onde estava o falso Carniceiro de Lodz, também chamado de Incendiário/Paramédico de San Diego?

Ema ficou parada ao meu lado.

– Você acha que acabou?

– O quê?

– O Abrigo Abeona. O Carniceiro o destruiu?

Pensei sobre isso.

– Eu não sei. Não acho que seja assim tão fácil destruir um grupo que existe há tanto tempo.

Movi-me um pouco para a esquerda, para poder olhar o bosque nos fundos.

– O que você está fazendo? – perguntou Ema.

– A garagem nos fundos. Está lembrada?

– Ah, sim. Por onde Cabeça Raspada entrava.

– E por onde ele me levou para dentro da casa, através de um túnel subterrâneo, para me

encontrar com dona Morcega. Havia corredores e outras portas.

O bosque era denso demais para permitir que se visse a garagem, ainda mais da distância em que nos encontrávamos. Devia ser intencional. Era para ficar escondida.

– Precisamos dar uma olhada – afirmei.

– No quê? Na garagem e nos túneis?

Assenti.

– Obviamente não podemos fazer isso agora. Talvez esta noite, quando o corpo de bombeiros não estiver aqui e ninguém puder nos ver.

Olhei para ela e algo voltou a me incomodar.

– O que foi? – perguntou Ema.

– Há algo de diferente em você.

Vi uma mancha escura no braço dela. Ema percebeu meu olhar e abaixou a manga.

– O que foi isso? – indaguei.

– Nada.

Mas continuei pensando nos boatos que Colherada me contara, sobre ela viver no bosque e o pai abusar dela.

– Isso foi... uma contusão?

– O quê? Não. – Ela se afastou, agarrando de novo a manga. – Tenho que ir.

– Não faça isso de novo, Ema.

– Estou bem, Mickey. De verdade.

– Então por que nunca me convida para ir à sua casa?

Em vez de me encarar, como normalmente fazia, ela fixou o olhar em uma árvore distante.

– Meus pais não gostam muito de companhia.

– Nem sei onde você mora.

– Que diferença isso faz? Olhe, tenho mesmo que ir para casa. Vamos nos falar por mensagem mais tarde. Se nós dois pudermos sair, voltamos aqui e tentamos encontrar aqueles túneis.

Ema começou a se afastar depressa. Quando chegou nos limites do bosque, olhou para trás, como se para se certificar de que eu não a seguia. Então desapareceu na vegetação densa. Eu não sabia ao certo o que fazer, por isso, como era do meu estilo, não fiz nada. Só fiquei parado como um idiota. Algo em meu subconsciente continuava a me incomodar. Comecei a vasculhar minhas memórias recentes, tentando descobrir o que era, quando percebi uma coisa.

Você conhece o jogo dos sete erros, certo? Fiz mais ou menos isso com as imagens de Ema. Fechei os olhos. Visualizei minha amiga alguns dias atrás. Visualizei-a hoje. O que era diferente e por que estava me incomodando?

Primeira diferença: a possível contusão no braço.

Eu realmente precisava de uma segunda?

Permaneci parado. Ema tinha sido muito clara: eu não devia me intrometer. Mas isso não significava que eu precisava obedecer. Apesar de sua pouca idade, Ema saía toda hora tarde da noite. Eu também saía, mas minha situação era bem melancólica. Além disso, ela tinha muitas tatuagens. Que pais as permitiriam em um filho tão novo? É claro que isso não provava nada. Só era um pouco suspeito. Mas somando-se ao segredo, ao bosque, à possível contusão, aos boatos...

Às vezes os gritos mais altos por ajuda são silenciosos.

Decidi segui-la. Agora.

Ema estaria com uma vantagem inicial, mas não correndo. Se eu mantivesse a calma e andasse rápido, poderia alcançá-la. Tentei adivinhar que direção ela seguira, mas não havia como. Eu não era um cão farejador. Corri em linha reta, procurando sinais de... quê?

Ema, eu acho.

Pensei de novo no jogo dos sete erros enquanto avançava por entre a densa vegetação. Pensei na tatuagem na nuca de Ema. Lembrei-me do desenho do rabo de uma cobra naquela região. A cobra era verde e agora... espere, isso era ao menos possível? Hoje parecia mais roxa.

Continuei a correr. Talvez fosse isso. Comecei a pensar nas tatuagens de Ema e percebi que de algum modo tinham... mudado.

E daí? Alguns dias antes, nós fomos à Tattoos While U Wait e nos encontramos com Agent, o tatuador dela. Sim, ele era excêntrico, mas eu gostava dele. Além disso, nos ajudara. Talvez ela tivesse voltado para um retoque.

Mas isso em geral não exigia gaze e tempo para cicatrizar?

Eu estava pensando sobre isso, avançando às pressas por entre a vegetação, quando ouvi um som à frente. Escondi-me atrás de uma árvore e espiei. Em uma pequena clareira, a menos de 50 metros, estava Ema.

Eu a tinha encontrado. Ela percorria uma trilha na floresta, que seguia na direção oeste, aparentemente. Eu não tinha uma bússola nem fazia o tipo escoteiro, mas, sério, quem se importava com o ponto cardeal?

Fiquei o mais longe possível, sem perdê-la de vista. Essa área florestal era parte da reserva de Kasselton. Havia placas informando que você não deveria estar ali, mas a mata era enorme e não patrulhada. Como tio Myron não consegue ficar calado, contou-me que todos os alunos da quinta série do tempo dele, inclusive, é claro, meu pai, tinham que colher flores do campo, identificá-las e prensá-las dentro de um livro. A maioria dos estudantes as encontrava naquele lugar. Por alguma razão, Myron pensava que eu acharia isso fascinante.

Mais uma vez me perguntei: por que eu estava pensando nisso agora?

No início, esperei que Ema acabasse chegando a algum tipo de barraco de chapas metálicas enferrujadas no meio do mato, porém agora percebia que isso não fazia sentido. Sim, eu nunca tinha visto patrulhas por ali, mas isso não significava que não existiam. Aquela era uma reserva florestal. Não havia como construir uma casa ali, mesmo caindo aos pedaços. Você teria que se deslocar. Talvez precisasse morar em tendas e ficar de olho em tudo.

Nada fazia sentido.

O céu começou a escurecer. Pensei de novo que eu não tinha uma bússola. Estávamos nos embrenhando cada vez mais na mata, e embora eu talvez fosse capaz de reconstituir meus passos, não tinha certeza de que conseguiria fazer isso à luz do celular. Achando que era melhor não perder Ema de vista, apertei o passo.

Ema virou à esquerda e começou a subir uma colina íngreme. Parei e observei. Se eu fosse logo pelo mesmo caminho, ela certamente me veria. Esperei que saísse do meu campo de visão para prosseguir. Agora, temia perdê-la. Corri colina acima, mantendo-me abaixado.

Senti uma pontada de culpa no peito. Eu estava seguindo minha melhor amiga. Aquilo não parecia certo, ainda que fosse para o seu bem. Para o seu bem. Quantas vezes isso tinha sido usado para justificar atos estúpidos? Como este.

Eu deveria parar e ir para casa.

Ponderei sobre isso por um momento. Estava prestes a dar meia-volta quando cheguei ao topo da colina. Ali, bloqueando meu caminho, havia uma cerca de malha de arame.

Nenhum sinal de Ema.

Olhei para os dois lados. A cerca parecia se estender até onde os olhos podiam alcançar. Mais ou menos a cada 10 metros, havia uma placa de NÃO ULTRAPASSE, avisando, acho que a lenhadores, que eles seriam processados, com todo o rigor da lei, se entrassem.

Para onde Ema tinha ido?

Fui até a cerca e olhei através dela. Havia mais vegetação, a uns 20 ou 30 metros de distância, e acho que uma clareira. Ainda não sabia ao certo como isso podia ajudar. Não havia abertura alguma na cerca. Ema poderia ter dado a volta enquanto eu subia? Era possível, mas parecia duvidoso. Talvez ela tivesse me visto. Talvez estivesse escondida atrás de uma árvore.

Frustrado, estendi o braço e segurei a cerca. Eu a sacudi... e ela cedeu.

Que diabo...?

Olhei mais de perto. Alguém havia cortado os arames junto às barras de metal. Não dava para notar apenas olhando, mas se você encostava na cerca, ela se abria quase como uma porta. Atravessei e, um segundo depois, ignorando as placas de aviso, estava dentro.

Bem, eu já tinha sido expulso do time de basquete por um monte de infrações. Achei que poderia acrescentar invasão de propriedade à lista.

E agora?

Continuei a andar até enfim ver de fato a clareira. Por um momento, reduzi o passo. Quando estivesse fora das árvores, ficaria exposto. Não fazia ideia do que havia na minha frente, mas não seria sensato apenas prosseguir. Ao mesmo tempo, a essa altura Ema provavelmente estava com uma boa vantagem sobre mim, por isso também não podia perder tempo.

Cheguei ao fim da vegetação. Quando olhei para a clareira, fiquei boquiaberto.

A primeira coisa que vi foi um enorme jardim. Não estava muito florido, mas tinha arbustos podados na forma de animais. Topiaria, é assim que era chamado. Havia um cisne, um leão, uma girafa, um elefante – tudo em tamanho natural, feito de arbustos verdes. Também havia estátuas brancas que pareciam da Roma ou Grécia antiga. Vi uma piscina e um gazebo, mas o que me surpreendeu foi a casa atrás disso tudo.

A casa, mesmo vista dos fundos, ainda parecia um castelo misterioso saído de um pesadelo da Disney. Eu estivera nela, embora tivesse vindo pela entrada de automóveis.

Tio Myron havia me levado ali para conhecer Angelica Wyatt.

Não entendi nada.

Fiquei parado por um tempo, totalmente pasmo. A solução mais simples era que Ema usava aquele caminho como um atalho. Talvez houvesse uma abertura na cerca em outra parte da propriedade que levasse ao precário barraco que eu continuava a visualizar. Mas de repente essa resposta não pareceu muito provável.

Segui em frente, aproximando-me da casa. A área era tão aberta que o único modo de fazer isso sem ser visto era correr de um esconderijo para o outro. Então, primeiro fui em disparada para o arbusto em forma de elefante e fiquei abaixado atrás de suas grossas pernas. Depois corri pelo heliporto e me escondi atrás de uma estátua branca de uma mulher usando o que parecia ser uma toga e segurando uma lança em uma das mãos e um escudo na outra. Dali, fui depressa para a lateral da casa.

Encostei-me à parede e deslizei lentamente para o lado. Mickey Bolitar, o Superespião. Eu não sabia mais para onde estava indo ou mesmo o que estava fazendo. Pensei em enviar um torpedo para Ema e lhe perguntar de seu paradeiro naquele momento, mas eu já tinha ido longe demais. Não podia voltar atrás.

Quando fiz uma curva, parei de imediato. Ema estava no meio do pátio. Ela me olhou com a testa franzida e os braços cruzados.

– Ah, oi – cumprimentei.

Mais uma vez, minha desenvoltura me tirava de uma dificuldade.

– Temos câmeras em todo lugar, gênio – falou Ema. – Você teve sorte de os seguranças não lhe darem um tiro.

Eu não sabia o que dizer, por isso continuei:

– Desculpe. Eu só estava preocupado com você.

Ema se virou e começou a se dirigir à porta. Não me movi.

– Venha comigo – mandou ela. – Você também pode saber a verdade.

capítulo 32

AINDA ATORDOADO, SEGUI EMA para dentro da mansão escura e depois até um porão ornamentado. Havia uma bela sala de cinema com poltronas grandes e confortáveis e uma tela gigantesca. Uma máquina de pipoca estava em um canto. Na parede havia pôsteres de filmes com Angelica Wyatt.

Olhei para eles e para Ema. Ela baixou a cabeça e deu um passo para trás, torcendo as mãos. Voltei a fitar os cartazes.

– Eu deveria ter imaginado – comentei.

– O quê?

– Os olhos.

Ema não disse nada.

– Quando conheci Angelica Wyatt, fiquei pensando em como o olhar dela era acolhedor e reconfortante. Como eu poderia conversar com ela para sempre. Não sabia por que me sentia assim, mas agora sei.

Ema ergueu os olhos para mim.

– Angelica Wyatt é sua mãe? – perguntei.

– Sim.

– Não entendo, todos aqueles boatos...

– Sobre eu morar em um barraco e meu pai ser um homem perigoso que bate em mim?

Assenti.

– Eu os espalhei – explicou Ema. – Foi um modo de manter as pessoas afastadas.

Como ela não continuou, indaguei:

– Mas por quê?

– Você está brincando, não é?

– Não.

– Você já viu como os garotos na escola falam que Angelica Wyatt é gostosa? Imagine se descobrissem que ela é minha mãe.

– Acho que isso poderia ser estranho.

– “Poderia”?

– Ok, acho que seria.

– E agora imagine aquelas garotas mesquinhas que não me dão a mínima. Imagine como elas me tratariam se soubessem que minha mãe é uma estrela de cinema de fama mundial.

– Elas provavelmente tratariam você como uma princesa.

– E você acha que eu quero isso, aquelas falsas me convidando para suas festas e ter que me sentar com elas no almoço? Como eu poderia confiar em alguém se as pessoas soubessem? Como poderia saber que gostam de mim pelo que sou?

Ema me deu as costas. Seus ombros caíram.

– O que foi? – perguntei.

– Quando eu soube que seu tio estava cuidando da segurança da minha mãe, sabe o que pensei?

– Não.

– Que talvez você soubesse a verdade. Que soubesse o tempo todo que eu era filha de Angelica Wyatt e por isso tivesse começado a ser gentil comigo.

– Eu não sabia – afirmei.

Ela continuou de costas.

– Ema, olhe para mim.

Ela se virou lentamente na minha direção.

– Eu não sabia – repeti. – Isso não importa para mim.

– Está bem – disse ela baixinho. – Então por que nós ficamos amigos?

– Não sei. Acho que me sinto atraído por gente que é um pé no saco.

Ema se permitiu sorrir.

– Eu também. Mas entende o que quero dizer?

– Sim – respondi, minha cabeça ainda girando. – Mas isso parece um pouco extremo. E como você consegue? A escola não sabe?

– Meu nome oficial agora é Emily Beaumont, não Emily Wyatt. A casa está no nome de solteira da minha avó. Minha mãe meio que leva secretamente uma vida dupla. Em uma é a estrela de cinema glamourosa; na outra, uma mãe normal. Tomamos muito cuidado com nossos encontros. Esta casa é isolada. Ela pode vir de carro ou helicóptero.

Eu não disse nada, mas minha expressão deve ter revelado algo.

Ema se aproximou de mim.

– Diga o que você está pensando.

– Quer saber a verdade?

– Sim.

Dei de ombros e falei:

– Por que não me contou? Quero dizer, entendo o argumento quando se trata de Troy e Buck. Mas eu conto tudo para você. Depois de tudo pelo que passamos, tudo que contei para você...

– Você se sente traído – completou Ema.

– Sim.

– Adiantaria se eu lhe dissesse que ia contar?

Não respondi.

– Ou que estava tentando encontrar o momento certo? Adiantaria se eu lhe dissesse que é muito difícil para mim confiar em alguém?

– Entendo tudo isso.

– Mas não totalmente.

– Tudo bem.

Ema desviou os olhos. Vi lágrimas neles.

– Tudo bem – repeti.

– Quero lhe mostrar uma coisa... que talvez ajude a explicar isso. – Ema abriu um armário e olhou para mim. – Você é bem mais alto do que eu. Importa-se de pegar aquela caixa de sapato? A do lado esquerdo.

– Isso não é necessário.

– Por favor, apenas faça isso, Mickey, antes que eu perca a coragem.

Peguei a caixa de sapato na prateleira de cima e a entreguei para ela. No centro da sala havia um sofá. Ema se sentou nele e me convidou a fazer o mesmo.

Ema abriu a caixa e tirou um recorte de jornal. Era de um tabloide e dizia: O SEGREDO SENSACIONAL DO BEBÊ DE ANGELICA WYATT.

Ela pegou outro: QUEM É O VERDADEIRO PAI DO BEBÊ DE ANGELICA? E mais um: NINHO DE AMOR SECRETO DE ANGELICA NA FRANÇA. E outro: EXCLUSIVO: PRIMEIRAS FOTOS DO BEBÊ DE ANGELICA! Um dizia que o pai de Ema era o ator que contracenava com Angelica em seu filme na época. Uma última matéria afirmava que era o primeiro-ministro britânico.

– É difícil falar sobre isso – explicou Ema.

– Então não fale.

– Não, eu quero contar para você. Quero que entenda por que minha mãe e eu fizemos isso.

– Está bem.

Ela segurou os recortes em suas mãos.

– Eles nunca nos deixaram em paz. Durante toda a minha vida, os tabloides nos seguiram. Se íamos ao parque, os paparazzi estavam lá. Se eu ia para o set com minha mãe, mesmo se fosse fechado, alguém com lentes de longo alcance tirava uma foto minha. Aquilo era... sufocante, para dizer o mínimo. Comecei a ter pesadelos. Frequentei um psiquiatra. Minha mãe até deixou o cinema por algum tempo. Parou de trabalhar para cuidar de mim, mas isso só levou a mais boatos. E a verdade é que minha mãe adora ser atriz. Mesmo quando eu era criança, entendia isso. Não queria tirar isso dela. Sabe o que quero dizer?

– É claro.

– Foi difícil, mas finalmente decidimos viver, bem, assim. Minha mãe espalhou o boato de que eu estava em um internato no exterior.

– Então quem mora com você aqui?

– Meus avós. E, ahn... – Ela pareceu um pouco constrangida.

– Ahn o quê?

– Acho que ele é uma espécie de ajudante. Chama-se Niles.

Lembrei-me dele de minha visita anterior – Niles, o mordomo. Ficamos em silêncio. Eu estava folheando os artigos, sem saber ao certo como fazer a próxima pergunta.

– Eu deveria perguntar o óbvio?

Ema esboçou um sorriso.

– Você quer saber sobre meu pai.

– Não é da minha conta...

– Não sei quem ele é. Minha mãe não me contou.

– Ah.

– Ela disse que um dia vai me contar, no momento certo. Mas não agora. Acredite em mim, nós já brigamos muito por causa disso. Eu quero saber, mas minha mãe fica aflita quando pergunto. Como se tivesse medo de que eu soubesse.

– Do que ela teria medo?

– Não sei – respondeu Ema, como se pensasse nisso pela primeira vez. – Mas por enquanto tenho

que deixar pra lá. Quero dizer, o que posso fazer?

– Certo. Eu entendo. – Outro pensamento me ocorreu. – Quando você descobriu aquela informação sobre o paramédico de San Diego, não queria me revelar sua fonte. Era...?

Ema fez um gesto afirmativo.

– Sim. É impressionante como o nome Angelica Wyatt abre portas.

Achei que aquilo fazia sentido. Ainda estava dando uma olhada nos artigos, especialmente os que mostravam fotos de Ema pequena.

– Dá para reconhecer você nessas fotos – comentei.

– Mas estou diferente, não é?

– Acho que sim.

– Pode dizer, Mickey.

– O quê?

– Que eu era mais magra. Era mais... normal.

Não retruei.

– Para mim isso foi parte de tudo – explicou ela.

– O quê?

– Me vestir toda de preto. Pintar meus cabelos de preto. Os adereços, as tatuagens. Acho que até o aumento de peso. Eu não queria ser a garota requisitada. Queria me tornar alguém diferente. Então talvez isso tenha começado como um disfarce, mas gosto da minha aparência agora. De alguma forma, é mais como eu mesma, sabe? Então agora não sei se uso isso como um disfarce ou me visto como sempre quis me vestir.

Ergui um dos velhos recortes.

– Você não mudou tanto – afirmei. – E está deixando algo de fora.

– O quê?

– As tatuagens. Essa foi a primeira pista real de que havia algo estranho. Pensei ter visto uma contusão em seu braço. Mas era uma mancha. Eu não conseguia descobrir o que em você estava diferente, mas então me ocorreu que suas tatuagens tinham mudado. E sua mãe... ela não deve deixar você marcar seu corpo com um monte de tatuagens. Não na sua idade. Elas são temporárias, não são?

Ema pareceu quase contente.

– Puxa, não posso acreditar que você tenha notado.

– Sabe o que é estranho?

– Ahn, tudo isso?

– Bem, sim, mas é outra coisa: nossas mães se conheceram quando eram adolescentes.

– Sim, elas tinham mais ou menos a nossa idade. Isso é esquisito. Ah, e por que seu tio de repente está cuidando da segurança da minha mãe?

– Também não sei. Ele disse que um amigo próximo lhe pediu. Sei que tio Myron é mais do que apenas um agente, gerente ou seja lá o que for. Acho que ele é um detetive particular, um guarda-costas ou algo do gênero.

– Então ele ajuda a proteger minha mãe quando ela está na área?

– Acho que sim. Por que não pergunta para ela?

- Eu perguntei. Ela só disse que precisava de segurança extra e Myron era um velho amigo.
- Então talvez seja isso.
- Talvez.

Não acreditávamos de fato.

- Dona Morcega disse que eu não deveria contar para Myron sobre o Abeona – comentei. – Nunca. E meu pai também nunca contou para ele.

- Eu não contei para minha mãe. Quero dizer, é só que isso parece algo que devemos guardar para nós, sabe?

Eu entendia.

- Há outra coisa que preciso lhe contar – começou Ema.

- O quê?

- Você está certo sobre as tatuagens. Agent, da Tattoos While U Wait, as faz para mim. Todas são temporárias. Exceto, bem...

Ela arregaçou a manga da blusa até mostrar o ombro. Por um momento, arregalei os olhos como se aquilo fosse um prelúdio para um strip-tease ou algo assim. Ema deve ter visto minha expressão, porque revirou os olhos e disse:

- Pare com isso.

- O quê?

- Deixe pra lá. – Ela se virou e me mostrou suas costas. – Aqui, dê uma olhada. Agent diz que não sabe como isso aconteceu, mas por alguma razão essa tatuagem nunca sai.

Não precisei olhar, porque sabia a que tatuagem ela se referia. A imagem de que nunca me esqueço. Ou, eu acho, nunca nos esquecemos.

Era a tatuagem de uma borboleta com olhos nas asas.

capítulo 33

EMA E EU CONVERSAMOS MAIS um pouco. Sugerí que tentássemos nos encontrar mais tarde na casa de dona Morcega para ver se conseguíamos descobrir um modo de entrar na garagem e nos túneis. Ema não tinha certeza de que poderia ir.

- Quando minha mãe não está por perto é fácil dar uma fugida. Mas quando está, como agora...
- Entendo.
- Mickey?
- Sim?
- Realmente lamento muito o que aconteceu em relação ao time de basquete.
- Obrigado.

É engraçado como a mente às vezes segue caminhos estranhos. Você já começou a pensar em algo esquisito e ao tentar descobrir o que o levou até lá, viu que o processo foi bem tortuoso? Foi isso o que aconteceu, e este foi o rumo que meu cérebro seguiu: quando Ema mencionou o basquete, tentei afastar o pensamento, mas a única coisa que me ajudaria a evitar o sofrimento de ser expulso do time seria... jogar basquete. Isso me fez lembrar a última vez que joguei, o que, por sua vez, me fez pensar na partida do dia anterior, em Newark, em Tyrell Waters e no que ele devia estar fazendo, e no pai dele, o detetive Waters, e na minha volta para casa junto com ele, e em duas coisas sobre o Sr. Waters: ele estava combatendo o tráfico de drogas em Kasselton e sabia que o primeiro nome do Sr. Caldwell era Henry.

Como sabia disso? Esses dois elementos estavam relacionados?

De fato, o detetive Waters me fizera um monte de perguntas sobre os Caldwells, tentando parecer casual. Na hora, achei que ele tinha curiosidade sobre os tiros. Mas agora lembrava que Tyrell havia dito que o pai dele talvez me interrogasse se não estivesse “trabalhando numa região com tráfico de drogas”.

– O que foi? – perguntou Ema.

Falei rapidamente sobre o detetive Waters. Ema, como sempre, logo entendeu.

– Você tem que fazer mais perguntas a ele.

Concordei, mas estava ficando tarde. Enviei um torpedo para Tyrell para saber se ele estava nas quadras. Ele respondeu que não porque a equipe de sua escola, a Weequahic High, começara a treinar naquele dia. Então Tyrell acrescentou: **vc consegue chegar aqui rápido? precisamos de jogadores pra um amistoso.**

Droga, não daria tempo. Mesmo se eu corresse para o ponto de ônibus, ele sairia dali a meia hora e ainda tinha a viagem até lá.... Eu estava mostrando a mensagem para Ema quando de repente ouvi passos descendo a escada em nossa direção. Ema se retesou. Por um momento, achei que ela ia mandar que eu me escondesse, mas, quando o som ficou mais próximo, seu rosto se suavizou.

– Srta. Emily?

Reconheci o sotaque inglês. Era Niles, o mordomo.

– Estou aqui, Niles.

Ele entrou na sala. Era um daqueles caras que provavelmente nunca deixavam o rosto demonstrar qualquer emoção, mas olhou para mim como se um elefante em pé sobre duas patas tivesse se materializado no porão.

– Niles, este é o meu amigo Mickey.

– Nós já nos conhecemos – disse eu, levantando-me.

Quando a surpresa desapareceu do rosto do mordomo, ele pareceu bem satisfeito.

– Uma visita!

Ema franziu a testa.

– Sim, Niles.

– Que maravilha! Não recebemos muitas visitas, não é, Srta. Emily?

– Você não precisa parecer tão chocado, Niles.

– Não é choque, Srta. Emily. É alegria. Nosso convidado ficará para o jantar?

– Não. Mas, Niles, posso lhe pedir um grande favor?

– É claro.

– Pode nos levar de carro até Newark?

capítulo 34

QUANDO NILES PAROU na frente da casa em um Volkswagen Beetle verde-limão, fiquei aliviado. Temi que fôssemos naquela limusine e imaginava a gozação de que seria alvo se aparecesse para jogar naquela coisa. Ainda assim, a cor era um pouco extravagante e pedi para o mordomo me deixar a dois quarteirões de distância para poder ir a pé.

- Por que estamos aqui? – perguntou Niles.
- Mickey tem um grande jogo de basquete.
- E ele foi à sua casa atrás de uma carona?
- Depois eu explico. – Ema se virou para mim. – Divirta-se. Niles e eu vamos esperar aqui.
- Vamos esperar?
- Vocês não precisam esperar – retruquei. – Posso conseguir uma carona de volta.
- Não, não, nem sonharíamos com isso – disse Niles, com sarcasmo. – A Srta. Emily pode me entreter contando como vocês dois se conheceram.

Ema revirou os olhos. Saí do carro e corri na direção da escola. Tyrell me cumprimentou à porta. Estava usando um uniforme branco de basquete com a palavra *Weequahic* no peito.

- Vocês são vermelhos – avisou ele, atirando-me um colete de treino para vestir por cima da minha camisa.

O amistoso entre a Weequahic High e os jogadores que eles conseguiram encontrar já estava em seu quarto final. Olhei rapidamente para a arquibancada. O Sr. Waters estava lá. Fiz-lhe um breve aceno e ele respondeu com um sinal de cabeça. Durante um intervalo, entrei no jogo. Vi Tyrell rindo com seus companheiros de equipe e senti meu rosto se avermelhar. Eles juntaram suas mãos, gritaram “Defesa!” e depois correram. Eram companheiros de equipe. Tyrell gostava de jogar basquete de rua comigo, mas aquilo ali era diferente. Era seu time da escola. O que importava.

Como pude deixar escapar minha chance?

Eu ainda tinha meus anos de júnior e sênior, mas pareciam muito distantes, impossíveis de imaginar agora. Talvez minha mãe melhorasse, nos mudássemos para um lugar onde eu pudesse recomeçar... mas ainda faltavam seis meses para ela deixar a reabilitação. Talvez meu pai...

Talvez meu pai o quê?

Eu estava com dificuldade de me concentrar na partida. Continuei pensando em meu pai, que em tese jazia naquela sepultura em Los Angeles, e me perguntei se algum dia saberia com certeza se ele havia morrido. Em geral eu me esqueço de tudo quando jogo. Porém, naquele dia não.

Não joguei bem. Nós, os jogadores de fora, fomos esmagados, mas, pela primeira vez em minha vida esportiva excessivamente competitiva, não me importei. Só queria perguntar ao Sr. Waters sobre Henry Caldwell. O som do apito final foi misericordioso. Entrei na fila e cumprimentei a outra equipe. Quando cheguei a Tyrell, ele perguntou:

- O que há de errado?
- Nada.

Ele franziu a testa.

– Então por que você não está nos testes hoje?

– Fui expulso do time.

– Por quê?

– É uma longa história.

– Ah, puxa vida, Mickey, sinto muito.

– Vou ficar bem – menti.

– Ei, Tyrell. – Era um dos companheiros de equipe dele. – O treinador quer uma rápida reunião.

Tyrell me encarou, preocupado.

– Falaremos sobre isso daqui a alguns minutos, está bem?

Ele se afastou correndo com seu colega. Comecei a pensar em uma forma de me aproximar do Sr. Waters e no que lhe dizer, mas não foi preciso. Assim que Tyrell desapareceu de vista, ele veio rapidamente até mim.

– Como vai, Mickey?

– Bem, obrigado.

– Como está sua amiga Rachel?

Dessa vez sem rodeios.

– Melhor.

– Eu soube que ela recebeu alta.

– Sim, estive com ela hoje, mais cedo. Até conheci o pai dela.

Isso despertou o interesse do Sr. Waters.

– Como ele está lidando com toda essa situação?

Eu deveria contar que o Sr. Caldwell havia apontado uma arma para mim? Não tinha certeza, por isso decidi simplificar:

– Ele pareceu muito tenso.

– Tenso como?

– Nervoso.

– Nervoso como?

– Não sei... Sobressaltado. Talvez com um pouco de medo. Acho que não se pode culpá-lo. Sua ex-esposa acabou de ser assassinada. Sua filha levou um tiro. – Inclinei a cabeça. – Sr. Waters, posso fazer uma pergunta?

Ele ficou em silêncio.

– Como conheceu Henry Caldwell?

Waters não gostou do questionamento.

– Quem disse que eu o conheço?

– Quando me levou para casa ontem, o senhor me perguntou como estava Henry. Como sabia o primeiro nome dele?

O Sr. Waters me lançou um olhar duro.

– Sr. Waters?

– Isso não importa, Mickey.

– O senhor o está investigando?

– Isso não é da sua conta.

– Rachel é minha amiga.

– E daí? Você vai descobrir quem atirou nela? – Ele arqueou uma sobrancelha. – Isso não é brincadeira, Mickey. Aquelas pessoas jogam pesado.

– Que pessoas?

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro e de repente não era mais o pai gentil, e sim o policial durão.

– Eu que faço as perguntas. Quando você esteve na casa dos Caldwells, viu mais alguém?

– Como quem?

– Apenas resposta à pergunta.

– Não, só Rachel e... – Então me lembrei. – Espere, havia dois caras sinistros falando com o Sr. Caldwell depois que fui embora.

– Qual era a aparência deles?

– Tipo, sei lá, punks. Um usava bandana na cabeça e tinha uma cicatriz na bochecha.

O Sr. Waters engoliu em seco quando eu disse isso. Pegou seu smartphone e começou a digitar.

– Foi esse o homem que você viu?

Ele me mostrou a foto no telefone. Não havia a menor dúvida. Era o Scarface.

– É, foi. Quem é ele?

O rosto do Sr. Waters se tornou sombrio.

– Ele é um homem muito mau, Mickey.

– Mas quem é ele?

– Quero que você fique longe dele, está me ouvindo? Você não acreditaria no mal que ele é capaz de fazer.

Se o Sr. Waters estava tentando me assustar, conseguiu.

– Ele teve alguma coisa a ver com o que aconteceu com Rachel?

Mas o Sr. Waters não caiu na minha conversa.

– Fique fora disso, Mickey. – Havia raiva em sua voz. – Não vou repetir. Pare de brincar ou alguém vai se ferir.

capítulo 35

NÃO ESPEREI TYRELL PORQUE não queria lhe contar toda a história da expulsão. O Sr. Waters permaneceu rígido comigo.

– Se você vir ou ouvir alguma coisa, me telefone. Este é o meu número.

Ele ia me entregar seu cartão de novo, mas peguei minha carteira e lhe mostrei que já o tinha.

– Também coloquei seu número na lista de contatos do meu celular – falei.

– Ponha-o na discagem rápida – preveniu-me o Sr. Waters pela segunda vez.

Corri de volta pelo quarteirão. O Beetle verde-limão se destacava lá como, bem, um Beetle verde-limão. Quando deslizei para o banco traseiro, Ema perguntou:

– Como foi o jogo?

Lancei-lhe um olhar curioso quando meu celular vibrou. Ema me encarou e depois fitou meu telefone e, assim, captei a mensagem. Peguei o celular e vi que ela tinha me enviado um torpedo: **não diga nada sobre os tiros na frente de Niles. ele iria ficar preocupado. vamos nos falar depois e tentar entrar no túnel de dona morcega esta noite. só fale besteiras agora, como se vc fosse um típico garoto obcecado por esportes.**

Franzi a testa. Ema deu de ombros.

– É – disse Niles, começando a dirigir –, como foi seu importante jogo de basquete?

– Bem, obrigado.

– Foi um jogo muito curto, não foi?

– Ah, sim.

– E eu não fazia ideia de que a Srta. Emily promovia sua evolução no basquete.

– Sim, ela é uma grande, ahn, promotora.

– A Srta. Emily está cheia de surpresas hoje – comentou Niles, virando na Rota 280. – E acho que devo acreditar em cada palavra que ela diz.

– Niles – falou Ema.

– Não, não, Srta. Emily, sou apenas um criado. Não me deve nenhuma explicação.

Enviei uma mensagem para Ema: **niles não está engolindo.**

– Você acha? – perguntou Ema, sem se dar o trabalho de responder por torpedo.

No banco do motorista, Niles sorriu.

Ficamos em silêncio na viagem de volta. Niles me deixou na casa de tio Myron. Sentei-me na cozinha e tentei entender o que vinha acontecendo. Nada me ocorreu. Peguei o telefone e liguei para o centro de reabilitação da minha mãe. Pedi para me transferirem para o quarto dela.

– Um momento, por favor.

Dois toques, alguém atendeu e suspirou fundo.

– Você sabe que não pode falar com ela, Mickey.

Eu sabia. Minha mãe havia tido uma “recaída” – em suma, voltara a usar drogas horas depois de sua primeira alta – e agora estava no isolamento. A mulher do outro lado da linha era Christine Shippee, a diretora do lugar.

– Eu só queria ouvir a voz dela – repliquei.

– Você sabe que não pode.

Sim, mas eu sentia falta dela, especialmente agora que parecia que tudo estava desmoronando sobre mim. Antes de o meu pai morrer, minha mãe era muito vibrante, sensata e maravilhosa – eu diria que era a mãe perfeita, mas muitos acham isso, não é?

– Como ela está?

– Você sabe que também não posso responder a isso.

– O que pode me dizer?

– Sou muito boa em matemática.

– Não, não é.

– Sim, é verdade. Como você está, Mickey?

– Como acha que estou?

– Você não parece bem.

– Vou ficar.

– Seu tio.

– O que tem ele?

– Eu sei que você o culpa muito, mas ele não é um mau sujeito.

– Obrigado.

– Ele é simpático.

– Bem, isso muda tudo – disse eu.

– Converse com ele, Mickey.

Então Christine desligou. Olhei para o telefone e franzi a testa. Tentei não pensar no que minha mãe poderia estar passando. Eu tentara ajudá-la. Arranjara um emprego e nos sustentara. Eu a tirara de bares, motéis e trailers e a levava para casa. Eu a limpava e a fizera tomar banho, se vestir e sair de casa, tudo na esperança de que ela saísse do fundo do poço. Mas isso simplesmente não estava acontecendo. Eu era, segundo Christine Shippee, um facilitador do vício. Não estava tão certo disso, mas decidi dar ouvidos à suposta especialista. Então, por mais que isso fosse contra a minha tendência natural, agora eu não estava interferindo.

Exceto, bem, quando eu fraquejava e telefonava. Como hoje.

A porta da frente se abriu.

– Olá? – gritou Myron. – Mickey?

– Estou na cozinha.

Tio Myron entrou às pressas com um sorriso esperançoso no rosto.

– Como foi o basquete?

Não me orgulho de dizer que minha reação instintiva foi mentir. Não queria falar sobre aquele assunto. Não queria que tio Myron me passasse um sermão sobre tudo de errado que eu havia feito, ou pior, olhasse para mim com pena. Mas não tive forças para mentir, e ele logo descobriria.

– Fui expulso do time.

O olhar dele foi mais de choque do que de piedade.

– O quê? O que aconteceu?

Então eu lhe contei por alto, esperando o inevitável “Eu avisei, você conhecia as regras, o que

esperava?”, mas isso não aconteceu. Os músculos de tio Myron começaram a se retesar. Quando mencionei o envolvimento do chefe Taylor, vi a veia em seu pescoço pulsar de raiva.

Quando terminei, houve silêncio. Eu lidava bem com o silêncio. Tio Myron, não. Ele não conseguia ficar de boca fechada, pois se sentia desconfortável. Mas ele permaneceu calado, imóvel, e pela primeira vez percebi o que devia tê-lo tornado um grande jogador de basquete. Havia uma fúria nele agora que me fez querer recuar. Seus olhos tinham ficado sombrios e a expressão no rosto dele não só desafiava o mundo como afirmava que podia vencê-lo.

– Ed Taylor – disse por fim tio Myron, entre dentes.

– Tudo bem – falei, o que era algo estúpido, principalmente por ser uma bela mentira.

– Vou falar com ele.

– Quem? Espere, com o chefe Taylor?

Ele não respondeu.

– Por favor, não faça isso. Essa briga é minha.

– Com Taylor? – Ele balançou a cabeça. – Não, é minha. Você é apenas um espectador na linha de fogo.

– Isso não vai fazer nenhuma diferença. Eu quebrei as regras. Foi o treinador Grady que deu o telefonema, não Taylor.

Tio Myron ficou mudo.

– Myron?

– Você se lembra do que me pediu ontem? – perguntou Myron.

Por um segundo, fiquei confuso com a mudança de assunto. Mas então me lembrei.

– Sobre exumar o corpo do meu pai?

– Sim. Por que você quer exumá-lo?

– Eu já expliquei.

– Para pôr uma pedra sobre isso.

– Certo.

Tio Myron balançou a cabeça.

– Não se pode exumar um corpo apenas por um motivo como esse. Há normas rígidas. Aquele cemitério em particular não admite exumações. Mesmo se admitisse, precisaríamos obter permissão do parente mais próximo, que é sua mãe. Você quer lhe pedir para assinar uma permissão desse tipo agora?

Senti minha esperança diminuir.

– Não.

– Então vou perguntar de novo: por que você quer exumar o corpo do seu pai?

Dei de ombros.

– Que diferença isso faz agora?

Myron pareceu estar pesando suas palavras em uma balança.

– É que há uma chance de eu conseguir fazer isso.

– Como?

– Tenho um amigo. Ele é muito bem-relacionado...

– Angelica Wyatt?

– Não.

Quase lhe perguntei se ele sabia sobre Ema, sobre a atriz ter uma filha, mas a identidade dela era um segredo e eu não queria dizer nada que não devesse.

– Então quem?

– Você não o conhece. É o amigo que me pediu para vigiar Angelica.

– Ele pode conseguir que o corpo do meu pai seja exumado?

– Se eu insistir, sim. Mas preciso saber seu verdadeiro motivo, Mickey. Eu assumiria qualquer risco por você sem motivo algum. Mas não posso pedir ao meu amigo para fazer o mesmo. Você entende isso, não é?

Assenti. Nós nos sentamos à mesa da cozinha. A cozinha havia sido modernizada nos últimos cinco anos, porém, ainda assim, era a cozinha da infância do meu pai. Ele tinha passado inúmeras horas ali com sua família. Esse foi um pensamento banal, mas por um momento me deixou arrasado.

– Não estou certo de que meu pai está naquela sepultura.

Tio Myron abriu e fechou a boca, sem dizer nada. Então, conseguiu falar:

– Não entendo.

– Sei que isso parece loucura, mas preciso ter certeza de que meu pai está naquele caixão.

Myron piscou os olhos duas vezes.

– Você tem algum motivo para acreditar que ele não esteja?

Eu não sabia ao certo o que responder. Não podia falar sobre o paramédico louro porque Myron nunca acreditaria em mim, e, mesmo se acreditasse, tanto dona Morcega quanto Cabeça Raspada tinham me dito para não contar a ele. E meu pai nunca havia falado a ele sobre o Abeona. Devia haver um motivo, certo?

– Mickey?

Sustentei o olhar de Myron.

– Sim, tenho – respondi.

Então Myron me pegou desprevenido com sua próxima pergunta.

– Tem algo a ver com o incêndio na casa de dona Morcega?

– Por que você acha isso? – perguntei.

– Eu já disse. Seu pai visitou aquela casa e voltou mudado. Agora de repente você se sente atraído por ela também. – Myron se inclinou um pouco mais para perto de mim. – Você conheceu dona Morcega?

– Sim – respondi antes de conseguir me conter.

– O que ela disse a você?

Balancei a cabeça, lembrando-me dos avisos.

– Por favor, Myron. Por favor, peça ao seu amigo para nos ajudar.

– Preciso saber mais.

– Não pode simplesmente confiar em mim?

– Esse não é o problema. Você sabe disso.

Eu não soube o que retrucar. O celular de Myron vibrou. Ele leu a mensagem de texto e suspirou.

– É Angelica. Tenho que ir. Ainda não acabamos, ok?

– Ok.

Ele se levantou e me olhou como se me visse pela primeira vez.

– Mickey?

– Sim.

– Vou falar com meu amigo. Farei o possível para ajudar você.

capítulo 36

DAVA PARA SENTIR O CHEIRO das ruínas queimadas da casa de dona Morcega.

Eram oito horas – não estava muito tarde. A noite caíra. Eu tinha uma lanterna, mas por enquanto, na calçada, a luz do poste era suficiente. Algumas vigas de madeira permaneciam em pé, erguendo-se na escuridão como dedos da mão de um gigante.

– Oi.

Virei-me. Era Ema.

– Oi. Como você passou por Niles?

– Você está brincando? Ele está tão feliz por eu ter um amigo que quase me empurrou porta afora.

Sorri. Pensei em como havia sido maravilhoso o abraço que tínhamos dado mais cedo e tentei analisar meus sentimentos. Ema era minha amiga. Minha melhor amiga. Era daí que vinha aquela forte sensação de calor, certo?

Nós nos aproximamos lentamente da casa. Mantive minha lanterna desligada porque não queria que os vizinhos nos vissem. Paramos em frente ao cordão de isolamento. Ema se virou para mim, deu de ombros e passou por baixo dele. Eu a segui pela varanda e para dentro da casa. Havia escombros por todo o lugar.

– Esta era a sala de estar – informei.

A luz estava ficando bem fraca agora. Ainda não queria usar a lanterna e achei que talvez a luz do meu celular fosse suficiente. Ema também usou o dela.

– O que é isto? – perguntou.

A moldura estava estilhaçada, mas logo reconheci a fotografia desbotada dos cinco hippies.

– É...? – Ema apontou para a mulher atraente com camiseta justa, no meio do grupo. No peito dela estava estampada a borboleta *Abeona*.

– É. Acho que é dona Morcega.

– Uau! Ela era gata.

– Vamos mudar de assunto – pedi, e Ema sorriu.

Tentei pegar a moldura pelos lados, mas grande parte dela se soltou. Tirei a fotografia e a enfiar em meu bolso. Achei que em algum momento poderia ser útil.

A velha vitrola estava danificada. Não havia nenhum disco nela, mas consegui encontrar os álbuns dos Beatles, dos Beach Boys e do The Who. Duvidei que ainda estivessem em condições de uso. Procurei pelo que dona Morcega sempre colocava para tocar – *Aspect of Juno*, do HorsePower –, mas havia sido totalmente queimado ou...

Ou o quê?

– Devemos ir para a garagem? – perguntou Ema.

Neguei com a cabeça. Esse era o plano original. Nós iríamos para a garagem e tentaríamos entrar e encontrar o túnel. Mas o túnel pelo qual eu passara levava da garagem ao porão abaixo de nós e a uma porta que não existia mais entre a cozinha e a sala em que estávamos. Com a garagem trancada, seria mais simples e talvez mais produtivo seguir na direção oposta, começando na sala de

estar e descendo para o porão, para aonde chegaríamos?

Certo, a porta do porão não existia mais. Assim como a maior parte da cozinha. Tentei visualizar a planta da casa antes do incêndio. Aproximei-me do lugar onde achei que costumava ficar a porta do porão. Os restos do segundo andar e do telhado tinham desabado sobre ela. Comecei a afastar o compensado, tentando cavar os escombros. Ema se juntou a mim.

Trabalhamos em silêncio, colocando de lado o entulho. Quando parei e refleti, me dei conta de que estávamos atrapalhando a polícia. Eu já estava bastante encrencado, mas Ema, não.

– Acho que devemos parar – falei.

– Ahn?

– Estamos comprometendo a cena do crime.

– Você está brincando, não é?

Ema continuou a cavar.

– Falando sério, isto foi um erro.

– Você não me contou o que aconteceu com o detetive Waters.

Ema tentava me distrair, mas tudo bem.

– Ele ficou muito perturbado comigo.

– Perturbado como?

– Como se quisesse que eu não me envolvesse.

– Como se estivéssemos certos em relação ao pai de Rachel?

– Sim.

– Nossa.

– Lembra que contei sobre aqueles dois valentões que falaram com o Sr. Caldwell logo depois que eu saí?

– O que têm eles?

– O Sr. Waters tinha uma foto do cara com a cicatriz. Disse que era perigoso.

– Então eles devem ser traficantes de drogas.

– Ou pelo menos bandidos.

– E você viu o pai de Rachel sendo todo amigável com eles.

– Sim.

– O que nos faz acreditar que Rachel descobriu algo que incrimina o pai, algum tipo de pacote que confirmou o que a mãe disse sobre ele?

– Sim – repeti, de volta ao chão, removendo entulho.

Tentei entender aquilo. O que Rachel havia feito com o pacote? O pai dela tinha explodido de raiva quando ele sumira?

Scarface tinha se irritado?

Ema parou de cavar.

– Mickey?

Afastei os pensamentos e olhei para a frente. Agora o entulho se fora. Vi os degraus que levavam ao porão. Abaixei-me mais, peguei minha lanterna e iluminei o buraco.

Não dava para enxergar muito.

– Vou descer – afirmei. – Sozinho.

– Você é fofo quando banca o machão comigo, mas não. Vou também.

– O chão aqui em cima pode estar frágil e desmoronar.

Ema me olhou como se alguém – creio que eu – tivesse lhe dado um soco no estômago.

– Você acha que vou quebrar o chão?

– O quê? Não. Ouça, preciso que você fique de guarda.

Isso não a satisfaz.

– O quê?

– Alguém pode aparecer. Fique de guarda. – Eu agarrei os ombros dela e a fiz me encarar. – Por favor. Apenas desta vez. Por mim?

– Apenas desta vez o quê?

– Não seja um pé no saco. Só não quero que você se machuque.

As lágrimas nos olhos de Ema partiram meu coração, mas ela assentiu.

– Tudo bem, vá, ficarei – ela enxugou os olhos – de guarda.

Não esperei que Ema mudasse de ideia. Comecei a descer rapidamente a escada para o buraco negro. Quando fiquei fora de vista, acendi a lanterna de novo. Desci devagar.

– O que você está vendo? – perguntou Ema em um sussurro.

– Me dê um segundo.

Como era de se esperar, o porão era lúgubre, empoeirado e velho. Tinha canos enferrujados, cacos de vidro e caixas de papelão velhas cheias de só Deus sabia o quê. Havia teias de aranha nos cantos e lama no chão, que poderia ser fuligem molhada do incêndio, mas suspeitei que fosse um pouco mais antiga. Ok, a garagem estaria atrás de mim e, portanto, à esquerda, a porta para aquele túnel.

Eu a encontrei.

– Mickey?

– Achei a entrada.

– Espere por mim.

– Não. Fique aí em cima.

A porta era feita de algum tipo de aço reforçado, foi o que lembrei de minhas visitas anteriores com Cabeça Raspada. Também havia outras portas e corredores, mas ele não tinha me deixado passar por eles. Mexi na maçaneta. Sem sucesso. Sacudi-a.

– Está trancada – informei.

– E agora? Ah, chega. Vou aí também.

Ema começou a descer a escada. Apontei a lanterna na direção dela... e foi então que vi. Parei, voltei a lanterna para o ponto no chão e olhei. Ema surgiu atrás de mim.

– O que é isso?

Eu não disse nada.

– Espere – falou Ema. – É uma foto de Ashley?

Fiz que sim com a cabeça. Ashley. A garota por quem nós – Rachel, Colherada, Ema e eu – tínhamos arriscado nossas vidas.

– Essa é a foto que você viu no andar de cima? – perguntou ela.

Assenti, estarecido.

– Então de algum modo a foto dela sobreviveu ao incêndio.

– Não.

– O que quer dizer com “não”? Você falou que viu a foto lá em cima com, digamos, milhares de outras, certo?

– Certo.

– Então, como ela está aqui embaixo, de algum modo sobreviveu ao incêndio.

– Não.

– Por que você continua dizendo isso?

– Havia milhares de fotos lá em cima. Mas só uma conseguiu flutuar até o porão, passar por todo o entulho e terminar no chão bem na frente da porta para o túnel?

Agora Ema parecia cética.

– Esqueça as chances de qualquer foto fazer essa viagem – continuei. – Quais são as chances de ela ser justo a da garota que resgatamos?

Ema engoliu em seco e perguntou:

– Você tem uma explicação melhor?

– Sim.

– Qual?

Senti um arrepio só de pensar naquilo.

– Alguém a deixou para nós.

– Por que alguém faria isso?

Peguei a fotografia de Ashley e a virei. Atrás havia uma borboleta com dois olhos nas asas. A borboleta *Abeona*. Parecia com as outras que eu tinha visto, mas a cor era um pouco diferente.

Os olhos eram roxos. Como os da borboleta na porta do quarto de hospital de Rachel.

Isso me atingiu como uma onda na praia.

– Ah, meu Deus – exclamei.

– O que foi?

– Acho que sei onde Rachel escondeu o pacote.

capítulo 37

COLHERADA ATENDEU o telefone:

- Central do Colherada.
- O que você está fazendo?
- Estou assistindo com meu pai ao último episódio da terceira temporada de *Glee*. Pela quarta vez.

Você assistiu?

- Não.
- É muito emocionante.
- Tenho certeza de que sim.
- Não se preocupe. Eu tenho o DVD. Posso emprestar. Sabia que Lea Michele era a Wendla original em *O despertar da primavera*?
- Sim, isso é incrível. Ouça, Colherada, você pode sair?
- Sair? Quer dizer, de casa?
- Sim.
- Quer dizer agora?

Suspirei. Ema estava perto de mim. Tínhamos voltado para a rua e seguíamos na direção da Kasselton High.

- Sim, quero dizer agora.
- Ainda estou de castigo, está lembrado? Por quê, o que você está tramando?
- Tenho que abrir o armário de Ashley.
- Ah, eu sabia que tinha algo errado.
- Com o quê?
- Com o armário de Ashley. Veja bem, havia um cadeado Sevier com segredo nela.
- E daí?
- A escola só usa cadeados Master Lock. Se um aluno novo tivesse ficado com o armário de Ashley, usaria um Master Lock. A escola nunca permitiria uma marca diferente.

Isso só confirmava o que agora eu percebia ao olhar para a foto. Dona Morcega, Cabeça Raspada ou alguém em uma posição elevada no Abrigo Abeona a deixara no chão do porão para que a mensagem fosse clara: Ajudem Rachel.

Essa era nossa missão atual. Esquecer o incêndio. Não pensar em encontrar dona Morcega ou Cabeça Raspada. Nossa primeira missão tinha sido salvar Ashley. Agora precisávamos salvar Rachel.

– De qualquer maneira, quando o episódio terminar vai estar na minha hora de dormir – avisou Colherada. – Vou pegar minha xícara de leite morno, subir, apagar as luzes e depois sair pela janela. O que você acha?

- Parece ótimo – respondi.
- Talvez eu coloque alguns travesseiros debaixo do cobertor para dar a impressão de que ainda estou lá. Acha que isso é uma boa ideia?
- Você é quem sabe, Colherada.

– Ok, o episódio está quase terminado. Vou me encontrar com você naquela mesma porta da última vez.

Então me ocorreu outro pensamento.

– Espere.

– O que foi?

Ema olhou para mim, confusa. Como eu podia explicar? Colherada era muito jovem. Sim, todos nós éramos, mas ele parecia mais novo. Estava em casa inocentemente assistindo a *Glee* com o pai. Eu não podia lhe pedir para entrar de forma ilegal na escola de novo.

Estava prestes a lhe dizer para esquecer o que eu tinha falado – para ficar em sua bela e aconchegante cama e beber seu leite morno – quando me lembrei de outra coisa. Colherada era dono da própria vida e podia tomar suas próprias decisões. Ele não tinha me dito que já fora preso uma vez? Talvez não fosse mais tão inocente e eu não devesse agir como seu irmão mais velho superprotetor.

Além disso, na última vez em que Colherada quebrou as regras, ele salvou a vida de Ema.

– Algo errado, Mickey? – perguntou Colherada.

Apertei o telefone com mais força. Não sabia o que fazer. Não queria metê-lo em mais nenhuma encrenca, mas precisávamos dele.

– Não, nada. A gente se vê daqui a pouco.

Desliguei. Ema e eu nos encolhemos perto da porta lateral da escola. Quase lugar nenhum é mais vazio e sem vida do que uma escola à noite. Passava das nove quando Colherada se juntou a nós.

– Ponham isto – pediu. – Para esconder o rosto.

Colherada entregou máscaras para mim e Ema. Ficou com uma. Mas elas não pareciam, digamos, máscaras de esqui, como era de se esperar.

– São...? – comecei a perguntar.

– É, máscaras de *O Rei Leão* – respondeu Colherada. – Ema, eu lhe dei a de Mufasa. Ia dar a de Pumba, mas ele é um javali e, bem, achei que você ia me matar.

Ela fitou a máscara em sua mão com a testa franzida.

– Ia mesmo.

– Então, Mickey, você será Pumba e eu serei – ele pôs a máscara – Timão. Entendeu? Timão e Pumba? *Hakuna matata*. Vamos, ponha a sua. Isso será prático, mas também divertido.

Não me mexi.

Colherada tirou a máscara do rosto.

– Há câmeras de vigilância lá dentro. Se algo der errado, não queremos que alguém nos reconheça.

Olhei para Ema. Ela deu de ombros. Colherada tinha razão.

Ele pôs de novo sua máscara e se tornou um suricato sorridente.

– Mickey, com a altura que você tem deveria se curvar. Na verdade, todos nós deveríamos mudar nosso modo de andar. Ema, em vez de seu costumeiro andar altivo e irritado, você podia rebolar ou algo do gênero.

– Rebolar?

– Ou algo do gênero. Para que não possam identificá-la.

- Não vou rebolar.
- Ou algo do gênero.
- Também não vou fazer algo do gênero.
- Acho que as máscaras serão suficientes – concluí.

Colherada encolheu os ombros.

- Façam como quiser.

Fomos na direção da porta da escola. Colherada passou seu cartão-chave. Ouvi um clique e a porta se abriu. Olhei para Ema em busca de conforto, mas em lugar do rosto dela vi o de Mufasa. Bem, Mufasa parecia bastante resoluto, por isso segui Colherada para dentro.

– Não há gravação de áudio aqui – explicou Colherada em sua voz normal, sem diminuir o volume. O som foi alto e estridente e ecoou no corredor silencioso. – Há câmeras em todos os corredores. Elas filmam de cima, mas, como estamos usando máscaras, isso não importa muito.

Ele virou para a direita. Nós o seguimos.

– Aquela é a sala de aula da Sra. Nelson. Vocês sabem o que meu pai me disse? Que ela guarda velhas roupas íntimas e meias debaixo da escrivaninha. E não são do tipo sexy. Vocês já viram a Sra. Nelson? É de dar medo, não é? Mas meu pai disse que ela tem uma bela coleção de meias. De todas as cores e estilos. Querem vê-la?

- Não – respondi.

– Tudo bem. As portas das salas de aula nunca são trancadas. Por risco de incêndio ou algo assim. A menos que haja um confinamento. Vocês sabem o que é isso? Vejam bem, todas as salas têm um botão do pânico debaixo da escrivaninha da professora. No caso de um tiroteio na escola ou algum tipo de emergência, ele envia um alarme e a escola entra em confinamento. Legal, não é?

Felizmente, chegamos ao armário de Ashley. Colherada examinou o cadeado.

– É, como eu suspeitava. Um cadeado Sevier com segredo. – Ele balançou a cabeça. – Realmente uma pena.

- Você tem uma chave para abri-lo?

Timão olhou para mim. Era muito estranho olhar para meu amigo e ver o rosto sorridente de outro ser.

- Não, é claro que não. Não está dentro do regulamento.

- Então o que devemos fazer? – perguntou Ema.

Colherada pegou uma alavanca de pneu, enfiou-a na argola da tranca e virou-a com força. Ela cedeu com um clique como se fosse feita de porcelana.

- Voilà – disse Colherada.

Foi quando ouvi um barulho. Fiquei paralisado.

- Vocês ouviram isso? – sussurrei.

- Ouvimos o quê? – perguntou Colherada/Timão.

Olhei para Ema/Mufasa. Encarei sua máscara como se pudesse ver o rosto dela.

- Ema?

- Vamos nos apressar.

Colherada removeu o resto da tranca quebrada. Quando terminou, deu um passo para trás e fez um gesto para eu assumir o controle. Estendi o braço, abri o armário e espiei lá dentro.

Havia uma sacola de ginástica.

Eu a tirei e deixei cair no chão. Nós três ficamos ao redor dela e olhamos para baixo. Inclinei-me e abri o zíper. O som ecoou nos corredores silenciosos como o de um rasgão gigantesco. Por um momento, ninguém falou.

– Ah, meu Deus! – exclamou Colherada.

A primeira coisa que vi foi o dinheiro – maços e mais maços de notas presas com elásticos. Era impossível dizer quanto. Ema se abaixou, pegou um deles e passou os dedos.

– São todas de cem dólares – disse ela.

– Vocês sabiam que Benjamin Franklin era um excelente nadador? – indagou Colherada.

– Agora não, Colherada.

Ema afastou alguns maços para o lado e foi então que viu os sacos plásticos cheios de pó branco.

– Vocês acham que isso é droga? – perguntou Colherada.

– Acho que não é talco para bebê – respondi.

– Precisamos levar isso para a polícia – comentou Ema.

Colherada se aprumou de novo.

– Está brincando, não é?

– Não.

– Nós entramos ilegalmente na escola – lembrou Colherada, inquieto. – Arrombamos ilegalmente este armário. Sabe em que encrenca nos metemos?

– Ele tem razão – observei.

– E quem vai acreditar que apenas encontramos isso? – continuou Colherada, erguendo os braços agitados para o ar. – Suponham que achem que somos os traficantes das drogas. Sabem, já não tenho uma boa reputação. Vão me mandar para o xilindró.

– Xilindró? – repetiu Ema.

– Prisão, cadeia, cárcere, xadrez, cana...

– Ok, Colherada – disse eu.

– Não podemos dizer a ninguém que encontramos isso – insistiu Colherada. – Não entendem?

Imaginem um gostosão como eu preso.

– Relaxe – falei. – Ninguém vai preso.

– E suponham que não acreditem em nós? – prosseguiu Colherada. – Suponham que digamos a verdade, eles acreditem e tudo leve a Rachel. Como ela vai explicar isso?

Silêncio. Até mesmo Ema sabia que o que ele estava dizendo fazia sentido.

– Precisamos pensar – afirmei.

– Rápido – acrescentou Colherada.

– Também não podemos simplesmente deixar isso pra lá – opinou Ema. – Agora sabemos o que aconteceu. A mãe de Rachel falou sobre o quanto o marido era mau. Rachel investigou. Encontrou esta sacola, a escondeu e entrou em contato com o Abrigo Abeona, certo?

Assenti, lembrando-me da conversa com Cabeça Raspada. Ele achou que Rachel tinha me dado um pacote. Perguntei-me por que Rachel não havia me contado sobre isso, mas agora entendia. A mãe dela foi morta por causa dessa sacola. A própria Rachel levou um tiro. Se me contasse onde ela estava... também estaria me colocando em perigo.

– Nesse meio-tempo – continuou Ema –, o pai de Rachel ou aqueles bandidos tentaram descobrir o que aconteceu com a sacola. Acharam que Rachel a tinha levado...

– Não – repliquei. – Provavelmente acharam que a mãe de Rachel a havia levado.

– Certo. Então foram atrás dela e sabemos o que aconteceu depois.

– Ela acabou morta.

– Temos que ir – afirmou Colherada. – Vamos pôr a sacola de volta no armário e tentar não pensar nela.

– Isso também não vai dar certo – falei. – A tranca está quebrada. Não podemos deixá-la em um armário sem tranca.

– Então o que vamos fazer? – perguntou Ema.

– Entregá-la para nós.

Virei-me na direção da voz áspera. Os dois homens que vi no carro na casa de Rachel estavam lá. Ambos tinham armas. Scarface, aquele contra o qual o detetive Waters me prevenira, ordenou:

– Ninguém se mova. Ponham as mãos para cima.

– Mas se não devemos nos mover, como podemos pôr as mãos para cima? – indagou Colherada.

Scarface apontou sua arma para o peito de Colherada.

– Está bancando o espertinho comigo?

– Não, não, tudo bem – disse eu, com a maior calma possível. – Todos nós vamos fazer exatamente o que você está dizendo. Você é quem manda aqui.

– Pode apostar que sim – retrucou Scarface, voltando sua atenção para mim. – Agora tirem essas máscaras idiotas.

– Mas se não devemos nos mover... – começou Colherada.

– Colherada – interrompi-o.

Balancei a cabeça para indicar que ele devia calar a boca. Tiramos nossas máscaras e as deixamos cair no chão.

Scarface pôs sua arma no bolso. Seu parceiro, um homem enorme, continuou com a dele apontada. Mesmo no escuro e em um recinto fechado, estava de óculos de sol, e tinha o rosto mais inexpressivo que eu já vira. Parecia um assassino frio e entediado para quem tanto fazia atirar em nós ou não. Eu não sabia o que fazer ou dizer, por isso apenas permaneci em silêncio.

Scarface se dirigiu à sacola de ginástica. Abaixou-se e olhou para dentro.

– Está tudo aí? – perguntou Óculos Escuros.

– Parece que sim – respondeu Scarface. Ele se levantou e sorriu para mim. – Obrigado por encontrar nossas coisas para nós, Mickey.

– Como sabe meu nome?

– Muito simples. Achamos que Rachel ou a mamãe dela tinham roubado nosso pacotinho do papai. Por isso verificamos os registros das chamadas do celular dela. Pelo visto, ela telefonou para você logo antes do grande banguê-banguê, por isso imaginamos que talvez você, o namorado dela, a tivesse ajudado a escondê-lo. Então começamos a segui-lo. Moleza, certo?

Aquela conversa infantilizada era irritante, para dizer o mínimo.

– Certo – respondi. – Você conseguiu suas coisas. Agora podemos ir.

Scarface sorriu para Óculos Escuros. O canto dos lábios do outro se contraiu. Não gostei daquilo.

Scarface fechou o zíper da sacola.

– Quando seguimos você até aquela casa incendiada, por um segundo pensei que Rachel tinha escondido a sacola lá e ela tivesse sido queimada. Teria sido muito, muito ruim.

– Mas esse não foi o caso – repliquei, me aprumando para tentar ficar um pouco mais alto. – Suas coisas estavam aqui o tempo todo. Agora as recuperou.

– É – concordou Scarface. – Eu sei. Só há um problema.

Engoli em seco. A pequena pontada de medo em meu peito começou a se intensificar, dificultando minha respiração.

– Qual?

– Vocês viram nossos rostos.

– Não diremos uma palavra – garantiu Ema.

Scarface voltou sua atenção para ela. Quando se aproximou de Ema, tentei me colocar no meio, mas ele me impediu com um olhar cruel, de quem gosta de machucar os outros. De quem, observei com crescente horror, nunca seria movido pela razão.

– Esperam que eu apenas confie em vocês, gracinhas? – perguntou Scarface. Agora o rosto dele estava a apenas centímetros de Ema. Ela parecia prestes a chorar. – Esperam que a gente apenas os deixe ir?

– Meus braços estão ficando cansados – comentou Colherada. – Posso abaixá-los?

Scarface se virou na direção dele.

– Eu disse para você não se mover.

– Sim, você disse, mas depois fez com que nos movêssemos duas vezes, uma para pormos as mãos para cima e outra para tirarmos as máscaras. – Colherada deslizou para a direita. – Então essa coisa toda de “não se mova” parece mais uma diretriz do que uma ordem rígida, entende o que eu quero dizer? Por isso eu esperava, vendo como meus braços estão realmente cansados...

Então Colherada fez o impensável.

Aproveitando a distração que sua idiotice provocava, ele pulou sobre Óculos Escuros. O movimento surpreendeu todos.

E então ouvi a arma disparar. E Colherada caiu no chão, sangrando.

capítulo 38

POR UM BREVE INSTANTE, ninguém se moveu.

Foi como um flash – um instante fugaz que ficará para sempre na minha mente. Você já teve um momento como esse, que durou menos que um piscar de olhos e, contudo, permanece com você para sempre? Foi como se o tempo de fato tivesse parado. Eu me lembro de tudo. Do som do tiro. De Colherada caindo para trás. De Ema gritando. De Colherada no chão, da mancha vermelha em sua camisa se espalhando, seu rosto perdendo cor, seus olhos fechados.

Nunca me esquecerei de nada disso.

Mesmo naquele flash, que não pode ter durado mais de meio segundo, senti-me dominado por uma culpa nauseante.

Eu tinha provocado aquilo. Tinha feito Colherada levar um tiro.

Mas embora parte de mim estivesse arrasada e em pânico, outra parte confiou em meu treinamento de artes marciais. Em algum lugar dentro de mim, de repente fiquei calmo. Não podia deixar o sacrifício de Colherada ser em vão. Com toda a sua imaturidade, ele entendera a verdade. Aqueles dois homens iam nos matar. Ele percebeu que alguém precisava tomar uma atitude. Alguém tinha que fazer algo, mesmo se isso significasse se sacrificar.

Colherada os havia distraído. Eu podia ficar parado e chorar.

Ou tirar vantagem da situação.

O que houve depois foi um ataque de fúria rápido. Parecia que uma centena de coisas haviam acontecido durante um longo período de tempo, mas quando pensei mais tarde sobre os acontecimentos, soube que só tinham se passado alguns segundos desde o momento em que Colherada levou o tiro até quando tudo terminou.

Primeiro todos nos movemos ao mesmo tempo. Foi como se alguém de súbito tivesse nos descongelado e nos carregado para um tornado. Fui o primeiro a reagir. Comecei a ir na direção de Óculos Escuros, embora Scarface estivesse no caminho. Ema se jogou no chão para cuidar de Colherada. Scarface se virou para mim. E Óculos Escuros apontou sua arma.

Eu estava muito longe dele.

Fui rápido; tinha me antecipado a eles. Mas ainda estava a muitos metros de distância para alcançar Óculos Escuros antes de ele puxar o gatilho de novo. Tentei calcular as probabilidades. Podia esperar que ele errasse, mas as chances eram remotas. Eu era um alvo fácil demais.

Então o que fazer?

Para começar, não ser um alvo fixo. Quando Óculos Escuros começou a puxar o gatilho, saltei de repente para a esquerda e me engalfinhei com Scarface. A bala passou zunindo por mim. Então mantive o corpo de Scarface entre a trajetória da arma e eu. Scarface não esperava aquele ataque. Enquanto caíamos para trás, envolvi seu pescoço com meu braço. Ao atingirmos o chão, dei um mata-leão, apertando com força. Seus olhos se esbugalharam e ele emitiu um som de sufocação.

Era exatamente o que eu queria.

É claro que se aquilo fosse tudo, se minha única preocupação fosse Scarface, eu poderia ter ficado

bastante feliz. O maior problema era Óculos Escuros. Ele havia se recuperado rapidamente da surpresa provocada pelo meu ataque e agora ia em nossa direção com sua arma apontada.

Eu só podia me esconder atrás de Scarface por algum tempo – e por “algum tempo” quero dizer “talvez mais um segundo”.

Óculos Escuros ficou em pé acima de nós. Ele mirou em mim. Mesmo deitado, dei-lhe um chute na canela. Ele praguejou, sacudiu a perna, deu um passo para trás e apontou a arma de novo.

Percebi que era o fim. Eu não podia fazer nada. Estava acabado.

Scarface rolou para o lado, tossindo, tentando recuperar o fôlego. Isso demoraria um pouco, mas realmente não importava. Até lá, eu já estaria morto. Óculos Escuros mudou um pouco de posição para que meu peito ficasse na mira. Eu ia erguer as mãos em rendição, mas sabia que não adiantaria. Estava olhando para aquele sorrisinho de novo, a última coisa que veria, quando ouvi um grito.

Era Ema.

Ela pulou sobre as costas de Óculos Escuros, seu impulso o jogando para frente. Ele conseguiu se manter em pé, mas com dificuldade. Ema pôs os braços ao redor do pescoço dele e o apertou com toda a força que tinha. Sem hesitar, rolei na direção de Scarface e desferi um golpe em seu pescoço, mas não o atingi em cheio.

Óculos Escuros tentou usar sua mão livre para soltar o braço de Ema, mas ela era muito mais forte do que ele esperava. Ele ergueu a arma na direção de Ema, como se fosse tentar atirar nela. Ema estava preparada para isso. Tirou o braço direito do pescoço de Óculos Escuros e bateu na mão dele.

A arma caiu no chão.

Agora era a minha hora!

Mergulhei para pegar a arma, mas Óculos Escuros ainda não estava fora de combate. Ele chutou a arma com o pé direito um momento antes que eu a alcançasse. Ela deslizou pelo chão recém-encerado. Não havia tempo para ir atrás dela. Scarface começava a se recuperar. Ele também tinha uma arma.

Óculos Escuros cambaleou, tentando tirar Ema de cima dele, mas ela resistiu. Então ele cambaleou para trás e bateu com ela nos armários duas vezes, atingindo o rosto de Ema com a parte de trás da própria cabeça. Isso funcionou. Ema afrouxou os braços e caiu no chão, zonzinha. Óculos Escuros se virou na direção dela, mas, quando gritei, se voltou para mim. Ema aproveitou a distração para rolar para dentro de uma sala de aula, fora do alcance dele.

Enquanto isso, Scarface estava se mexendo de novo – ainda com uma arma.

Saltei para trás na direção do bandido, mas dessa vez ele estava preparado. Rolou sobre suas costas e deu um chute em meu plexo solar. Fiquei sem ar. Ao cair no chão, apliquei-lhe um desajeitado golpe com o cotovelo. Fui bem-sucedido – atingi o nariz dele e, pelo som, eu soube que tinha quebrado.

Mas antes de eu conseguir me levantar, Óculos Escuros também veio sobre mim. Ele me chutou com força nas costelas. Estatelei-me no chão. Ele deu outro chute. Gemi. O terceiro fez minha cabeça começar a girar. Achei que ia vomitar. Fiquei deitado lá, indefeso.

O chute seguinte me tirou o resto das forças.

Eu estava perdendo a consciência, quase pronto para me entregar, quando meu olhar passou por Scarface e repousou em Colherada. Seus olhos ainda estavam fechados. Seu rosto estava totalmente pálido. O sangue vertia da ferida aberta. Eu não sabia se ele estava vivo ou morto, mas de modo algum o deixaria sangrar até a morte.

Eu tinha que fazer algo, e a resposta de repente foi óbvia.

A arma de Scarface.

Estava no bolso de trás dele. Se eu conseguisse alcançá-la...

Óculos Escuros percebeu o que eu ia fazer. Sorriu para mim e se preparou para me dar outro chute que provavelmente acabaria comigo, mas de súbito o ar foi sacudido pelo som de um alarme.

– Confinamento! – entoou uma voz pelo alto-falante. – Confinamento... Confinamento!

Ema! Por isso ela tinha rolado para dentro da sala de aula – para apertar o botão do pânico do qual Colherada nos havia falado. A distração era tudo de que eu precisava. Com um último gemido, estendi a mão para a arma no bolso de trás de Scarface. Eu a puxei, mas ela não saiu. Óculos Escuros olhou para mim. Ele recuou para me dar outro chute, mas não teve tempo.

Consegui pegar a arma e a apontei para ele.

– Parado!

Óculos Escuros parou e ergueu aos poucos as mãos acima de sua cabeça. Arrastei-me para longe, continuando a apontar a arma para ele e me certificando de que também estava longe o suficiente de Scarface.

O alto-falante continuava a entoar:

– Confinamento... Confinamento...

Ema correu de volta para o corredor e se ajoelhou perto de Colherada.

– Colherada? Arthur? – Sua voz foi uma súplica chorosa. Ela segurou a cabeça de Colherada. – Fale comigo, está bem? Por favor?

Ema chorava. Eu chorava. Mas Colherada não se moveu.

Ouvi sirenes distantes se aproximando. Virei-me e olhei para Scarface e Óculos Escuros. Parte de mim esperava que fizessem um movimento, porque queria atirar neles pelo que haviam feito.

Eles devem ter percebido por minha expressão. Nenhum dos dois se moveu.

Olhei para Ema.

– Ele está...?

– Não sei, Mickey. Não sei.

capítulo 39

NÃO SEI QUANTO TEMPO se passou.

Quando os policiais chegaram, me cercaram e disseram para eu abaixar a arma. Obedeci. O resto foi apenas uma névoa obscura. Óculos Escuros e Scarface foram algemados. Paramédicos correram para Colherada. Ema ficou sentada, segurando a cabeça dele, tentando estancar o fluxo de sangue. Também corri na direção de Colherada porque, por um momento – um momento muito breve –, temi que um dos paramédicos fosse o homem louro que levara meu pai. Temi que ele fosse embora com Colherada de maca e eu nunca voltasse a vê-lo.

Mickey, o que você fez?

Eu tinha sido avisado, não tinha? O detetive Waters havia me dito claramente para não me envolver, mas eu não o ouvira. Uma coisa era pôr minha vida em risco. Mas veja o que eu fizera com Colherada.

Acho que nunca me perdoarei.

Não sei quantos policiais apareceram. Lembro-me das luzes intermitentes de uma longa fila de ambulâncias rasgando o céu tranquilo da noite. Nas horas seguintes – não sei dizer quantas –, respondi a perguntas. Eu indagava repetidas vezes: “Como ele está?”

Mas não quiseram me falar qual era o estado de Colherada.

Na maior parte do tempo, eu disse a verdade, mas então me perguntaram:

- Como vocês entraram na escola?
- Arrombei a porta – menti.
- Garoto – disse-me o policial, sério –, arrombar a porta da escola é o menor dos problemas do seu amigo.

Vários policiais chegaram e saíram, inclusive o chefe Taylor e o detetive Waters. O humor deles variava entre a irritação e a satisfação – porque tínhamos sido imprudentes e feito Colherada levar um tiro e porque tínhamos resolvido o caso de quem havia atirado na Sra. Caldwell e em Rachel. Dois criminosos haviam sido capturados e passariam um longo tempo na prisão. As câmeras de vigilância comprovariam isso, além do fato de que eles portavam armas Smith & Wesson calibre 38, do mesmo tipo usado para atirar na Sra. Caldwell e em Rachel.

Em dado momento, tio Myron apareceu. Ele assumiu os duplos papéis de guardião em pânico e advogado. Disse-me imediatamente para parar de falar com a polícia. Mas eu lhe fiz um sinal com a mão para não se preocupar. Eles precisavam saber. Então tio Myron se sentou perto de mim e também ouviu.

A última pessoa a me interrogar foi o detetive Waters. Quando ele terminou, perguntei:

- Isso ajuda a resolver seu outro caso?
- Que caso?
- O do Sr. Caldwell. Ele é um traficante de drogas, não é?

O Sr. Waters olhou de relance para Myron e depois de novo para mim.

- Isso não é da sua conta.

- Vai prendê-lo?
- Sob qual acusação?

Eu o encarei.

- Acabei de lhe dizer. As coisas naquela sacola de ginástica...
- O que tem?
- Vieram da casa dele.

– Você tem alguma prova? Como vamos provar que elas pertenciam a Henry Caldwell? Se você tivesse deixado a sacola aqui e nos contado sobre ela, talvez algo pudesse ser feito. E agora?

Ele balançou a cabeça e saiu pela porta.

Quando Ema e eu nos encontramos na sala de espera do hospital, o sol estava a pino. Tio Myron e Angelica Wyatt quiseram nos levar para casa, mas não estávamos dispostos a abandonar Colherada. Ficamos sentados: Ema e eu em um canto, Angelica – usando óculos escuros e um lenço na cabeça como disfarce – e Myron em outro.

– Uau – disse Ema.

– É.

Os olhos dela estavam vermelhos de choro e exaustão. Imaginei que os meus também estivessem.

– Ele vai ficar bem – assegurei.

– É melhor que fique, ou vou matá-lo.

Alguns minutos depois, vimos uma mulher negra e magra entrar na sala de espera como um zumbi, parecendo muito pior do que nós. Era a mãe de Colherada. Nós nunca conversamos com ela, mas eu a tinha visto abraçar o filho quando o deixei em casa. A desolação estava estampada em seu rosto. Seus olhos tinham aquela expressão muito distante que às vezes você vê em documentários de guerra.

Olhei para Ema. Ela respirou fundo e fez um sinal afirmativo com a cabeça. Nós nos levantamos juntos e começamos a ir na direção da mãe de Colherada. Pareceu demorar uma eternidade para alcançá-la, como se, quanto mais andávamos, mais longe ela ficava.

Quando finalmente nos postamos na frente da Sra. Spindel, ela estava com a cabeça abaixada. Não sabíamos o que dizer, por isso ficamos apenas em pé ali, esperando. Pouco tempo depois, ela ergueu os olhos para mim e, quando me reconheceu, seu rosto se obscureceu.

– Você é Mickey – afirmou ela. – E você é Ema.

Ambos assentimos.

– O que vocês estão fazendo aqui?

– Nós só queríamos saber como Colherada, quero dizer, Arthur, está passando.

Ela fitou Ema e depois me encarou.

– Ele... ele não está bem.

Foi como se o meu coração estivesse no alto de uma longa escada e alguém o jogasse lá de cima.

– Ele saiu da cirurgia, mas os médicos... eles não sabem.

– Se houver alguma coisa... – tentei falar, mas não consegui continuar. Meus olhos começaram a marejar.

– Não entendo por que vocês estavam na escola tão tarde – falou a mãe de Colherada.

– Foi culpa minha – revelei, em lágrimas.

Ema estava prestes a acrescentar algo, mas eu a cutuquei no braço.

Vi uma sombra perpassar o rosto da Sra. Spindel e então ela disse algo que eu não esperava, mas certamente merecia.

– Ah, eu sei que foi culpa sua.

Fechei os olhos com força, suas palavras me atingindo como socos.

– Até uma semana atrás, eu nunca tinha ouvido falar em você. Agora Arthur não fala de outra coisa. Ele queria que todos comessem a chamá-lo de Colherada. Disse que seu novo amigo tinha lhe dado esse apelido.

Meu coração se espatifou no último degrau da escada e agora estava sendo pisoteado por um coturno.

– Você era amigo de Arthur – continuou ela. – Talvez o primeiro verdadeiro amigo desde a quarta série. Provavelmente você não sabe o quanto significava para meu filho. Ele o respeitava. Adorava você, e como lhe retribuiu? Você o usou. Você o usou para abrir um estúpido armário e agora veja o que aconteceu. – Ela desviou os olhos, desgostosa. – Espero que o que estava lá tenha valido a pena para você.

Abri e fechei a boca duas vezes, sem conseguir falar nada. O que poderia dizer?

– Acho que vocês dois deveriam ir embora – falou ela.

– Não.

Virei-me na direção da voz e reconheci o Sr. Spindel, o pai de Colherada.

Ela ergueu os olhos para seu marido e esperou.

– Arthur acabou de acordar – avisou o Sr. Spindel, virando-se e me encarando. – E ele está insistindo em falar com Mickey.

capítulo 40

HAVIA TUBOS, MÁQUINAS E BIPES. Havia cortinas, cheiro de antissépticos e monitores com luzes verdes. Não vi nada disso. Tudo o que vi quando entrei no quarto foi meu amigo deitado no meio daquela horrível parafernália.

Colherada parecia muito pequeno naquela cama. Pequeno e frágil como um pássaro ferido.

A voz da Sra. Spindel – *Ah, eu sei que foi culpa sua* – ainda ecoava em meus ouvidos.

A médica, uma mulher alta com cabelos puxados para trás, pôs uma das mãos em meu ombro.

– Normalmente eu não permitiria isso, mas ele está muito agitado. Preciso que você seja breve e o mantenha calmo.

Assenti e andei devagar na direção da cama de Colherada. Minhas pernas pareciam de borracha. Parei um instante porque as lágrimas começavam a surgir. Virei-me, mordi meu lábio com força e me recompus o suficiente. Ficar histérico não ajudaria Colherada em nada. Eu sabia que para mantê-lo calmo precisava estar calmo.

Quando cheguei à cama, tive vontade de pegá-lo no colo, levá-lo para casa e de algum modo voltar no tempo, para o dia anterior. Tudo estava muito errado, com meu amigo deitado ali naquele hospital.

– Mickey?

Colherada pareceu tentar se mover. Pareceu aflito. Abaixei-me, aproximando-me dele.

– Estou bem aqui.

Colherada ergueu sua mão e eu a tomei. Ele tentava falar.

– Shh – fiz. – Apenas melhore, está bem?

Colherada balançou a cabeça fracamente. Aproximei meu ouvido de sua boca. Ele demorou alguns segundos, mas enfim disse:

– Rachel ainda está em perigo.

– Não, Colherada. Você salvou todos nós. Acabou.

O rosto de Colherada ficou tenso.

– Não, não acabou. Você não pode ficar sentado aqui sem fazer nada. Tem que salvá-la. Você não pode desistir até descobrirmos a verdade.

– Fique calmo, está bem? Aqueles dois caras que atiraram nela estão na cadeia.

Vi uma lágrima escorrer por seu rosto.

– Eles não fizeram isso.

– É claro que fizeram.

– Não, me escute. Saia daqui e a ajude. Prometa para mim que vai fazer isso.

Colherada estava ficando mais agitado. A médica veio rapidamente e me avisou:

– Acho que já basta. Espere na outra sala.

Ela começou a pôr algo no tubo intravenoso, talvez um sedativo. Tentei soltar a mão de Colherada, mas ele a apertou com mais força.

– Vai ficar tudo bem, Colherada.

As enfermeiras também foram para o lado da cama. Tentaram mantê-lo deitado e me afastar.

– Rachel levou um tiro na casa dela – conseguiu dizer Colherada.

– Eu sei, Colherada. Está tudo bem. Acalme-se.

Mas ele de repente adquiriu uma nova força em seu braço. Puxou-me para perto, desesperado.

– Você falou que eles perguntaram qual era a casa de Rachel. Lembra? Quando os viu pela primeira vez na rua?

– Sim. E daí?

A médica acabou de injetar a medicação. O efeito foi imediato. Colherada afrouxou a mão. Eu estava prestes a me afastar, mas agora...

Aquela é a casa dos Caldwells?, ouvi na minha mente a voz de Scarface. Colherada ergueu os olhos para mim e me fez o mesmo questionamento que eu me fazia:

– Se aqueles dois caras já tivessem estado na casa, por que perguntariam isso?

capítulo 41

COLHERADA TINHA RAZÃO.

Fui empurrado para fora do quarto. O Sr. e a Sra. Spindel estavam no corredor. Eles passaram às pressas por mim e entraram no quarto. Demorou alguns minutos, mas Colherada voltou a ficar estável de novo. Pensei ter ouvido uma das enfermeiras dizer algo sobre as pernas dele não se moverem, mas de imediato afastei esse pensamento. Não podia lidar com isso. Não agora.

Quando voltei para a sala de espera, puxei Ema pelo braço. Nós encontramos um canto quieto longe da televisão.

– O que aconteceu? – perguntou Ema. – Ele está bem?

Expliquei rapidamente o que Colherada dissera.

– Não sei, talvez estivessem apenas lhe pregando uma peça – arriscou Ema.

Franzi a testa.

– Uma peça?

– Brincando.

– “Aquela é a casa dos Caldwells?” – imitei Scarface. – Isso parece uma brincadeira?

– Não sei. Talvez estivesse escuro quando eles foram lá pela primeira vez.

– E daí?

– Talvez não soubessem ao certo qual era a casa de dia.

Franzi ainda mais a testa.

– Improvável, não é? – perguntou ela.

– Muito – respondi. – Há um portão lá. Se você tivesse conseguido entrar antes e atirar em duas pessoas, não acha que se lembraria de onde era a casa?

Ema assentiu devagar, agora entendendo.

– Além disso, por que atirariam nelas? Em tese, esses dois caras queriam recuperar a sacola de ginástica. Sei lá, eles não tentariam arrancar a informação das duas? Do que adiantaria apenas atirar?

– Exatamente. E se você entrasse lá para recuperar o pacote, não reviraria o lugar? Eles queriam o dinheiro e as drogas de volta. Por que não procurar o pacote? Por que apenas atirar nas duas pessoas que podiam dizer onde estava?

A conclusão da polícia já não fazia sentido.

– E tem mais – continuei.

– O quê?

– Por que o Sr. Caldwell estava todo amigável com eles quando os vi na casa? Quero dizer, o Sr. Caldwell sabia que eles haviam acabado de atirar na ex-esposa e na filha dele, certo?

– Certo. – Ela balançou a cabeça. – Temos que considerar outra possibilidade.

– Qual?

– Vamos recapitular? O pai de Rachel é um traficante de drogas. Ele quis manter a ex-esposa trancafiada durante anos para se proteger. Agora ela está de volta. Rachel dá à mãe o benefício da

dúvida e rouba o dinheiro e as drogas do pai.

Ema parou de falar. A verdade estava bem ali na nossa cara, mas nenhum de nós queria dizê-la.

– Ele não atiraria na própria filha – afirmei.

– Tem certeza?

– Não consigo acreditar nisso.

– O homem sacou uma arma para você.

– Para protegê-la. Porque estava preocupado com ela.

Ponderamos sobre isso por um tempo.

– Pode ter sido um acidente – arriscou Ema.

– Como assim?

– Pense em todo o cenário. O pai de Rachel descobre que o dinheiro e as drogas dele sumiram.

Volta para casa e, para seu espanto, a ex-esposa está lá. Eles discutem. Ele saca uma arma. Talvez haja uma briga. Rachel os surpreende. Ele pode ter atirado em Rachel acidentalmente.

Aquilo fazia sentido. Ainda assim...

– Tem mais uma coisa – falei.

– O quê?

– Qual é a do chefe Taylor? Por que ele tem se encontrado com Henry Caldwell? Por que fica se preocupando com o que Rachel dirá sobre os tiros? É apenas uma coincidência ele ter sido o primeiro a chegar à cena do crime?

– Espere – pediu Ema, erguendo as mãos para que eu parasse. – Sei que temos problemas com ele e Troy, mas você está sugerindo...?

– Não sei bem. Mas Colherada tem razão. Precisamos sair daqui. Estaremos em perigo enquanto não descobrirmos quem atirou em Rachel.

capítulo 42

TIO MYRON FICOU EM SILÊNCIO durante a volta de carro para casa. Esperei muitas perguntas e um longo sermão, mas, como ele estava comigo durante todo o interrogatório, talvez tivesse concluído que não havia muito a questionar.

Aquela altura, eu não dormia havia mais de 24 horas. A fadiga estava se instalando, fazendo meus ossos parecerem pesados. Tio Myron parou o carro e disse:

– Você estava tentando ajudar uma amiga.

Aquilo pareceu mais uma afirmação do que uma pergunta, então eu permaneci calado.

– Eu entendo – continuou Myron. – A necessidade de salvar pessoas. Acho que é genética.

Eu não sabia se tio Myron queria dizer que eu a havia herdado dele, do meu pai ou de ambos.

– Você acha que está fazendo o bem. Entendo isso também. Mas quando você altera o equilíbrio...

Esperei um instante e respondi:

– Você acha que as pessoas deveriam recuar e apenas deixar as coisas seguirem seu curso?

– Não.

– Então o que está querendo dizer?

– Talvez nada. Ou talvez eu precise que você entenda que o que está tentando fazer não é fácil.

Não é simples. – Ele se mexeu no banco. – Imagine que há um monte de bibelôs em uma prateleira instável.

Arqueei uma sobrancelha.

– Bibelôs?

– Apenas acompanhe meu raciocínio, está bem? Se um deles se inclinar e começar a cair, você deve tentar pegá-lo. Mas se fizer isso com muita força ou desajeitadamente, poderá derrubar mais bibelôs. Talvez salve o primeiro, mas acabará quebrando outros.

Ele olhou para mim e eu o encarei.

– Tenho uma pergunta – comecei.

Myron ficou sério.

– Qual?

– Quando você diz bibelôs, está se referindo àqueles de que a vovó gosta tanto?

Ele suspirou.

– Acho que eu estava pedindo por isso, não estava?

– Porque não quero salvar nenhum desses. Eles me assustam.

Myron riu.

– Certo, certo.

– Não conte para a vovó, está bem?

– Espertalhão.

Nós saímos do carro e entramos em casa. Comecei a me dirigir ao porão quando Myron me fez uma última pergunta:

– Isso tudo tem algo a ver com dona Morcega ou seu desejo de exumar o corpo do seu pai?

Esse era um bom questionamento, que merecia uma resposta sincera.

– Eu não sei.

No porão, desabei na cama. Tinha que parar de pensar em Colherada. Se continuasse a pensar nele deitado no hospital, não faria nada. Colherada havia suportado a dor e pedido para me ver por um motivo. Não queria que desistíssemos. Queria que descobríssemos quem tinha atirado em Rachel. Apesar de eu querer me recolher e desistir, precisava atender àquele pedido.

Então qual era o próximo passo?

Meu celular tocou. Quando vi no visor que era Rachel, me sentei e atendi. A voz dela estava agitada e zangada.

– Como você pôde fazer isso comigo?

– Rachel?

– Há policiais por toda a minha casa.

– Eles estão fazendo perguntas sobre a sacola de ginástica?

– Tentaram fazer, mas meu pai não deixou que falassem comigo. Por que você fez isso, Mickey?

Por que não pôde apenas deixar isso pra lá?

– Estamos tentando ajudar. Estamos tentando...

– Sabe de uma coisa? – disparou ela. – Não quero falar sobre isso. Só telefonei para saber como Colherada está.

Pensei de novo no olhar da mãe de Colherada. Algum dia eu me esqueceria dele?

– Não sei. Ele está em uma condição crítica.

– Coitado.

– Só estávamos tentando ajudar a encontrar os atiradores.

– Quem lhe pediu para fazer isso?

Mas eu estava farto de ficar na defensiva.

– Você sabe a resposta, Rachel.

Ela sabia. O Abrigo Abeona.

– Estamos juntos nisso. Você podia ter confiado em nós. Podia ter nos dito que acreditava em sua mãe e que escondeu a sacola.

– Eu estava tentando proteger você.

– E eu estava tentando proteger você – repliquei, lembrando-me da metáfora boba de Myron com bibelôs. – E veja aonde isso nos levou.

Silêncio.

– Você foi ao Abeona pedir ajuda, não foi? – perguntei.

– Sim. Mas dona Morcega me disse para deixar isso pra lá. Como se eu pudesse. Como se eu pudesse me esquecer de que meu pai trancafiou minha mãe em um hospício durante tantos anos. Então escondi a sacola de ginástica no armário. Só até poder convencê-los de que isso era importante para mim ou, sei lá, ganhar algum tempo. Mas fiz besteira, Mickey. E aqueles dois homens foram atrás da minha mãe.

– Não.

– Não o quê?

– Eles não mataram sua mãe.

– Do que você está falando? O chefe Taylor está aqui. Ele disse que o caso está encerrado.

O chefe Taylor de novo.

– O que mais ele disse?

– Que eles estavam com a arma do crime. Que o teste da balística provará.

– *Provará?*

– Sim.

– Como ele sabe o que o teste *provará*?

– Isso não é óbvio?

– Eles não a mataram, Rachel. Colherada percebeu isso. Quem matou sua mãe ainda está livre.

– Isso é impossível.

Comecei a explicar todas as coisas erradas no cenário oficial. Rachel ouviu em silêncio. Quando terminei, ela perguntou em uma voz surpreendentemente calma:

– Você acha que meu pai atirou em nós?

– Não sei. Quero dizer, pode ter sido um acidente.

– Não vejo como. Alguém no outro lado da sala atirou em mim, mas minha mãe levou um tiro à queima-roupa na cabeça. Como isso poderia ter sido um acidente?

– Talvez – arrisquei, lembrando-me da teoria de Ema – sua mãe tenha sido alvejada de propósito, mas você, acidentalmente.

Ficamos em silêncio. Rachel tinha certa razão com relação aos fatos, mas algo ainda me incomodava.

– Mickey?

– Sim?

– Eu amo meu pai.

– Eu sei.

– Ele nunca me machucaria, mas...

– Mas o quê?

– Mas ele e o chefe Taylor são bons amigos. E ambos têm agido de modo muito suspeito.

Apertei o telefone com um pouco mais de força. O Sr. Caldwell e o chefe Taylor eram amigos e, de algum modo, Taylor acabou sendo o primeiro policial a chegar à cena do crime. Essa era uma grande coincidência.

Eu estava gostando cada vez menos do caso.

– Acho que devemos falar com a polícia.

– Falar o quê? Somos apenas crianças. Não temos nenhuma prova. A primeira coisa que qualquer policial fará será contar para o chefe Taylor.

Isso era verdade.

– Ainda acho que essa é nossa melhor opção.

– Não, não é – retrucou Rachel, sua voz se tornando mais animada, como se um interruptor tivesse sido acionado. – Mickey?

– Sim?

– Você topa se meter em mais encrenca? Porque tenho uma ideia.

capítulo 43

QUANDO ENCERREI O TELEFONEMA com Rachel, liguei para Ema e lhe falei sobre o plano. Queria saber das últimas notícias sobre Colherada, mas não sabia para quem ligar e não queria perder o foco. Colherada deixara claro que não havia nada que eu pudesse fazer por ele. Tinha que me concentrar em descobrir a verdade.

Eu tinha oito horas antes de pormos em prática a ideia de Rachel – um tempo de inatividade de que eu precisava desesperadamente. Meu corpo estava dividido entre o sono e a comida e, como sempre, a comida venceu. Quando me dirigi à cozinha, vi que tio Myron assistia ao noticiário.

– Posso fazer um sanduíche ou alguma coisa para você? – perguntou ele.

– Não, eu mesmo faço.

Abri a geladeira. Tio Myron tinha comprado peru, queijo suíço, alface, tomate e bisnagas. Ótimo. Fiz o sanduíche em cerca de quarenta segundos. Peguei água gelada e comecei a voltar para o porão quando algo na televisão me fez parar no meio do caminho.

Myron percebeu.

– Mickey?

Eu o ignorei, mantendo meus olhos na tela. Myron se calou.

O âncora, com uma gravata muito verde, anunciou em um tom grave:

“Um triste aniversário se aproxima. Amanhã de manhã haverá uma cerimônia em memória de Dylan Shaykes, assinalando 25 anos desde que o pequeno Dylan, na época com 9, foi raptado no playground de sua escola e nunca mais foi visto.”

Olhei para a imagem na tela. Ah, não, pensei. Não pode ser...

“A história do pequeno Dylan rendeu manchetes internacionais. Sua fotografia foi posta em caixas de leite. Várias pessoas alegaram tê-lo visto em diversos lugares dos Estados Unidos e até mesmo na Europa. Na época, a polícia suspeitou seriamente de seu pai, mas William Shaykes nunca foi preso pelo crime. O sangue do jovem Dylan foi encontrado em um bosque próximo, mas nesses anos todos o corpo nunca foi encontrado. Portanto, o mistério permanece.

O jornal continuou a mostrar a fotografia de Dylan Shaykes com 9 anos. O menino tinha cabelos cacheados e olhar triste. Eu tinha visto aquela foto – aquela *mesma* foto – no corredor de dona Morcega. Havia outra foto de Dylan, tirada algum tempo depois do seu desaparecimento, na mesa de cabeceira de dona Morcega.

Outra apresentadora balançou a cabeça e comentou:

– Uma história triste, Ken.

– Sim, Diane. E sem uma nova pista depois de todos esses anos, provavelmente nunca saberemos o que aconteceu com o pequeno Dylan Shaykes.

Mas ele estava errado. Porque agora, olhando de novo para a fotografia, eu sabia.

capítulo 44

NADA DE DORMIR.

O garoto com cabelos cacheados e olhar triste assombrou meus sonhos. Dylan Shaykes. Ele estivera em caixas de leite e noticiários. Quando vi pela primeira vez aquela fotografia no corredor de dona Morcega, achei o rosto dele familiar. Pode ter sido por causa das histórias de crianças desaparecidas que ouvi ao longo dos anos. Mas eu duvidava.

Procurei na internet reportagens sobre o que acontecera conosco. Talvez porque nenhum de nós fosse importante, eram muito poucas. No site do canal de notícias local, o Kasselton Patch, havia um vídeo de uma coletiva de imprensa com o chefe Taylor anunciando as prisões de Brian Tart e Emile Romero – dois traficantes de drogas famosos com condenações anteriores por assalto à mão armada – pelo assassinato de Nora Caldwell e por atirarem na filha dela. O chefe Taylor deixou claro que agora eles tinham “evidência física que mostra sem sombra de dúvida” que Óculos Escuros e Scarface eram culpados. O caso de assassinato, enfatizou o policial, estava oficialmente resolvido.

Fiz uma careta. O chefe Taylor parecia muito ansioso para dar aquele assunto por encerrado, não parecia?

Às seis da tarde, Rachel, Ema e eu nos encontramos na Coventry Road, perto do shopping. Achei que nenhum de nós conseguiria dar uma escapada, mas fomos bem-sucedidos. Angelica Wyatt estava filmando uma cena importante e adiá-la por apenas um dia custaria aos estúdios meio milhão de dólares. Isso nos livrou de Angelica e de tio Myron. E Rachel foi deixada em paz depois que seu pai declarou que ela não falaria com as autoridades.

Eu tinha a sensação de que não havia muita vigilância na casa de Rachel.

– Ok, precisamos rever o plano? – perguntou Rachel.

– Acho que não – respondeu Ema. – Nós esperamos na porta dos fundos até você abri-la. Então entramos. Simples, não é, Mickey?

Elas duas olharam para mim. Eu estava com a testa franzida.

– Não gostei.

– Por que não? É perfeito – comentou Rachel.

Um olhar divertido surgiu no rosto de Ema. Mais uma vez, ela me entendia, porém, nesse caso, preferia que fosse o contrário.

– É, Mickey, qual é o problema?

– Não quero que mais ninguém se machuque – respondi.

Esse motivo não soou sincero para mim e, a julgar pelos olhares de Rachel e Ema, para elas também não.

Eis o plano de Rachel: quando ela namorou Troy – primeiro *argh* –, ficou sabendo que o chefe Taylor guardava cópias de todos os arquivos policiais importantes na casa dele. Não eram muitos. Kasselton não é uma cidade com muitos crimes – pelo menos, não até pouco tempo antes. Rachel sabia que os arquivos ficavam no escritório, perto da cozinha. Troy, o Grande Idiota, havia lhe

explicado no início do “relacionamento” deles – segundo *argh* – que o escritório do pai era uma zona proibida para todos, inclusive os membros da família.

O plano? Simples. Rachel já havia telefonado para Troy e perguntado se podia passar na casa dele. Troy estava ansioso por uma “reconciliação” – terceiro *argh* –, embora Rachel tivesse salientado várias vezes que o relacionamento não havia sido “sério” e nem “importante”.

– Se não foi importante – perguntei-lhe quando ela me contou isso –, como você conhece tão bem a planta da casa?

Ema pisou no meu pé. Eu não sabia se ela queria que eu calasse a boca ou se estava irritada comigo por eu me preocupar. Acho que as duas coisas.

Enfim, voltando ao plano: Rachel entraria na casa para “discutir a relação” – preciso continuar com os *arghs*? – com Troy. Ela pediria para usar o banheiro, deslizaria para a cozinha e abriria a porta dos fundos para nós. Ema e eu entraríamos no escritório do chefe Taylor. Lá, procuraríamos nos arquivos para tentar descobrir algo sobre os tiros na casa dos Caldwells, enquanto Rachel mantinha Troy “ocupado”.

Ok, um último *argh*.

– O que você quer dizer com “ocupado”? – eu tinha lhe perguntado, o que fez Ema pisar no meu pé de novo.

O que exatamente procuraríamos nos arquivos do chefe Taylor? Eu não fazia a menor ideia.

Dez minutos depois, vimos Rachel se aproximar da porta da frente. Ela tocou a campainha da casa dos Taylors e, então, fez aquela coisa com os cabelos que alguns poderiam chamar de “ajeitar”, mas sempre me deixava com a boca um pouco seca. Perto de mim, ouvi Ema suspirar.

Troy abriu a porta com o peito estufado como um galo presunçoso. Minhas mãos se fecharam, como que por vontade própria. Troy convidou Rachel a entrar e a porta se fechou atrás deles.

– Vamos – sussurrou Ema.

Nós nos dirigimos aos fundos pela casa vizinha e entramos no quintal dos Taylors. Eu adorava a ideia de ter acesso aos arquivos do chefe Taylor e descobrir o que ele tramava, porque eu *sabia* que ele escondia algo.

Só não gostava da ideia de Rachel ficar sozinha com Troy.

Ema e eu nos escondemos atrás de um arbusto perto da porta dos fundos. Eu sabia que Ema também estava pensando em Colherada, mas não podíamos nos distrair agora. Não havia nada que pudéssemos fazer por ele além de investigar quem atirara em Rachel.

Então era isso que iríamos fazer.

Pensei de novo no vigésimo quinto aniversário do desaparecimento de Dylan Shaykes. Não falei com Ema sobre isso porque não era algo urgente, ainda mais com toda a situação por que passávamos. Mas o Abrigo Abeona estava se tornando cada vez mais misterioso. Primeiro, a fotografia manipulada do Carniceiro de Lodz. Agora, a imagem daquele garotinho de olhar triste.

Mas não havia tempo para isso agora. Um som veio da porta dos fundos – uma fechadura de correr se abrindo.

– Está pronto? – perguntou Ema.

Assenti. Tínhamos combinado de não falar enquanto estivéssemos lá dentro, exceto em caso de emergência. Ema ficaria na porta do escritório e me informaria se Troy começasse a vir em nossa

direção ou outra pessoa chegasse à casa. Eu vasculharia a escrivaninha do chefe Taylor.

Quando minha mão tocou na maçaneta, um pensamento veio à tona: e as impressões digitais? Eu devia usar luvas. Agora não dava para fazer nada e, além disso, quem procuraria digitais? Não planejávamos roubar e, se fôssemos pegos em flagrante, ninguém precisaria procurar evidências físicas adicionais.

Girei a maçaneta e empurrei a porta. Ela se abriu com um rangido alto que me fez parar. Então ouvi Rachel dando uma horrível risada.

– Ah, Troy! – exclamou ela em alto e bom som, com uma voz melosa. – Isso é tãããoo engraçado!

Fiz uma careta, como se tivesse acabado de sentir um cheiro muito ruim.

Rachel deu mais algumas risadinhas. Confesso que, de repente, ela pareceu menos atraente. Então lembrei que aquilo era apenas uma encenação engenhosa para encobrir minha entrada sem jeito, e ela voltou a se tornar mega-atraente.

Ema e eu deslizamos para dentro e fechamos a porta. Rachel já havia nos informado de que o escritório do chefe Taylor ficava à esquerda. Andei na ponta dos pés naquela direção. Ema me seguiu. A porta do escritório estava totalmente aberta. Ema se virou e apoiou as costas na parede da cozinha. De lá, podia ver a porta dos fundos e a do escritório e o corredor que levava à saleta onde Rachel estava rindo com Troy.

O cômodo era cheio de troféus, placas e citações, todas envolvendo a polícia. Dois dos troféus – na forma de revólveres de bronze – eram por tiro ao alvo. Fantástico. Também havia um monte de fotografias de vários times de beisebol, basquete e futebol americano que o chefe Taylor treinara. Na parede do outro lado, havia diplomas e menções aos seus tempos de esporte, inclusive o título de melhor jogador de futebol americano do estado e...

Espere.

Não pude evitar. Aproximei-me para ver melhor. Era uma fotografia do time de basquete campeão estadual da Kasselton High School de 25 anos antes. Na fila da frente, segurando uma bola, estavam os capitães, Eddie Taylor e Myron Bolitar. Sim, tio Myron. Os dois pareciam amigos na foto e me perguntei o que dera errado.

Mas isso não importava agora.

Sentei-me à escrivaninha do chefe Taylor e pensei de novo nas digitais. Não havia tempo para isso. Vi uma cesta cheia de arquivos. Ao pegar um, ouvi Rachel dizer da outra sala:

– Troy, não faça isso.

A raiva aflorou. Estava pronto para me erguer e ir até lá, mas então parei. O que ia fazer, aparecer de supetão na frente deles? Além disso, Rachel parecia no controle. Se precisasse de mim, pediria ajuda, certo?

Eu não gostava daquela situação, mas era parte do plano de Rachel. Se eu fosse lá agora, ela me mataria. Hora de voltar ao trabalho.

O primeiro arquivo que peguei era bem leve. Vi a etiqueta. Tinha apenas três palavras: NORA CALDWELL – HOMICÍDIO.

Bingo. Achei que ter encontrado o arquivo tão facilmente havia sido um golpe de sorte, mas o assassinato de Nora Caldwell era de longe o caso mais importante da cidade. Por que não estaria na frente e no centro?

Ela olhou para mim. Ergui o polegar e abri o arquivo. Folhas de papel – coisa mais antiquada...

Na primeira página, estava escrito: RELATÓRIO DO EXAME DE BALÍSTICA. Tinha a data daquele dia.

Havia três colunas, uma para a Arma A (a que alvejara Colherada), uma para a Arma B (a portada por Scarface) e uma para a Arma C (a usada para atirar na Sra. Caldwell e em Rachel). Havia muitas expressões específicas como tipo de amostra, sequência de tiros, tipo de arma, peso do projétil, tipo de cartucho/projétil, velocidade de impacto e energia de impacto – para você ter uma ideia. Como nada disso me seria útil, passei para o resultado: NEM A ARMA A NEM A ARMA B EQUIVALE À ARMA C.

Epa. Se eu estava lendo direito – e a conclusão não parecia muito difícil de entender –, as armas A e B *não* eram do assassinato da Sra. Caldwell.

Isso era muito importante.

Era mesmo?

Apesar de ser uma ótima evidência física contra Óculos Escuros e Scarface, certamente não provava que eles eram inocentes. A menos que você nunca tivesse assistido a um filme na vida, saberia que, se cometesse um crime com uma arma, seria melhor se livrar dela. Essa não era a conclusão mais lógica? Óculos Escuros ou Scarface tinha simplesmente substituído a arma do crime por uma nova.

Só que, é claro, o chefe Taylor não mencionara essa descoberta naquela coletiva de imprensa. Na verdade, fez parecer justo o contrário. Dissera que eles tinham evidência física para prender aqueles caras pelo assassinato de Nora Caldwell.

Mas se os tipos de bala não batiam, qual outra “evidência física” poderia haver? Ou ele estava mentindo? Esse relatório não era uma cópia. Era o original. Por que estaria no escritório particular do chefe Taylor?

Da saleta, ouvi Troy dizer:

– Vou pegar alguma coisa para a gente beber.

Gelei.

– Não precisa. Não estou com sede – recusou Rachel.

Ouvi o sofá ranger, como se Troy estivesse se levantando.

– Só vou demorar um segundo, querida.

Querida?

– Troy? – A voz de Rachel soou coquete, embora eu nem mesmo saiba ao certo o que *coquete* significa.

– Sim?

– Por favor, não me deixe agora.

Ah, droga. Eu tinha que me apressar.

Dei uma olhada nas próximas páginas até chegar a uma intitulada RELATÓRIO DO MÉDICO-LEGISTA. O nome no topo era NORA CALDWELL. Havia dois desenhos do corpo humano – de frente e de costas. Passei os olhos por eles, tentando ignorar os jargões científicos. Segundo as descobertas, a morte se devia a grandes lesões causadas por um ferimento a bala na cabeça. Eu já sabia disso. O médico-legista podia dizer pelos “padrões de queimadura” que aquele era um “tiro de contato” – isto é, o cano da arma fora encostado na cabeça da vítima. Rachel também havia me dito isso e algo

ainda me incomodava.

Mas o quê?

Tentei visualizar a cena do crime. O atirador entra na saleta dos Caldwells. Encosta o cano da arma na cabeça da Sra. Caldwell e a executa. Ouvindo aquele tiro, Rachel entra correndo na sala. O atirador ergue a arma e a aponta para ela...

Espere. Agora eu via o problema.

Rachel não havia me dito que ouviu um tiro. Só falara de vozes altas. Foi isso que a fez descer a escada e ir dar uma olhada na saleta. Não o tiro. Vozes.

Ouvi um barulho lá fora e olhei pela janela. Um carro de polícia acabara de parar em frente à casa.

Ah, não.

Olhei para Ema. Ela estava fazendo um gesto para eu me apressar. Fiz-lhe um sinal para ir embora. Ela assentiu e desapareceu. Olhei de novo pela janela. O chefe Taylor já estava fora do carro, indo para a casa. Parecia perturbado.

Ouvi Troy dizer:

– Droga, meu velho voltou.

Ao me levantar depressa, dei uma última olhada no arquivo. Foi quando vi as palavras *resíduos de pólvora na mão* destacadas em amarelo. Espere. Arrisquei mais uma espiada e, quando fiz isso, o chefe Taylor mudou de direção bruscamente e começou a ir para...

A porta dos fundos!

Ah, droga, eu estava encurralado.

Procurei um lugar no escritório para me esconder, mas não havia nenhum. Fiquei agachado e espiei. O policial estava se aproximando. Eu não tinha chance alguma de sair dali. Talvez eu pudesse sair pela janela quando ele entrasse. Tentei abri-la, mas estava emperrada.

Eu teria que sair correndo. O que mais poderia fazer?

Minhas esperanças haviam se esgotado quando a porta da frente se abriu.

– Chefe Taylor?

Era Rachel.

– Chefe Taylor? Oi, sou eu.

Rachel começou a dar risadinhas de novo. O som era ridículo e irritante. Mas o policial parou e se virou para ela.

– Oi, Rachel.

– Ahn, posso falar com o senhor por um segundo?

Ela saiu da casa. Taylor pareceu inseguro. Olhou de relance para o caminho dos fundos, suspirou e começou a ir na direção dela.

– O que é? – perguntou ele.

Não esperei nem um minuto.

Virei-me, passei rapidamente pela cozinha e saí pela porta dos fundos. Corri na direção do bosque do terreno. Ema tinha planejado um ponto de encontro. Ela estava lá esperando por mim.

Eu a estava quase alcançando quando percebi duas coisas.

Uma era que agora eu sabia quem havia matado a Sra. Caldwell e atirado em Rachel.

A outra era que eu havia deixado o arquivo do assassinato aberto na escrivaninha do chefe Taylor.

capítulo 45

NÃO ESPERAMOS RACHEL ENCONTRAR um jeito de sair da casa dos Taylors. Ela era crescida. Descobriria um sozinha. Além disso, eu tinha coisas a fazer antes de me encontrar com ela.

– E aí? – perguntou Ema. – O que você descobriu?

– Tenho que refletir sobre isso.

Ema balançou a cabeça.

– Sério, sabe como é irritante quando você diz coisas assim?

– É, acho que sei.

– Então reflita conversando comigo.

Eu não queria fazer isso, portanto apenas lhe contei o que tinha visto. O celular dela vibrou. Ema olhou para a tela.

– É minha mãe.

Ainda parecia muito estranho a “mãe” dela ser uma das mulheres mais glamourosas do mundo.

Ema pegou o telefone com um suspiro e falou muitos “Estou bem, mãe” antes de desligar e se virar para mim.

– Seu tio está com ela. Os dois querem que a gente vá para casa imediatamente.

Por mim tudo bem. Queria ficar um pouco sozinho. Queria refletir sobre aquilo e pensar bem em meu próximo passo. Acima de tudo, queria que Ema estivesse em um lugar seguro e longe de mim. Já havia feito um amigo levar um tiro. Não gostava da ideia de pôr outro em risco.

Então Ema e eu seguimos caminhos separados. Fui para casa, ainda perdido em meus pensamentos. Eu tinha entendido o que acontecera na casa dos Caldwells. Pelo menos a maior parte. Estava tendo dificuldade em fazer todas as peças se encaixarem. Sabia que só havia um modo de obter as respostas de que precisava. Isso envolveria me pôr em mais perigo. Também não gostava disso. Havia uma linha tênue entre ser audaciosamente corajoso e estupidamente suicida – e eu não estava disposto a descobrir o quão tênue ela era.

Mas que escolha eu tinha?

Quando cheguei em casa, desci ao porão e enviei uma mensagem de texto para Rachel: **saiu?**

Rachel: **estou saindo da casa de troy agora.**

Que bom. Não me dei o trabalho de responder. Sabendo que ela não estaria lá, liguei para o telefone da casa de Rachel. Ao fazer isso, a porta da frente se abriu e Myron entrou.

– Mickey?

Coloquei minha mão sobre o fone.

– Um segundo – respondi.

No terceiro toque, um homem atendeu:

– Alô?

– Sr. Caldwell, aqui é o Mickey Bolitar.

– Ah, oi, Mickey. Rachel não está aqui agora.

– Não telefonei para falar com ela.

- Não?
- Sei o que aconteceu com sua ex-esposa e sua filha.

Agora havia uma estranha tensão na voz dele.

- Então você deveria contar imediatamente para a polícia.
- Quer dizer, o chefe Taylor?
- Sim, é claro.
- Bem, acho que eu poderia contar para ele, mas nós dois sabemos que ele encobriria a verdade.

Houve uma pausa. Pude ouvir a respiração do Sr. Caldwell pelo telefone.

- O que está tentando dizer, Mickey?
- Que nós dois precisamos nos encontrar.
- Então venha à minha casa.
- Prefiro que o encontro seja em outro lugar. Joga basquete, Sr. Caldwell?
- Essa é uma pergunta estranha.
- Eu o encontrarei nas quadras ao ar livre no centro da cidade. Ah, vá com roupas de basquete.

Short e camiseta sem mangas.

- Por quê?
- Porque dessa vez quero ter certeza de que o senhor não está armado.

capítulo 46

RACHEL CONTINUOU A ME TELEFONAR. Continuei a ignorá-la.

De uma árvore a uns 100 metros de distância, vi o Sr. Caldwell chegar em seu BMW. As luzes da quadra estavam acesas, mas ninguém jogava agora. Ele saiu do carro com uma bola de basquete. Acho que isso era para me deixar à vontade. Como eu pedira, ele usava short e camiseta. Era possível esconder uma arma em algum lugar, mas eu duvidava que houvesse alguma.

Nós nos encontramos no meio da quadra. Henry Caldwell parecia exausto. Havia bolsas suficientes sob seus olhos para uma companhia aérea cobrar por excesso de bagagem. Seus cabelos eram frágeis, como se um vento forte pudesse arrancá-los de sua cabeça.

– O que você quer, Mickey?

Agora eu estava em pé no trampolim. Podia mergulhar.

– O senhor estava lá quando sua ex-esposa foi assassinada. Quero saber o que aconteceu.

Ele olhou para a bola em suas mãos.

– Como sabe que eu estava lá?

– Rachel disse que ouviu vozes, de homem e mulher. Uma era a sua. A outra era a de sua ex-esposa.

Ficamos imóveis. Eu devia ter entre 10 e 15 centímetros a mais que ele. Ele ergueu seus olhos escuros para mim.

– Está usando um microfone, Mickey?

– Um microfone?

– Sim. Alguém mais está ouvindo isso? Você está gravando? Erga sua camisa.

Obedeci.

– E quanto ao celular? – perguntou.

Ops.

– O que tem ele?

– Algumas pessoas o deixam ligado para poderem ser ouvidas do outro lado da linha.

Tirei meu celular do bolso, apertando discretamente a tecla de encerrar ligação, e o entreguei para ele. O Sr. Caldwell olhou para a tela. Perguntei-me se ele tinha visto todas as mensagens de texto e chamadas não atendidas de sua filha. Se tinha, não disse nada. Tudo o que fez foi tirar a parte de trás do meu telefone, remover a bateria e me devolvê-lo.

– Comece a falar – pediu ele.

– Olhe, Sr. Caldwell, vi o relatório da polícia.

– Como?

– Isso não é importante.

– Você entrou na casa do chefe Taylor?

– Sr. Caldwell...

– Responda.

– Sua ex-esposa tinha resíduos de pólvora na mão.

– Como?

– Resíduos de pólvora. Isso significa que ela puxou o gatilho.

O rosto dele perdeu a cor.

– O quê? Você ficou maluco? – A voz dele estava cheia de arrogância. Nem raiva nem fúria, mas arrogância. Soava falsa, como se ele estivesse lendo um roteiro. – Aqueles dois bandidos deram os tiros.

Balancei a cabeça.

– Não, senhor, foi sua ex-esposa que deu.

Ele abriu a boca para retrucar, mas nada saiu. Seus ombros arriaram, suas pálpebras pareceram pesadas.

– Sua ex-esposa cometeu suicídio – continuei.

Os olhos do Sr. Caldwell começaram a se encher de lágrimas. Quando abaixou a cabeça, vi o carro de polícia vindo devagar por trás dele. Meu pulso começou a se acelerar.

– É o chefe Taylor? – perguntei.

– Sim.

– O senhor o chamou?

– Você deixou o arquivo aberto na escrivaninha dele. Ele tirou as próprias conclusões.

Senti minha boca seca.

– Você se esqueceu de uma coisa, Mickey.

– O que foi?

– Se a mãe de Rachel atirou nela mesma, quem atirou em Rachel?

Agora estávamos chegando ao ponto que eu queria. Eu sabia, porque no final apenas uma resposta fazia sentido. Nossos olhos se encontraram. Vi dor nos dele. Não havia mais dúvida alguma em minha mente – o Sr. Caldwell estivera lá. Vira sua própria filha levar um tiro.

Mas não foi ele quem atirou nela.

– Sua ex-esposa – concluí, com uma voz que era apenas um sussurro. – Sua ex-esposa atirou em sua filha.

Ele não disse nada. Não precisava.

– Não sei exatamente como tudo se passou. Rachel encontrou sua sacola de ginástica e a escondeu. Contou à mãe que agora sabia a verdade, que acreditava nela. Mais tarde o senhor voltou para casa. Deu falta da sacola. Ficou zangado. Confrontou sua ex-esposa. Foi o que Rachel ouviu, vocês dois discutindo. Sua ex-esposa sacou uma arma. Rachel entrou correndo na sala. Essa era uma das coisas que estava me incomodando. Se Rachel tivesse sido alvejada primeiro, sua ex-esposa nunca teria ficado parada, permitindo que o assassino encostasse a arma na cabeça dela e disparasse daquela maneira.

– Então talvez Nora tenha levado o tiro primeiro – replicou ele, mas não havia nenhuma convicção em sua voz.

– Não, senhor. Rachel foi clara. Ela não ouviu nenhum tiro. Escutou vozes, desceu a escada e correu para a sala. Sua ex-esposa estava segurando a arma. Não sei o que aconteceu de fato. Acho que ela entrou em pânico. Ou talvez tenha tentado atirar no senhor, mas errou o alvo. De qualquer forma, atirou na própria filha. Rachel caiu no chão. Sua ex-esposa não pôde acreditar no que havia

feito. Ficou arrasada. A arma ainda estava em suas mãos...

Parei. O chefe Taylor estacionou o carro bem longe, mas não saiu.

– Estou certo? – indaguei.

– Não totalmente – respondeu o Sr. Caldwell. Ele respirou fundo algumas vezes. – Nora não atirou em mim e errou. Sim, ela sacou a arma. Sim, apontou na minha direção. Mas quando Rachel entrou... ela apenas se virou e atirou. Vi o sangue jorrar. Vi Rachel cair no chão. – Ele fechou os olhos, tentando manter o controle. – Corri na direção da minha filha e tentei estancar o sangue. Nem olhei para Nora. Então ouvi a arma disparar de novo. Eu me virei e... pensando depois nisso, acho que não fiquei surpreso. Nora estava muito perturbada e com tendências suicidas. Havia atirado na própria filha. Tenho certeza de que pensou que Rachel estava morta.

O chefe Taylor saiu do carro e veio em nossa direção.

Será que devia sair correndo? Eu sabia o suficiente. Agora sabia quem atirara em Rachel. Como o chefe Taylor reagiria ao fato de eu saber a verdade?

– Meus amigos sabem onde eu estou – afirmei. – Sabem a história.

– Não acredito em você, Mickey. Não acho que você teve tempo para contar a alguém. De qualquer maneira, isso não importa. – O Sr. Caldwell ergueu seus olhos marejados para mim. – Terminamos?

– Quase. Sua filha foi ferida. Sua ex-esposa se matou. O senhor não ligou imediatamente para o 911, ligou?

– Não, não liguei.

– O senhor telefonou para o chefe Taylor.

– Sim.

– Por isso ele foi o primeiro a chegar à cena do crime. Assim o senhor pôde esconder a verdade e inventar uma invasão aleatória.

Eu não esperava que ele admitisse isso, mas o Sr. Caldwell respirou fundo e confessou:

– Sim.

– Estava com medo de que as pessoas descobrissem a verdade sobre o senhor. Que era um traficante de drogas.

– Não.

O chefe Taylor chegou.

– Oi, Mickey – cumprimentou ele.

Eu o ignorei e mantive meus olhos no Sr. Caldwell.

– O que quer dizer com “não”?

– Quero dizer que você está errado. Eu não estava preocupado com o que as pessoas descobririam sobre mim. Se tudo isso tivesse sido para me proteger, por que acha que o chefe Taylor concordaria em ajudar?

– Ele está na sua folha de pagamentos.

Vi a raiva surgir nos olhos do chefe Taylor, mas não recuei.

– Acha que eu sou um escroque?

– Vá com calma, Ed – pediu Caldwell.

– Ouviu o que ele acabou de dizer?

– É compreensível da perspectiva dele. Apenas se acalme. Ele ainda não entendeu.

Taylor me fuzilou com os olhos.

Ele estava certo. Eu não tinha entendido.

– Do que vocês estão falando?

– Eu não sou um traficante, Mickey.

– E eu não sou um policial corrupto – acrescentou Taylor.

Então, eu soube a verdade. De fato, quando parei para pensar sobre isso, talvez eu a soubesse antes de todos nós chegarmos ali. Houve um motivo para eu marcar aquele encontro sem contar a Rachel ou responder às mensagens de texto constantes dela. De forma subconsciente – ou talvez nem tanto –, eu também não queria que ela soubesse a verdade.

– Você encobriu isso para proteger Rachel – falei.

Taylor manteve a cabeça baixa.

– Não gosto que você fale que encobrimos.

– Mickey – disse o Sr. Caldwell dando um passo à frente de Taylor –, você já notou a marca de queimadura no braço de Rachel?

– Sim.

– Sabe como ela a conseguiu?

Balancei a cabeça.

– Nora fez isso com ela com um ferro de passar.

Eu não sabia o que responder. Olhei para o chefe Taylor. Agora ele estava com a cabeça erguida.

– Na verdade, essa foi a gota d'água. A mãe de Rachel era desequilibrada havia anos. Tentei ficar com ela o máximo que pude. – Ele piscou os olhos com força. – Eu amava Nora. Quando nos conhecemos... – A voz dele sumiu. – Mas a doença roubou tudo dela. Se você tem uma doença cardíaca, as pessoas entendem. Quando o cérebro adoece, bem, é quase impossível entender. Vivi tentando negar aquilo durante muito tempo. Amigos me avisaram. Droga, o Ed aqui me avisou. Eles viam que Nora estava sofrendo um colapso, que ela não estava bem. Tentei obter ajuda, mas ela ficou cada vez pior e então um dia pensou ter visto pequenos insetos atacando sua garotinha. Foi atrás deles com um ferro a vapor na temperatura máxima.

Engoli em seco.

– Rachel se lembra disso?

– Talvez. Não sei. Talvez tenha bloqueado a memória. De qualquer maneira, eu não podia arriscar mais. Enfim, enviei Nora para longe. Ela não queria ir, mas um juiz determinou que fosse internada. Essa foi a decisão mais difícil da minha vida. Falei com muitos médicos. Todos concordaram. Ela era um perigo para si mesma e para nossa filha.

Senti um nó na garganta. Pobre Rachel.

O Sr. Caldwell sorriu para mim, mas não havia nenhuma alegria no seu rosto.

– Tentei contar a Rachel. Tentei explicar. Mas ela era muito nova. Talvez ainda seja. Às vezes ela entendia. Às vezes não. Eu deveria ter passado mais tempo com ela. Não deveria ter me casado de novo tão rápido. Não sei, talvez isso tivesse ajudado. Mas agora não importa. Os anos se passaram. Rachel começou a precisar de alguém. Uma heroína. Alguém que a amasse incondicionalmente.

– A mãe dela?

– Sim.

– E Rachel agora queria acreditar que a mãe estava bem?

– Naturalmente.

– Então Rachel ajudou a mãe a sair do hospital. Ajudou-a a parar de tomar os remédios. Trouxe-a para casa. Convenceu-a de que ela não estava doente.

– Mas a ironia é que ela estava. Nora estava muito doente. Não entende o que aconteceria se Rachel soubesse a verdade, que a mãe tinha atirado nela e depois se suicidado? Pode imaginar a culpa que Rachel sentiria? Por trazê-la para casa? Por ajudá-la a parar de tomar os remédios? Ela nunca superaria isso. Ela se culparia.

Eu entendia.

– Mas espere. Rachel encontrou as drogas que o senhor estava escondendo. Encontrou dinheiro.

– Sim.

– Então talvez tenha sido isso que causou a doença ou ao menos a piorou. O senhor é um traficante.

– Não – insistiu o Sr. Caldwell.

Taylor suspirou.

– Ele trabalha para nós. Bem, para alguém que você conhece no escritório do condado.

Pensei sobre isso e a resposta agora era muito clara.

– O detetive Waters?

– Essa foi uma operação à paisana – explicou o Sr. Caldwell. – Eu estava trabalhando em segredo.

Aquelas drogas deviam ser usadas para pegar Brian Tart e Emile Romero.

Ao longe, ouvi o alarme de emergência da cidade soar.

– Tenho que ir – avisou o chefe Taylor. Ele olhou para mim. – Você vai contar?

Não respondi. Eu tinha pensado que Taylor era um escroque de proporções bíblicas. Agora eu sabia a verdade. Ele a encobriria para proteger Rachel.

O alarme de incêndio soou mais uma vez. Taylor voltou a me encarar. Assenti. Ele fez o mesmo. Uma concordância sem palavras entre nós.

O Sr. Caldwell se aproximou de mim.

– Sei que você e o chefe não se dão bem, mas Ed fez isso por Rachel e por mim. Ele arriscou a própria carreira para nos ajudar. Entende isso?

Olhei para ele.

– O senhor vai contar a verdade para Rachel?

– Sobre eu trabalhar para a polícia? Sim. Vou contar em breve.

Balancei a cabeça.

– Não. Sobre o que realmente aconteceu naquela saleta.

– Não.

Eu fiquei em silêncio.

– Ouça, Mickey. Eu sou o pai dela. Quero o melhor para a Rachel. Você entende isso, não é?

Eu ainda não sabia o que dizer.

Ele colocou a bola de basquete no chão e pôs as mãos em meus ombros. Inclinou-se para perto para ter certeza de que eu o estava olhando bem nos olhos.

– Isso a mataria – explicou o Sr. Caldwell, com uma voz suplicante. – Rachel ficaria confusa. Muito confusa por a mãe ter atirado nela. Não foi o conteúdo daquela sacola que matou Nora. Foi a doença, mas Rachel não vai ver por esse ângulo. Vai achar que, se tivesse deixado as coisas quietas, a mãe ainda estaria viva. Que contribuiu para os delírios da mãe. Que trouxe a mãe para cá e seus atos levaram à morte dela. Vai se dar conta de que a mãe atirou na própria filha e ficou tão aflita com isso, tão atormentada com essa última visão, que pôs fim à própria vida. Entende, Mickey? Eu sou pai. Meu trabalho é proteger minha filha. Entende por que eu não podia deixar Rachel passar o resto da vida com essa culpa?

– Porque a culpa foi dela – concluí, minha voz soando distante mesmo para mim. – Pode haver desculpas. Isso pode ser compreensível. Mas no final o que aconteceu foi culpa de Rachel.

– Sim – concordou o Sr. Caldwell com brandura. – O que é mais um motivo para os que a amam deixarem isso quieto.

Senti-me como se alguém tivesse arrancado minhas entranhas.

– Então o senhor simplesmente deixou Brian Tart e Emile Romero levarem a culpa?

– Há tantas acusações contra eles que essas duas não farão diferença. De qualquer modo, o promotor nunca poderia provar isso. Esse será um daqueles casos em que todos sabem quem fez, mas não haverá necessidade de prová-lo. A polícia não vai investigar muito porque não quer que a verdade apareça. Ainda sou útil trabalhando à paisana. Se isso se tornasse público, arruinaria tudo. Muitos criminosos ficariam livres.

Senti uma nova pontada de tristeza.

– Então todos nós ficaremos calados.

– Para o bem de Rachel. Pode fazer isso, Mickey?

Mas não senti vontade de responder. Eu me virei e caminhei na direção de uma árvore distante.

– Mickey?

Não olhei para trás. Apenas continuei a caminhar. Por fim, o Sr. Caldwell voltou para seu carro. Parei e esperei que ele fosse embora. Então terminei minha caminhada.

Tio Myron estava atrás da árvore.

– Fiquei assustado quando ele pediu para ver seu celular.

– Desliguei antes de entregá-lo.

– Eu ia aparecer, mas em momento algum você me fez o sinal de perigo.

– Eu estava bem – respondi, voltando com ele para o carro –, mas me senti melhor tendo você aqui como apoio.

capítulo 47

EU TINHA QUE COMEÇAR A RESPONDER às mensagens de Rachel.

Quando cheguei em casa, disse-lhe que não descobrira nada de importante nos arquivos do chefe Taylor. Em resumo, menti. Ou pelo menos ganhei mais tempo, porque não sabia o que fazer. Ema também queria saber o que estava acontecendo. Eu não tinha certeza de como agir, mas, no fim das contas, aquilo era um assunto particular de Rachel, não meu, por isso o guardei para mim mesmo.

A campainha da porta tocou.

Myron estava ao telefone.

– É o entregador de pizza. Pode atender? O dinheiro está na mesa da cozinha.

Dei o dinheiro para o homem e peguei a pizza. Coloquei-a sobre a mesa, enchi dois copos de água e esperei por tio Myron. Ele veio e se sentou perto de mim.

Tio Myron abriu a caixa. O cheiro delicioso se espalhou como se evocado pelos deuses que estudamos na aula de mitologia. Ele me deu a primeira fatia e depois se serviu de uma. Mordeu-a e exclamou:

– O paraíso.

– Muito boa – concordei.

Ele engoliu.

– Você ainda não quer me dizer com o que tudo aquilo tinha a ver?

– Agradeço o seu apoio.

– Mas?

Estava ficando tarde. Eu estava cansado e confuso.

– Você acha que às vezes é certo mentir?

Myron colocou a fatia na caixa e limpou as mãos em um guardanapo.

– Claro.

– Sério?

– Sério. Essa é a eterna pergunta: os fins justificam os meios?

– E justificam?

Myron sorriu.

– Se alguém tiver uma resposta certa para isso, desconfie. Qualquer um que responda, sem sombra de dúvida, “sim” ou “não” é uma pessoa que não está refletindo bem sobre as coisas.

– Então a resposta é “às vezes”?

– Se fosse sempre ou nunca a vida seria muito mais simples. Mas a vida não é simples.

– Então às vezes é certo mentir?

– É claro. Você já está namorando?

– Não.

– Bem, eis um exemplo: se sua futura namorada lhe perguntar se um determinado vestido a faz parecer gorda, responda que não.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Ahn?

– Quis dizer algo importante. É certo mentir sobre algo importante se a verdade realmente machucará a pessoa?

Myron refletiu.

– Gostaria de dar uma resposta definitiva, Mickey. Mas depende.

– E se um pai lhe pede para mentir para o filho? Para o próprio bem deles? Quero dizer, você não pode simplesmente ir contra a vontade do pai, pode?

– Nossa. Você está mesmo confuso.

Fiquei calado.

– Uma vez eu menti para meu pai – contou tio Myron. – Isso me custou meu relacionamento com seu pai. Às vezes eu me pergunto se, caso eu tivesse dito a verdade...

Ele parou e desviou o olhar. Lágrimas surgiram em seus olhos e escorreram pelo rosto. Sua cabeça pendeu. Senti a raiva começar a crescer em mim. Sim, tio Myron, talvez se você tivesse dito a verdade, talvez se tivesse sido mais compreensivo e gentil, meu pai estivesse vivo, minha mãe não estivesse na reabilitação e eu estivesse longe de você.

Quase explodi naquele momento, mas tio Myron, como se pressentindo o que eu estava prestes a fazer, pôs a mão em meu antebraço.

– Você precisa saber de uma coisa, Mickey. Sempre há um preço a pagar quando você mente. Quando introduz uma mentira em um relacionamento, mesmo com a melhor das intenções, ela sempre fica lá. Sempre que você está com essa pessoa de novo, a mentira também se faz presente. Pesa em seus ombros. A mentira para o bem ou para o mal sempre estará com você. Será sua companhia constante. Você entende?

– Entendo. – Afastei a mão dele do meu braço e baixei os olhos para a pizza. – Mas suponha que a verdade arrase a pessoa.

– Então talvez você deva mentir. Porém, precisa saber o preço. Precisa se perguntar se está disposto a pagar por ele.

Eu estava?

Terminamos a primeira fatia em silêncio. Quando pegamos a segunda, Myron disse:

– Está tudo arranjado.

Parei.

– Tudo o quê?

– A exumação do corpo do seu pai. Voaremos para Los Angeles amanhã à tarde. O oficial do condado disse que poderemos trazer o caixão dele no dia seguinte.

Fiquei imóvel, pasmo.

– Tem certeza de que ainda quer levar isso adiante? – perguntou tio Myron.

– Sim, com certeza. – E então, talvez porque eu quisesse me aproximar um pouco dele ou porque meu tio realmente parecesse precisar disto, completei: – Obrigado, Myron.

capítulo 48

NA MANHÃ SEGUINTE, ACORDEI cedo e vesti um dos velhos ternos de Myron. Estava um pouco grande no peito e na cintura, mas serviu. O armário de tio Myron estava cheio de gravatas cor-de-rosa e verdes da empresa de roupas de um amigo, mas consegui encontrar uma mais escura e sóbria adequada para a ocasião.

Meu celular tocou. O visor mostrava: KASSELTON HIGH SCHOOL.

– Alô?

– Mickey, é o treinador Grady.

– Ah. – Sentei-me. – O que posso fazer pelo senhor?

– Acabei de falar pelo telefone com o chefe Taylor. Taylor me falou que todas as acusações contra você foram retiradas. Na verdade, ele acha que você foi bastante injustiçado.

Apertei o telefone com mais força.

– Mickey?

– Estou ouvindo, treinador.

– Bem, quando eu estou errado, reconheço. Você não está mais suspenso do time. Nós o veremos no treino segunda-feira à tarde.

Quase pulei de alegria, mas então me lembrei de onde estava e do que aconteceria e então parei, agradei ao técnico por ligar e terminei de pôr minha gravata.

– Quer uma carona? – perguntou tio Myron.

– Prefiro ir a pé.

– Não sei se entendo por que você vai. Quero dizer, isso é de fato triste, mas o garoto desapareceu 25 anos atrás. Obviamente você não o conhecia.

Não me dei o trabalho de retrucar.

– Mickey?

– Sim?

– Conhecendo ou não esse garoto, você parece muito feliz para quem está indo a uma cerimônia em memória de alguém.

Decidi lhe contar.

– O treinador Grady acabou de ligar. Estou de volta ao time.

Sem aviso, Myron me envolveu com seus braços e me puxou para perto. No início, meu corpo se retesou, mas logo relaxou. Ambos entendíamos como o jogo era importante. Nem mesmo Ema entendia tão bem quanto Myron. Eu não cheguei a abraçá-lo também, mas fiquei parado e o deixei me abraçar. Depois pensei em como Colherada gostava de abraços e afastei gentilmente meu tio.

Corri durante a maior parte do caminho para a cerimônia, extravasando aquela emoção estúpida, e quando reduzi minhas passadas, lembrei por que estava ali. Pensei na falsa fotografia do Carniceiro. Pensei em dona Morcega, tentando adivinhar onde ela estaria. Pensei em Ema, que queria saber a identidade do pai, e em minha busca pela verdade sobre o meu próprio pai. Pensei em Colherada e senti uma pontada de dor tão fundo em meu coração que mal pude respirar. E,

principalmente, pensei em Rachel, em como o pai dela desejava protegê-la e no que eu deveria fazer em relação a isso, se é que era para eu tomar alguma atitude.

O sino da igreja tocou. O sol incidia na torre como se zombando da tristeza. Havia uma fotografia ampliada de Dylan Shaykes em um cavalete na frente da porta. Era a mesma imagem do garoto de cabelos cacheados e olhar triste que eu vira no corredor de dona Morcega.

A igreja estava quase toda cheia. O organista tocou algo apropriadamente triste. As pessoas se comunicavam por meio de sussurros, embora estivessem ainda mais quietas e respeitosas do que em geral se portavam em uma igreja. Sentei-me em um banco perto dos fundos e examinei o ambiente. A mesma fotografia de Dylan Shaykes estava no altar.

Olhei ao redor procurando um rosto familiar, mas até agora ele não aparecera.

A música do órgão parou exatamente às nove da manhã. Os sussurros deram lugar ao silêncio. A cerimônia começou. A mãe de Dylan tinha falecido, mas o pai dele, o homem de quem as autoridades suspeitaram no início, estava sentado na parte da frente, no centro. Ele tinha fartos cabelos grisalhos, quase brancos, e usava um paletó de tweed.

A primeira pessoa a falar foi um amigo de infância de Dylan. O contraste era surpreendente. Nós olhamos para a foto de um garoto desaparecido de 9 anos e agora esse homem na casa dos 30 falava sobre ele – sobre como Dylan gostava de beisebol e colecionava cartões dos jogadores, sobre como gostava de andar pelo bosque e estudar borboletas.

Aposto que uma em particular.

A sala estava ainda mais silenciosa agora, como se o próprio prédio prendesse a respiração. Vinte e cinco anos atrás um garotinho fora raptado do pátio de uma escola. Então, como se seguindo uma deixa, aquele garotinho entrou na igreja.

Fiquei paralisado.

Ele permaneceu em pé nos fundos por um momento, agora adulto, antes de encontrar um lugar no último banco. Usava óculos escuros. Ninguém além de mim o viu entrar. Ninguém além de mim sabia quem ele realmente era.

Quando o primeiro amigo parou de falar, deslizei devagar para fora do meu banco e fui para trás. Vi a surpresa no rosto dele ao me avistar. Ele se levantou e começou a se dirigir à saída. Saiu depressa para o sol quente. Eu o segui.

À frente dele, estava o carro preto familiar.

– Pare – pedi.

Cabeça Raspada se virou devagar. Ele tirou os óculos escuros e se aproximou de mim. Não daria para notar se a pessoa olhasse casualmente para ele. Os cabelos cacheados não existiam mais. O garoto na fotografia era magro como um espantalho e esse homem era alto e forte. A única coisa que poderia traí-lo, quando ele estava sem os óculos, era seu olhar. Ainda era um pouco triste.

– Então agora você sabe – disse Cabeça Raspada.

– Eu sei, mas não entendo.

Um pequeno sorriso surgiu nos lábios dele.

– Se você está vivo – continuei –, por que não contou para ninguém? O que aconteceu com você?

Ele não respondeu.

– O Abrigo Abeona o salvou?

– Acho que se poderia dizer que sim.

– E onde está dona Morcega? Não estou entendendo nada. A foto que ela me deu havia sido adulterada. Não era do Carniceiro.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Tem certeza?

– Como assim?

– O homem na foto é o Carniceiro.

– Mas...

– Ele é o *seu* Carniceiro, Mickey. Era isso que ela queria que você entendesse.

Cabeça Raspada, também conhecido como Dylan Shaykes, foi até a porta de vidro da igreja e olhou para o pai sentado no banco da frente.

– Todos nós temos o nosso Carniceiro.

Senti todo o meu corpo começar a tremer. Lembrei-me das palavras dele depois de Rachel ser baleada. Eu perguntara por que nós – Colherada, Ema, Rachel e eu – tínhamos sido escolhidos.

“Por que vocês?”, respondera ele. E então, parecendo arrasado, acrescentara: “Por que eu?”

Engoli em seco.

– Você foi raptado ou salvo?

Ainda olhando para o pai, ele falou:

– Às vezes nem eu sei.

– Dylan?

Ele fechou os olhos.

– Não me chame assim.

– Meu pai ainda está vivo?

Ele ficou em silêncio.

– Vou para Los Angeles. Vamos abrir a sepultura do meu pai.

Dylan se virou na minha direção.

– O que descobriremos? – perguntei.

Ele pôs as mãos em meus ombros e sorriu.

– A verdade. – Solto-me e começou a ir para o carro preto. – Boa sorte, Mickey.

– Onde está dona Morcega?

– Ela está bem. Voltará logo com outra missão para vocês.

– Meu amigo levou um tiro.

– Eu sei.

– Como ele está?

– Ele não está bem, mas...

– Mas o quê?

Dylan parou e voltou-se para mim.

– Há uma coisa que você deve saber sobre nós, sobre todos os escolhidos para o Abrigo Abeona.

Aguardei.

– O que é?

As portas da igreja se abriram e os paroquianos começaram a sair.

– Somos mais fortes do que pensamos – respondeu Dylan, acomodando-se no banco traseiro do carro preto. – E não importa aonde sejamos levados, sempre devemos buscar a verdade.

capítulo 49

ANTES QUE EU PEGASSE O AVIÃO para Los Angeles, havia tempo suficiente para dar um último passo importante.

Mesmo quando Rachel fez o portão se abrir para mim, eu não sabia exatamente o que faria. Pensei no que o Sr. Caldwell dissera. Ele queria proteger a filha. Isso era um direito dele como pai, não era? Pensei em meu próprio pai e no modo como ele me protegera. Quem era eu para interferir nisso? Por que forçar Rachel a conviver com a culpa de ter causado a morte da mãe? Um pai havia refletido e tomado uma decisão sobre o que seria melhor para sua filha.

Quem era eu para contradizê-lo?

Se Rachel não tivesse aparecido naquele instante, eu teria voltado para casa. Foi apenas uma questão de segundos. Ela viu minha expressão e perguntou:

– Mickey? O que foi? Deu algo errado?

Não respondi.

– Mickey?

Naqueles segundos, pensei no que tio Myron havia dito, sobre como a mentira nunca deixa você. Pensei no Abrigo Abeona, nos meus amigos e no que Dylan Shaykes dissera. Sim, Ema, Colherada, Rachel e eu tínhamos originalmente juntado forças para salvar Ashley, mas o que nos mantinha unidos, o nosso elo inquebrável, era a necessidade de saber a verdade.

Olhei para Rachel e senti a força dela. A verdade poderia magoá-la, é claro, mas não como uma mentira que durasse a vida inteira. E esqueça Dylan Shaykes: Colherada tinha dito tudo enquanto lutava contra a dor na cama de hospital.

Você não pode desistir até descobrirmos a verdade.

– Mickey? – repetiu Rachel. – O que foi? Você está me assustando.

Aquela não era uma decisão fácil. Tio Myron havia me avisado de que a vida raramente era simples. Mas eu havia prometido a Colherada que não desistiríamos enquanto não descobríssemos a verdade. Sacrifícios não valem a pena quando implicam que uma amiga deva viver uma mentira feliz.

– Tenho que contar uma coisa para você – comecei, tomando a mão dela na minha.

Ela me encarou.

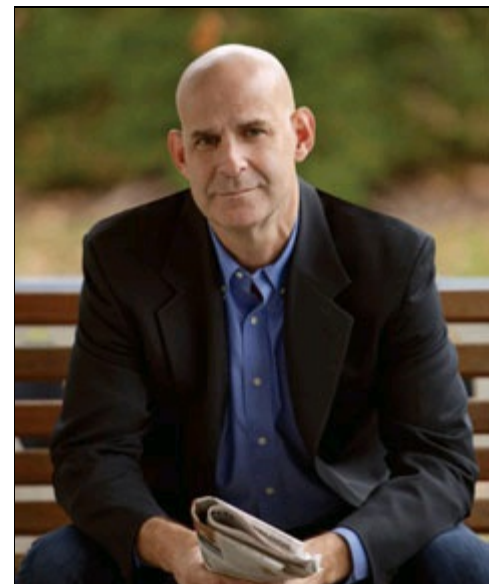
– É assim tão ruim?

– Sim.

Rachel engoliu em seco e manteve a cabeça erguida.

– Estou ouvindo.

E então eu lhe contei a verdade.



HARLAN COBEN é autor de *Refúgio* (primeiro livro da série de Mickey Bolitar), *Fique comigo*, *Confie em mim*, *Não conte a ninguém*, *Desaparecido para sempre* e *Cilada* e dos livros protagonizados por Myron Bolitar – *Quebra de confiança*, *Jogada mortal*, *Sem deixar rastros*, *O preço da vitória*, *Quando ela se foi* e *Alta tensão* (Arqueiro) –, além de *A promessa*, *Silêncio na floresta*, *Não há segunda chance* e *O inocente* (Arx). Esses dois últimos serão relançados pela Arqueiro.

Vencedor de diversos prêmios, é o único escritor a ter recebido a trinca de ases da literatura policial americana: o Anthony, o Shamus e o Edgar Allan Poe, todos por livros da série de Myron Bolitar. Suas obras já foram traduzidas para 41 idiomas.

Aclamado na França, Coben é conhecido como “o mestre das noites em claro”. Seu livro *Não conte a ninguém* foi transformado no premiado filme homônimo estrelado por Kristin Scott Thomas e François Cluzet, disponível no Brasil em DVD.

Harlan nasceu em Newark, Nova Jersey. Depois de se formar em ciência política, trabalhou no setor de turismo. Hoje mora em Nova Jersey com os quatro filhos e a esposa.

www.harlancoben.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR

Não conte a ninguém
Desaparecido para sempre
Não há segunda chance
O inocente
Silêncio na floresta
Confie em mim
Cilada
Fique comigo

SÉRIE MICKEY BOLITAR

Refúgio

SÉRIE MYRON BOLITAR

Quebra de confiança
Jogada mortal
Sem deixar rastros
O preço da vitória
A promessa
Quando ela se foi
Alta tensão

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e *Cilada*, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



Twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br